



TEOLOGIA SISTEMÁTICA II
Pr. **Ciro Sanches Zibordi**

TEOLOGIA SISTEMÁTICA II

Pr **Ciro Sanches Zibordi**
(Compilado)

Copyright © 2010 by **Ciro Sanches Zibordi**

Capa, Diagramação e Designer: **Márcio Rochinski**

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados a **Denobi e Acioli Empreendimentos Educacionais**.

O conteúdo dessa obra é de inteira responsabilidade do autor.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Gráfica Lex Ltda

2ª Edição – Jun/2010

DIRETORIAS E CONSELHOS

Diretor

Pr Hércules Carvalho Denobi

Vice-Diretora

Eliane Pagani Acioli Denobi

Conselho Consultivo

Pr Daniel Sales Acioli – Apucarana-PR

Pr Perci Fontoura – Umuarama-PR

Pr José Polini – Ponta Grossa-PR

Pr Valter Ignácio – Guaíra-PR

Coordenação Pedagógica

Dagma Matildes de Sousa dos Santos – Apucarana-PR

Coordenação Teológica

Pr Genildo Simplício – São Paulo-SP

Dc Márcio de Souza Jardim – Guaíra-PR

Assessoria Jurídica

Dr Mauro José Araújo dos Santos – Apucarana-PR

Dr Carlos Eduardo Neres Lourenço – Curitiba-PR

Dr Altenar Aparecido Alves – Umuarama-PR

Dr Wilson Roberto Penharbel – Apucarana-PR

Autores dos Materiais Didáticos

Pr José Polini

Pr João A. de Souza Filho

Pr Ciro Sanches Zibordi

Pr Genildo Simplício

Pr Jamiel de Oliveira Lopes

Pr Marcos Antonio Fornasieri

Pr Sérgio Aparecido Guimarães

Pr José Lima de Jesus

Pr José Mathias Acácio

Pr Reinaldo Pinheiro

Pr Edson Alves Agostinho

Rubeneide O. Lima Fernandes

Zilma J. Lima Lopes

NOSSO CREDO

-  Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: O Pai, Filho e o Espírito Santo. (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).
 -  Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2Tm 3.14-17).
 -  Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34 e At 1.9).
 -  Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23 e At 3.19).
 -  Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).
 -  No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9).
 -  No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6 e Cl 2.12).
-

-  Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14 e 1Pe 1.15).
-  No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).
-  Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (1Co 12.1-12).
-  Na Segunda Vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira - invisível ao mundo, para arrebatara sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda - visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16. 17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 14).
-  Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2Co 5.10).
-  No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15).
-  E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

ABREVIações

- a.C. – antes de Cristo.
ARA – Almeida Revista e Atualizada
ARC – Almeida Revista e Corrigida
AT – Antigo Testamento
BV – Bíblia Viva
BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje
c. – Cerca de, aproximadamente.
cap. – capítulo; caps. – capítulos.
cf. – confere, compare.
d.C. – depois de Cristo.
e.g. – por exemplo.
Fig. – Figurado.
fig. – figurado; figuradamente.
gr. – grego
hb. – hebraico
i.e. – isto é.
IBB – Imprensa Bíblica Brasileira
Km – Símbolo de quilometro
lit. – literal, literalmente.
LXX – Septuaginta (versão grega do AT)
m – Símbolo de metro.
MSS – manuscritos
NT – Novo Testamento
NVI – Nova Versão Internacional
p. – página.
ref. – referência; refs. – referências
ss. – e os seguintes (isto é, os versículos consecutivos de um capítulo até o seu final. Por exemplo: 1Pe 2.1ss, significa 1Pe 2.1-25).
séc. – século (s).
v. – versículo;
vv. – versículos.
ver - veja

SUMÁRIO

Lição I – A DOCTRINA DA TRINDADE.....	11
ATIVIDADES - LIÇÃO I.....	34
Lição II – A DOCTRINA DE DEUS PAI - TEOLOGIA	35
ATIVIDADES – LIÇÃO II	73
Lição III – A DOCTRINA DE JESUS CRISTO	75
ATIVIDADES – LIÇÃO III	121
Lição IV – A DOCTRINA DE ESPÍRITO SANTO – PNEUMATOLOGIA	
1ª PARTE	123
ATIVIDADES – LIÇÃO IV.....	145
Lição V – A DOCTRINA DE ESPÍRITO SANTO – PNEUMATOLOGIA	
2ª PARTE	147
ATIVIDADES – LIÇÃO V.....	177
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	178

Lição I

A Doutrina da Trindade

A DOCTRINA DA TRINDADE

No departamento da Teologia Sistemática, mais precisamente na matéria Teologia (ou Teontologia), estudamos a respeito dos atributos de Deus, como a sua unidade e a sua trindade. Como veremos, neste livro, a doutrina da

Trindade não compromete a unidade de Deus.

Trataremos, pois, da história, do conceito e dos fundamentos bíblicos da doutrina da Trindade. Não há contradição entre o monoteísmo do Antigo Testamento e a Trindade cristã, haja vista o mesmo e único Deus subsistir eternamente em três Pessoas. Ele é um só Senhor em três Pessoas, e não três Deuses.

I - CADA PESSOA DA TRINDADE É DEUS

A Palavra do Senhor descarta a ideia de triteísmo (três Deuses) e de unicismo. A Trindade pode ser definida como a união de três Pessoas — o Pai, o Filho e o Espírito Santo — em uma só divindade. Tais Pessoas, embora distintas, são iguais, eternas e da mesma substância. Ou seja, Deus é cada uma dessas Pessoas.

As Escrituras Sagradas ensinam que há um só Deus, e que Ele é um só. Elas ensinam que o Pai é Deus pleno, com todos os atributos da divindade (1Co 8.6); e que o Filho é Deus, e não apenas parte da divindade: “porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2.9). E elas também asseveram que o Espírito Santo é Deus (At 5.3-4).

II - A TRINDADE NO TETRAGRAMA YHWH

A Palavra de Deus afirma que a Trindade é Deus. Vemo-la no tetragrama YHWH. Nesse caso, quando lemos o nome “Deus” ou “Senhor”, nas Escrituras, precisamos entender que esses termos podem ser aplicados à Trindade, isoladamente ou da mesma maneira, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

2.1 – TEXTOS QUE REVELAM UNIDADE NA TRINDADE

Analisemos algumas passagens bíblicas que revelam a unidade na Trindade:

- 1) “E há de ser que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; porque no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento, assim como o Senhor tem dito, e nos restantes que o Senhor chamar” (Jl 2.32). Neste texto, o tetragrama, segundo o Novo Testamento, é uma referência ao Senhor Jesus (Rm 10.13).
- 2) “E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem traspassaram; e o prantearão como quem pranteia por um unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito” (Zc 12.10). Temos, nesta passagem, uma profecia escatológica; o Deus Jeová de Israel promete proteger Jerusalém e seus moradores.
Observe a expressão: “e olharão para mim, a quem traspassaram”. Quem foi ao Céu traspassar a Jeová? Trata-se, naturalmente, de uma referência a Jesus, quando foi traspassado no Gólgota: “E outra vez diz a Escritura: Verão aquele que traspassaram” (Jo 19.37).
- 3) “E disse ela: Os filisteus vêm sobre ti, Sansão. E despertou do seu sono e disse: Sairei ainda esta vez como dantes e me livrarei. Porque ele não sabia que já o Senhor se tinha retirado dele” (Jz 16.20). O contexto desta referência mostra que YHWH se refere ao Espírito Santo (Jz 15.14).

Esses dados da revelação nos parecem complexos, mas essa aparente complexidade não é sinônima de contradição. Não há, na verdade, contradição nas Escrituras; estamos lidando com um Ser que é infinito. Como escreveu Chafer: “A doutrina como apresentada nas Escrituras é, portanto, aceitável ainda que não explicável”.

2.2 - DEUTERONÔMIO 6.4 ✓

“Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor”. É evidente que esta passagem bíblica refere-se ao Deus Trino, à Trindade — como veremos abaixo. Nela, temos tanto o termo “Deus” como o tetragrama YHWH. A sua ênfase é o monoteísmo, que se tornou ao longo dos séculos a confissão de fé dos judeus.

Ainda hoje, os judeus religiosos recitam esse versículo três vezes ao dia. O termo hebraico usado para “único” (*'ehad*) indica unidade composta. No famoso Shemá de Deuteronômio 6.4... a questão da diversidade dentro da unidade tem implicações teológicas. Alguns eruditos têm pensado que, embora “um” esteja no singular, o uso da palavra abre espaço para a doutrina da Trindade.

A expressão hebraica YHWH *'ehad* traduz-se também por “Jeová é um”; esta construção hebraica aparece em Zacarias 14.9: “naquele dia um só será Jeová, e um só o seu nome” (Tradução Brasileira). A palavra apropriada hebraica para “unidade absoluta” é *yâhîd*, que traz a idéia de “solitário, isolado”, mas não é esse é o termo usado em Deuteronômio 6.4.

Em Gênesis 2.24, a palavra *'ehad* é usada para dizer que o marido e a mulher são ambos “uma só carne”. O Novo Testamento não contradiz o Antigo, porém torna explícito o que dantes estava implícito: a unidade de Deus não é absoluta; e sim composta. O Antigo Testamento revela a unidade na Trindade, ao passo que o Novo revela a Trindade na unidade.

A doutrina da Trindade não neutraliza nem contradiz a doutrina da unidade; nem esta anula a da Trindade, que, conforme

pregada pelos cristãos que seguem a Palavra do Senhor consiste em um só Deus em três Pessoas, e não três Deuses; isso seria apenas uma tríade, e não a Trindade.

III - DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA DOCTRINA DA TRINDADE

O termo “trindade” não aparece nas Escrituras Sagradas; é uma formulação posterior. O fato de a nomenclatura vir depois do fechamento do cânon sagrado não significa que a doutrina da Trindade não exista ou que não seja bíblica. De caráter teológico, a palavra em apreço foi atribuída à divindade, no final do segundo século, por Tertuliano de Cartago, ao escrever contra o unicismo.

Depois da metade do segundo século, surgiu um movimento em torno do monoteísmo cristão, o Monarquianismo. Seus defensores dividiam-se em dois grupos: os dinâmicos (diziam que Cristo era Filho de Deus por adoção); e os modalistas (ensinavam que Cristo apenas era uma forma temporária da manifestação do único Deus). Tertuliano chamou-os de monarquianistas — gr. monarchia, “governo exercido por um único soberano”.

3.1 - MONARQUIANISMO DINÂMICO

Os principais representantes da Cristologia dinâmica ou adocionista foram Teodoro de Bizâncio e Paulo de Samosata. Teodoro, “o curtidor”, discípulo dos alogoi, grupo que rejeitava a doutrina do Logos e aceitava o Evangelho de João com certa ressalva, foi o primeiro monarquianista dinâmico de importância. Chegou a Roma, em 190, e foi ex-comungado em 198.

Para os monarquianistas dinâmicos, Jesus era apenas um homem de vida santa que nasceu de uma virgem, sobre o qual desceu o Espírito Santo, por ocasião do seu batismo, no rio Jordão. Alguns de seus discípulos rejeitavam qualquer direito divino em

Jesus, enquanto outros afirmavam que Ele teria se tornado divino, em certo sentido, por ocasião da sua ressurreição. Hipólito (170-236) rebateu todas essas falaciosas crenças (Refutação de Todas as Heresias, VII, 23).

O mais famoso monarquianista dinâmico foi Paulo de Samosata, bispo de Antioquia entre 260 e 272. Descrevia o Logos como atributo impessoal do Pai. Eusébio de Cesaréia disse que ele “nutria noções inferiores e degradadas de Cristo, contrárias à doutrina da igreja, e ensinava que quanto à natureza Ele [Jesus] não passava de homem comum” (História Eclesiástica, 7, XXVII). Suas idéias foram examinadas por três sínodos, entre 264 e 269, e o último excomungou-o.

3.2 - MONARQUIANISMO MODALISTA

Não negava a divindade do Filho nem a do Espírito Santo, mas, sim, a distinção dessas Pessoas, o que é diametralmente oposto aos ensinamentos do Novo Testamento, que assevera que há uma unidade composta de Deus em três Pessoas distintas. Os modalistas pregavam a unidade absoluta de Deus, coisa que nem mesmo o Antigo Testamento ensina. Para apoiar tal ensino, “mutilaram” textos neotestamentários.

Seus principais representantes foram: Noeto, Práxeas e Sabélio. Segundo Hipólito, Noeto era natural de Esmirna e ensinava que Cristo era o próprio Pai, e que o próprio Pai nasceu, sofreu e morreu (Contra Todas as Heresias, 10.23). Cipriano, bispo de Cartago, chamou tal heresia de patripassionismo (Epístolas, 72.4), do latim *Pater*, “Pai”, e *passus* de *patrior*, “sofrer”.

Práxeas foi discípulo de Noeto, e o seu principal opositor foi Tertuliano. Em *Contra Práxeas I*, Tertuliano disse: *“Práxeas fez duas obras do demônio em Roma: expulsou a profecia e introduziu a heresia; afugentou o Paráclito e crucificou o Pai”*.

Dessa última escola destacou-se o bispo Sabélio, que se tornou um grande líder desse movimento (por isso, os seus

seguidores foram chamados de sabelianistas ou sabelianos). Por volta de 215, Sabélio já ensinava suas doutrinas em Roma, de que Pai, Filho e Espírito Santo seriam nomes, seriam “prosopa” (semblantes, faces), e não seres independentes; seriam reais em energias consecutivas; um viria depois do outro, aparecendo o mesmo Deus em faces diferentes. Tratar-se-ia, pois, do mesmo Deus agindo na História por meio de três semblantes.

Hipólito, em *Contra Todas as Heresias*, refutou essas ideias, que hoje são defendidas pelos unicistas.

3.3 - ARIANISMO

É o nome da doutrina formulada por Ário e do movimento que ele fundou em Alexandria, no Egito, na primeira metade do quarto século. Ário era presbítero em Alexandria, no ano 318, quando a controvérsia começou. Sua doutrina contrariava a crença ortodoxa seguida pela da igreja.

A controvérsia girava em torno da eternidade de Cristo. Atanásio (296-373), o inimigo implacável da doutrina de Ário, dizia que o Filho é eterno e da mesma substância do Pai; ou seja, homoiousios, “da mesma substância; consubstancial; o termo central para o argumento de Atanásio contra Ário e a solução do problema trinitariano oferecido no Concílio de Nicéia (325 d.C.)”.

Ário, por outro lado, dizia que o Senhor Jesus não era da mesma natureza do Pai; era criatura, criado do nada, uma classe de natureza inferior à do Pai, nem divina e nem humana — uma terceira classe entre a deidade e a humanidade.

Segundo Ário, “Somente Deus Pai seria eterno e não gerado. O Logos, o Cristo pré-existente, seria mera criatura. Criado a partir do nada, nem sempre existira”. Os seus seguidores usavam a palavra anomoios — “dessemelhante; um termo usado pelos arianistas extremistas da metade do quarto século, os assim chamados anomoianos, para arguir que a essência do Pai é totalmente dessemelhante da do Filho”.

Depois do Concílio de Nicéia, a controvérsia continuou, mas havia um grupo intermediário, semi-niceno, meio-atanasiano e meio-ariano, que afirmava ser o Filho de natureza similar ou igual, e não da mesma natureza ou substância do Pai. Apoiavam-se no termo *homoiousios* — “de substância similar, aparência”; “de substância semelhante; um termo usado para descrever a relação do Pai para o Filho pelo partido não atanasiano, não ariano na igreja, seguindo o Concílio de Nicéia”.

Essa discussão chamou a atenção do povo e também ganhou conotação política, considerada, hoje, como a maior controvérsia da história da igreja cristã. O imperador romano Constantino enviou mensageiros, com o propósito de uma conciliação, porém foi tudo em vão.

Constantino, então, convocou um concílio na cidade de Nicéia, na Bitínia, Ásia Menor — hoje Iznik, na Turquia —, aberto em 19 de junho de 325, com a participação de 318 bispos provenientes do Oriente e do Ocidente, mas apenas vinte apoiaram a causa arianista, não obstante a sua grande popularidade.

Em Nicéia, o credo aprovado era decisivamente anti-arianista; apenas dois bispos não o assinaram. Até Eusébio da Nicomédia, arianista, assinou o credo elaborado nesse concílio. Depois, os pais capadócijs Basílio de Cesaréia, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa se encarregaram de “elucidar, definir e defender a doutrina trinitariana”.

A formulação da doutrina da Trindade é o resultado dessas controvérsias cristológicas, na tentativa de harmonizar o monoteísmo com a deidade absoluta do Filho.

3.4 – OS CREDOS

3.4.1 - O Credo Niceno

Este, como vimos, veio do Concílio de Nicéia, que tratou da controvérsia arianista. Seu conteúdo enfatiza a divindade de Jesus Cristo e é, ao mesmo tempo, uma resposta à Cristologia de Ário:

“Cremos em um só Deus, Pai Onipotente, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. Em um só Senhor Jesus Cristo, Verbo de Deus, Deus de Deus, Luz de Luz, Vida de Vida, Filho Unigênito, Primogênito de toda a criação, por quem foram feitas todas as coisas; o qual foi feito carne para nossa salvação e viveu entre os homens, e sofreu, e ressuscitou ao terceiro dia, e subiu ao Pai e novamente virá em glória para julgar os vivos e os mortos. Cremos também em um só Espírito Santo.”

3.4.2 - O Credo DE ATANÁSIO OU ATANSIANO

Depois do Concílio de Nicéia, em 325, muitos documentos circulavam nas igrejas sobre o assunto. O credo que hoje chamamos de Atanasiano expressa o pensamento de Atanásio e tudo o que defendeu durante toda a sua vida, conquanto não haja indícios confiáveis de que o texto seja de sua autoria.

Esse credo não foi mencionado no Concílio de Éfeso, em 431, nem no da Calcedônia, em 451, tampouco no de Constantinopla, em 381. “O credo popularmente atribuído a Atanásio é, de modo geral, considerado um cântico eclesiástico de autoria desconhecida, do século IV ou V”.

Assim declara o Credo Atanasiano:

A fé universal é esta: que adoremos um Deus em trindade, e trindade em unidade; Não confundimos as Pessoas, nem separamos a substância. Pois existe uma única Pessoa do Pai, outra do Filho, e outra do Espírito Santo. Mas a deidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é toda uma só: glória é igual e a majestade é coeterna. Tal como é o Pai, tal é o Filho e tal é o Espírito Santo. (8) O Pai é incriado, o Filho incriado, e o Espírito Santo incriado. O Pai é imensurável, o Filho é imensurável, o Espírito Santo é imensurável. O Pai é eterno, o Filho é eterno, o Espírito Santo é eterno. E, no entanto, não são três eternos, mas há apenas um eterno. Da mesma forma não há três incriados, nem três imensuráveis, mas um só incriado e um imensurável. Assim também o Pai é

onipotente, o Filho é onipotente e o Espírito Santo é onipotente. No entanto, não há três onipotentes, mas sim, um onipotente. Assim, o Pai é Deus, o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus. No entanto, não há três Deuses, mas um Deus. Assim o Pai é Senhor, o Filho é Senhor, e o Espírito Santo é Senhor. Todavia não há três Senhores, mas um Senhor. Assim como a veracidade cristã nos obriga a confessar cada Pessoa individualmente como sendo Deus e Senhor; Assim também ficamos privados de dizer que haja três Deuses ou Senhores. O Pai não foi feito de coisa alguma, nem criado, nem gerado; o Filho procede do Pai somente, não foi feito, nem criado, mas gerado. O Espírito Santo procede do Pai e do Filho, não foi feito, nem criado, nem gerado, mas procedente. Há, portanto, um Pai, e não três Pais; um Filho, e não três Filhos; um Espírito Santo, não três Espíritos Santos. E nessa trindade não existe primeiro nem último; maior nem menor. Mas as três Pessoas são coeternas, são iguais entre si mesmas; de sorte que por meio de todas, como acima foi dito, tanto a unidade na trindade como a trindade na unidade devem ser adoradas.

Mais longo que o Niceno, trata-se de um credo que enfatiza, de modo mais pormenorizado, a Trindade. Durante a Idade Média, dizia-se que Atanásio o escrevera no seu exílio, em Roma, e ofereceu-o ao bispo de Roma, Júlio I, para servir como confissão de fé. Desde o século IX se atribui o credo a Atanásio.

Na verdade, o Credo Atanasiano traz esse nome porque Atanásio defendeu tenazmente a ortodoxia cristã; no entanto, o autor do tal credo é desconhecido. Mencionado pela primeira vez em um sínodo, realizado entre 659-670, o credo em apreço serve como teste da ortodoxia desde o século VII, para os catolicismos romano e ortodoxo, bem como para o protestantismo.

IV - BASES BÍBLICAS DA TRINDADE

O Credo Atanasiano afirma: “Adoramos um Deus em trindade e trindade em unidade. Não confundimos as Pessoas, nem

separamos a substância”. No trinitarianismo — que honra as Escrituras — Jesus é Deus Todo-poderoso. No unicismo, Deus é Jesus. Os modalistas e unicistas de hoje confundem as Pessoas da Trindade. Mas a Palavra de Deus não nos deixa em dúvida, como já vimos: as três Pessoas são distintas.

4.1 – O ANTIGO TESTAMENTO

“No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). A Trindade está implícita no nome divino Elohim. O nome hebraico usado para Deus é Elohim, onde vemos os primeiros vislumbres da Trindade. O verbo está no singular *bārā’*, “criou”, e o sujeito, no plural, Elohim, “Deus”, o que revela a unidade de Deus na Trindade.

Na criação do homem, a Trindade está presente, como lemos em Gênesis 1.26:

“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra.”

As três Pessoas da Trindade atuaram em conjunto. O Filho criou todas as coisas e também o homem (Jo 1.1-3; Cl 1.16); da mesma forma, o Espírito Santo (Jó 33.4; Sl 104.30) e o Pai (Pv 8.22-30). Ou seja, quando falamos do Criador, devemos ter em mente a Trindade, pois as três Pessoas agiram juntas na gloriosa obra da criação de todas as coisas. (ver Gn 3.22; Gn 11.7).

Ora, por que “um de nós”, se Deus é único? Porque essa unidade é, na verdade, uma triunidade. Da mesma forma, encontramos isso em Gênesis 11.7. Por que “desçamos e confundamos”, e não “vou descer e confundir”? Se a Trindade não fosse uma verdade bíblica, que fazer com essas passagens? Dizer que Deus estava falando com os anjos é admitir que os anjos são divinos. Fica, pois, clara e patente a realidade da Trindade nessas passagens mencionadas.

“E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória” (Is 6.3). Outro ponto igualmente importante é essa visão do profeta Isaías, através da qual ele viu o “Senhor”, hb. Adonai (v.1).

Esse mesmo Deus disse: “A quem enviarei e quem há de ir por nós?” (v.8). Notemos, novamente, a pluralidade presente na unidade divina. Mas outro detalhe que não devemos perder de vista, ainda na passagem em apreço, é o fato de o profeta, inspirado pelo Espírito, dizer que a Terra está cheia da glória de Jeová dos Exércitos. Ora, isso está associado ao que retrata o Novo Testamento acerca de Jesus, em João 12.39-41:

Por isso, não podiam crer, pelo que Isaías disse outra vez: Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, a fim de que não vejam com os olhos, e compreendam no coração, e se convertam, e eu os cure. Isaías disse isso quando viu a sua glória e falou dele. (Leia Is 6.8-10).

O texto sagrado mostra que é o Deus de Israel quem fala por meio do profeta. No entanto, o apóstolo Paulo, sob a inspiração divina, afirma que é o Espírito Santo quem fala. (Cf. At 28.25-27).

Isso significa que o Espírito Santo é o mesmo Deus de Israel. E isso é uma evidência de que a visão de Isaías revela a Trindade. Essa doutrina, portanto, embora não tenha sido bem esclarecida nos tempos dos patriarcas, reis e profetas hebreus, para não confundir o povo com os deuses das religiões politeístas das nações vizinhas de Israel, está implícita no Antigo Testamento.

4.2 - NO NOVO TESTAMENTO

4.2.1 – O BATISMO DE JESUS

No batismo de Jesus, o Espírito Santo veio sobre Ele, e o Pai falou desde o Céu. (Ver Mt 3.16,17).

4.2.2 – VÁRIAS PASSAGENS NEOTESTAMENTÁRIAS

Há inúmeras referências nos Evangelhos em que Jesus deixou claro que é uma Pessoa, e o Pai outra: “E na vossa lei está também escrito que o testemunho de dois homens é verdadeiro. Eu sou o que testifico de mim mesmo, e de mim testifica também o Pai, que me enviou” (Jo 8.17,18). A Bíblia apresenta as três Pessoas em condições de igualdade (Mt 28.19). Jesus disse: “*Eu e o Pai somos um*” (Jo 10.30).

A Trindade só pôde ser ensinada explicitamente com o advento do Filho, o Senhor Jesus, e com a manifestação do Espírito Santo, como veremos a partir de agora.

“Portanto, ide, ensinaí todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19). Apesar de a Bíblia ensinar que há a unidade de Deus, convém-nos nunca perder de vista que “a Bíblia também ensina que Deus não é uma mônada estéril, mas existe eternamente em três pessoas”. Esse relacionamento das três Pessoas é visto em Gênesis 1.26; 3.22; 11.7; Isaías 6.8; e João 17.5.

4.2.3 – A EXPRESSÃO “EM NOME” NA FÓRMULA DO BATISMO

A expressão “em nome” está no singular. O unicismo afirma que esse “nome” é Jesus; portanto, o nome dEle, segundo esse falacioso movimento moderno, é “Pai, Filho e Espírito Santo”. Esta interpretação não honra a Palavra de Deus.

No singular, a palavra “nome” é distributiva, como no texto hebraico de Rute 1.2. Embora apareça no plural, na ARC — “e os nomes de seus dois filhos, Malom e Quiliom” —, no hebraico, está no singular, shēm, “nome” (veshēm sheney bānaiv, “e o nome dos dois filhos”). O mesmo ocorre na Septuaginta: onoma, “nome” (kai onoma tois dysin huiois, “e o nome dos dois filhos”).

Observe que o nome, na passagem acima, refere-se tanto a Malom quanto a Quiliom; essa é a mesma construção de Mateus 28.19, “e não faz confusão entre eles. Se tivesse sido

empregado o plural, 'nomes', a Bíblia precisaria dar mais de um nome a cada". O texto sagrado menciona, por conseguinte, três Pessoas distintas em uma só divindade. "Em nome" quer dizer em nome de Deus, do único Deus que subsiste eternamente em três Pessoas.

Essa declaração de Jesus, na fórmula batismal, tem como base o conceito da trindade de Deus. Jesus não disse: "Em nome do Pai, em nome do Filho e em nome do Espírito Santo". Isso porque Ele mencionou um só nome: o nome do Deus Todo-poderoso, subsistente em três Pessoas. O Filho e o Espírito Santo estão iguados nessa passagem. A. T. Robertson afirmou: "O batismo no (eis) nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, no nome da Trindade".

4.2.4 – Os DONS ESPIRITUAIS

"Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos" (1Co 12.4-6). Aqui o apóstolo Paulo mostra o aspecto trinitário. Como, na Trindade, não existe primeiro e último (as três Pessoas são iguais), são mencionadas, nessa passagem, na ordem inversa em relação à constante de Mateus 28.19.

A passagem de 1 Coríntios 12 a 14 trata dos dons do Espírito Santo. O termo "Senhor" (12.5) se refere ao Filho, e "Deus" (12.6), ao Pai. O nome "Deus", *theos*, no Novo Testamento grego, quando vem acompanhado do artigo e sem outra qualificação, refere-se sempre ao Pai. O culto cristão é adoração a Deus, e Deus, portanto, é quem opera no culto.

Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos (Ef 4.4-6).

Novamente, encontramos, no texto acima, a fórmula trinitária: o Deus-Pai, o Deus-Filho e o Deus-Espírito. Cada uma das três Pessoas desempenha um papel na igreja. Essa verdade, ensinada primeiramente aos crentes de Éfeso, consta também do Credo de Atanásio — não se deve confundir as Pessoas; Pai é Pai, Filho é Filho, e Espírito Santo é Espírito Santo. Um só Pai, um só Filho e um só Espírito Santo.

Há, portanto, um Pai, não três Pais; um Filho, não três Filhos; um Espírito Santo, não três Espíritos Santos. E nesta trindade não existe primeiro nem último; maior nem menor. Mas as três Pessoas são co-eternas, são iguais entre si mesmas; de sorte que por meio de todas, como acima foi dito, tanto a unidade na trindade como a trindade na unidade devem ser adoradas.

As três Pessoas estão presentes, atuando cada uma na sua esfera de atuação, em perfeita harmonia e perfeita unidade: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com vós todos” (2Co 13.13). Esta é a mais bela bênção das epístolas paulinas, conhecida como a “bênção apostólica”, que poderia também ser chamada de “bênção trinitariana”.

4.3 – HARMONIA ENTRE O ANTIGO E O NOVO TESTAMENTOS

No Antigo Testamento, também há uma bênção tríplice, a sacerdotal; nela Deus aparece três vezes. Ele determinou que o sacerdote assim abençoasse os filhos de Israel: “O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz” (Nm 6.24-26).

Como se vê, existe harmonia entre os dois Testamentos quanto à doutrina da Trindade. Há outras inúmeras passagens bíblicas que mostram textualmente que cada uma dessas Pessoas é Deus absoluto, além de enfatizarem os seus atributos divinos e as suas operações e obras, as quais serão mencionadas no fim deste livro.

V - AS TRÊS PESSOAS DA TRINDADE

As Escrituras Sagradas afirmam que existe um só Deus; e Deus é um só. O Pai é o Deus-Jeová, da mesma forma que o Filho e o Espírito Santo são, igualmente, o mesmo Deus-Jeová. Trata-se, não de três Deuses, e sim de um só Deus que subsiste em três Pessoas.

Por mais que tentemos explicar a Trindade, ela é um mistério. “Verdadeiramente tu és o Deus que te ocultas, o Deus de Israel, o Salvador” (Is 45.15), ou: “tu és Deus misterioso” (ARA). Se o Todo-Poderoso pudesse ser sondado e esquadrinhado pela mente humana, seria limitado e deixaria de ser Deus.

O termo “Pessoa”, empregado para definir as três identidades distintas da Trindade, em certo sentido é inadequado. Por este motivo os pais da igreja evitaram o seu uso para identificar o Pai, o Filho e o Espírito Santo na Trindade. O vocábulo, do grego *prosonon*, significa “rosto, face, expressão” — literalmente, “aquilo que aparece diante dos olhos”, “aparência”, “aspecto”, “manifestação”.

“Pessoa” é “um termo menos técnico que hipostasis ou subsistentia, usados para se referir às Pessoas da Trindade ou à Pessoa de Cristo”. Seu equivalente latino é *persona*, termo empregado por Tertuliano com o sentido de “máscara”, a fim de refutar as heresias dos sabelianistas. A conotação, no caso, era com as máscaras que os atores usavam para representar personagens no teatro grego.

Aplicando o termo em análise ao que chamamos de Pessoas da Trindade, alguém poderia ser induzido a crer no sabelianismo ou no modalismo. Por essa razão, os pais da igreja preferiam chamar as Pessoas divinas de *homousios*, “um ser” ou *hipostasis*.

Hipóstase significa “forma de ser ou de existir”, que vem de duas palavras gregas *hypo*, “sob”; e *istathai*, “ficar”. Nas

discussões teológicas sobre a doutrina da Trindade, na era patrística, tal palavra foi aplicada como sinônimo de ousia, “essência, ser”. O reformador protestante Calvino preferia chamá-la de Subsistentia.

A palavra “pessoa” diz respeito à parte consciente do homem que pensa, decide e sente; constitui o caráter, a identidade e a individualidade. Por isso, não devemos confundir pessoa com homem. No caso deste, a sua pessoa é o seu “eu”. É até possível o uso alternativo de pessoa e homem como ser, indivíduo, sujeito, personalidade, identidade, caráter, mas isso nunca deve acontecer quando o assunto diz respeito às três Pessoas da Trindade.

No caso do Deus trino, é necessário haver restrição. Não são três seres, indivíduos ou sujeitos, e sim três identidades conscientes. A natureza de Deus é uma, enquanto as Pessoas divinas, três. A Trindade é a união de três identidades pessoais em um só Ser ou Indivíduo — trata-se, pois, de uma só existência ou essência.

5.1 - A DIVINDADE E OS ATRIBUTOS DIVINOS DO FILHO

As Escrituras enfatizam textualmente, de maneira inconfundível, a divindade do Senhor Jesus Cristo e os seus atributos divinos. (Leia Isaías 9.6).

Na profecia messiânica acima mencionam-se o nascimento e o ministério de Jesus. Dos nomes apresentados, um mostra expressamente que Ele é Deus Forte, e o outro revela um atributo incomunicável exclusivo da deidade, a eternidade — Pai da Eternidade.

Analisemos outras passagens: (Leia Jr 23.5,6).

O nome “O Senhor Justiça Nossa” é, em hebraico, YHWH Tsidkenu. Temos, pois, outra profecia messiânica pela qual são mencionados atributos e títulos de Jesus: Renovo de Davi, Renovo justo, Rei de toda a Terra, Salvador de Israel. Tais descrições estão reveladas no Novo Testamento na Pessoa de Jesus (Rm 1.3; At 3.14; 4.12; Ap 19.16). Por fim, o Renovo de Davi, o Messias, é chamado de Jeová Justiça Nossa. (Ver Zc 14.5)

A profecia acima é escatológica e fala do grande livramento de Jerusalém, por ocasião da Segunda Vinda de Jesus. O Messias é chamado de “Jeová, meu Deus”, com todos os santos com Ele. Comparemos a profecia de Zacarias com a citada em Judas v.14: “E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos”.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez (Jo 1.1-3).

Na segunda parte do primeiro versículo, em grego, aparece o artigo definido antes do nome de Deus, ton theon, “o Deus”. E já vimos, anteriormente, que theos, no Novo Testamento grego, quando acompanhado de artigo e sem outra qualificação, refere-se sempre ao Deus-Pai.

O nome theos, na terceira cláusula da passagem, é predicativo do sujeito, anteposto ao verbo e sem o artigo definido: kai theos ên ho logos, “e o Verbo era Deus”. Segundo Martinho Lutero, “a falta de um artigo é contra o sabelianismo e a ordem da palavra é contra o arianismo”. Portanto, o Senhor Jesus Cristo é Deus e tem todos os atributos do Pai, conquanto não seja a primeira Pessoa da Trindade.

Em Romanos 9.5, está escrito: “Dos quais são os pais, e dos quais é Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém”. Há, neste texto, em português, um problema de pontuação. Como na antiguidade não havia sinal gráfico para pontuar, a construção apresentada na versão Almeida Revista Atualizada (ARA) e na Tradução Brasileira é natural.

O termo sarka, de sarx, é a palavra grega para “carne”. A pontuação pode, por conseguinte, mudar o sentido da mensagem.

Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus (Fp 2.6).

O texto sagrado acima afirma que o Senhor Jesus não considerou usurpação o ser exatamente igual a Deus, e isso ensina a

deidade absoluta de Jesus Cristo. O verbo grego traduzido por “sendo” é *hyparchō*, “ser, estar em existência”. Portanto, “tem o sentido de um estado permanente: Cristo existia e existe eternamente na forma de Deus”.

Outra palavra que devemos considerar, nessa passagem, diz respeito ao substantivo *morphē*, que significa “forma”, na sua essência, e não simplesmente aparência. *Morphē* “denota ‘a forma ou traço especial ou característico’ de uma pessoa ou coisa. É usado com significado particular no Novo Testamento, somente acerca de Cristo, em Fp 2.6, nas frases: ‘sendo em forma de Deus’ e ‘tomando a forma de servo’”.

O substantivo *morphē* aparece apenas três vezes no Novo Testamento grego (Fp 2.6,7; Mc 16.12). Contrasta-se com *schēma*, que significa “forma”, no sentido de aparência externa, e não como essência e natureza, como acontece com o primeiro.

“Que, sendo em forma de Deus” mostra que Jesus era Deus antes da sua encarnação, assim como 2 Coríntios 8.9, onde o apóstolo usa a mesma construção: “que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre”. É correto afirmar que Jesus não era rico antes de sua encarnação? Não, absolutamente! No texto de Filipenses encontramos a mesma coisa: “sendo em forma de Deus (...) tomou a forma de servo”. O verdadeiro Deus tornou-se verdadeiro Homem.

A passagem enfatiza a humildade. Evidentemente, os cristãos devem imitar a Cristo, não disputando com os irmãos os seus privilégios, pois Ele, sendo Deus, não fez uso de suas prerrogativas, mas assumiu a forma de Servo, mantendo-se fiel até a morte. Da mesma maneira, os cristãos devem seguir tal exemplo de humildade e fidelidade. A ênfase do texto, pois, não indica que eles sejam “em forma de Deus”.

O termo grego *harpagmon*, traduzido por “usurpação”, significa “apoderar-se, arrancar violentamente”.

“Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2.9). As palavras “divindade” e “deidade” no texto

grego é *theotēs*, que só aparece uma vez no Novo Testamento grego. Essa essência divina ou deidade absoluta, disse o apóstolo Paulo, habita corporalmente em Cristo — Deus-Homem e Homem-Deus. (Ler Tt 2.13; 2Pe 1.1)

O apóstolo Paulo empregou um só artigo tou, que significa “do”, para o “grande Deus e nosso Salvador Cristo Jesus”. O doutor Robertson afirma que a presença de um só artigo, nessas passagens — e a mesma coisa acontece em 2 Pedro 1.1 —, revela a menção de uma só Pessoa. O texto sagrado apresenta, pois, de maneira direta e inconfundível que Jesus é o “grande Deus”, o “nosso Deus e Salvador”.

Além de todos os textos que ensinam explicitamente que o Senhor Jesus é Deus, encontramos os atributos incomunicáveis (exclusivos) da divindade do Pai no Filho.

Jesus Cristo é: Eterno (Is 9.6; Mq 5.2; Jo 1.1-3; 8.58; Hb 13.8); Onipotente (Mt 28.18; Ef 1.21); Onipresente (Mt 18.20; 28.20); Onisciente (Jo 2.24, 25; 16.30; 21.17; Cl 2.2,3); e Criador (Jo 1.1-3; Cl 1.16-18; Hb 1.2,10).

5.2 - DIVINDADE E ATRIBUTOS DIVINOS DO ESPÍRITO SANTO

As Escrituras revelam textualmente, de maneira inconfundível, a divindade do Espírito Santo, além de seus atributos divinos, iguais aos do Pai e do Filho. O divino Consolador é igual em poder às outras Pessoas da Trindade, tendo também um nome: “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19). Diante desta passagem, seria um absurdo se o Espírito Santo não fosse Deus!

O Espírito do Senhor falou por mim, e a sua palavra esteve em minha boca. Disse o Deus de Israel, a Rocha de Israel a mim me falou: Haverá um justo que domine sobre os homens, que domine no temor de Deus (2Sm 23.2,3).

Na passagem acima, o rei Davi afirma que o Espírito do Senhor falou com ele e, em seguida, declara que esse Espírito é o Deus de Israel — “Espírito do Senhor” e “Deus de Israel” são

expressões usadas alternadamente. Essa forma de revelar a divindade do Espírito aparece em outros lugares nas Escrituras Sagradas: (Leia Ez 8.1-3).

O profeta Ezequiel afirmou que “a mão do Senhor JEová” caiu sobre ele; em seguida, declarou que “o Espírito me levantou entre a terra e o céu”. Isso revela que o Deus de Israel é o mesmo Espírito Santo.

Disse, então, Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a, não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus (At 5.3,4).

De acordo com a passagem supramencionada, a quem Ananias mentiu, ao Espírito Santo ou a Deus? Observe que Deus e o Espírito Santo são uma mesma divindade.

Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito (2Co 3.17,18).

Além de todos os textos que ensinam explicitamente que o Espírito Santo é Deus, encontramos também na Palavra de Deus todos os atributos da divindade.

O Consolador é: **Eterno** (Gn 1.2; Hb 9.14); **Onipotente** (Zc 4.6; Lc 1.35; Rm 15.13,19); **Onipresente** (Sl 139.7-10; 1Co 3.16; Jo 14.17); **Onisciente** (Ez 11.5; Rm 8.26,27; 1Co 2.10,11; Lc 2.26; 1Tm 4.1; 1Pe 1.11); e **Criador** (Jó 26.13; 33.4; Sl 104.30).

VI - AS OBRAS DE CADA PESSOA DA TRINDADE

Para concluir esta lição, citaremos algumas referências que corroboram o estudo sobre a Trindade. É muito importante que o estudioso do assunto leia todas as passagens abaixo.

Cada uma das três Pessoas da Trindade é autora do novo nascimento: o **Pai** (Jo 1.13), o **Filho** (1Jo 2.29) e o **Espírito Santo** (Jo 3.5, 6); e cada uma delas ressuscitou Jesus: o **Pai** (At 2.24; 1Co 6.14), o próprio **Filho** (Jo 2.19; 10.18) e o **Espírito Santo** (1Pe 3.18).

De acordo com as Escrituras, cada Pessoa da Trindade habita nos fiéis: o **Pai** (Jo 14.23; 1Co14.25; 2Co6.16; Ef 4.6; 1 Jo 2.5; 4.12-16), o **Filho** (Jo 17.23; 2Co13.5; Gl 2.20; Ef 3.17; 1 Jo 3.24; Ap 3.20) e o **Espírito Santo** (Jo 14.17; Rm 8.11; 1Co3. 16; 6.19; 2Tm 1.14; Tg 4.5). Além disso, cada uma dá a vida eterna: o **Pai** (1 Jo 5.11), o **Filho** (Jo 10.28) e o **Espírito Santo** (Gl 6.8).

O Pai, o Filho e o Espírito deram aos apóstolos poder para operar milagres: o **Pai** (At 15.12; 19.11; Hb 2.4), o **Filho** (At 4.10, 30; 16.18) e o **Espírito Santo** (At 2.2-4; 10.44-46; 19.6; Rm 15.19); e falaram pelos profetas e apóstolos: o **Pai** (Jr 1.9; Lc 1.70; At 3.21), o **Filho** (Lc 21.15; 2Co 13.3; 1Pe 1.11) e o **Espírito Santo** (2Sm 23.2; Mt 10.20; Mc 13.11).

Cada uma delas inspirou as Escrituras: o **Pai** (Êx 4.12; 2Tm 3.16; Hb 1.1), o **Filho** (2Co13.3; 1 Pe 1.11) e o **Espírito Santo** (2Sm 23.2; Mc 12.36; At 11.28; 2 Pe 1.21); e guiou o povo de Deus: o **Pai** (Dt 32.12; Sl 23.2; 73.24; Is 48.17), o **Filho** (Mt 16.24; Jo 10.4; 1 Pe 2.21) e o **Espírito Santo** (Sl 143.10; Is 63.14; Rm 8.14; Gl 5.18).

Não há dúvidas, à luz da Palavra do Senhor, quanto à Trindade, pois cada uma das Pessoas, ainda, distribui os dons espirituais: o **Pai** (1Co12.6; Hb 2.4), o **Filho** (1Co12.5) e o **Espírito Santo** (Jo 14.26; 1Co12.8-11); e santifica os fiéis: o **Pai** (Jo 14.23; 1Co14.25; Ef 4.6; 1 Jo 4.12-16), o **Filho** (Jo 17.23; 2Co13.5; Gl 2.20; 1Jo 3.24) e o **Espírito Santo** (Jo 14.17; Rm 8.11; 1Co3.16; Tg 4.5).

Finalmente, cada uma delas dá missão aos profetas; envia os apóstolos e ministros: o **Pai** (Is 48.16; Jr 25.4; 1Co12.28; Gl 1.1), o **Filho** (Mc 16.15; 2Co5.20; Gl 1.1; Ef 4.11) e o **Espírito Santo** (Is 48.16; At 13.2,4; 16.6-7; 20.28); e ensina os fiéis: o **Pai** (Is 48.17; 54.13; Jo 6.45), o **Filho** (Lc 21.15; Jo 15.15; Ef 4.21; Gl 1.12) e o **Espírito Santo** (Lc 12.12; Jo 14.26; 1Co2.13). Aleluia!

ATIVIDADES – LIÇÃO I

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) A Trindade pode ser definida como a união de três Pessoas — o Pai, o Filho e o Espírito Santo — em uma só divindade. Tais Pessoas, embora distintas, são iguais, eternas e da mesma substância. Ou seja, Deus é cada uma dessas Pessoas.
- 2) A expressão hebraica YHWH *yāhîd* traduz-se também por “Jeová é um”; esta construção hebraica aparece em Zacarias 14.9.
- 3) Para os monarquianistas dinâmicos, Jesus era apenas um homem de vida santa que nasceu de uma virgem, sobre o qual desceu o Espírito Santo, por ocasião do seu batismo, no rio Jordão.
- 4) No batismo de Jesus, o Espírito Santo veio sobre Ele, e o Pai falou desde o Céu.
- 5) O Espírito Santo Consolador é: Eterno; Onipotente; Onipresente; Onisciente e Criador.
- 6) Não há dúvidas, à luz da Palavra do Senhor, quanto à Trindade, pois cada uma das Pessoas, ainda, distribui os dons espirituais.

Lição II

A Doutrina de Deus Pai Teologia

A DOUTRINA DE DEUS PAI

TEOLOGIA

A maioria dos tratados de Teologia Sistemática chama a doutrina de Deus de Teologia, a ciência das coisas divinas. Esse vocábulo vem de duas palavras gregas: theos, “Deus”; e logos, “palavra”, “discurso”. É um termo que não aparece na Bíblia; surgiu na filosofia grega e foi usado por Platão, com o sentido mítico-religioso, ao falar sobre a origem dos deuses e a sua relação com o mundo (A República, 379a).

Aristóteles empregou o termo e seus derivados como parte da filosofia (Metafísica, 1026a19). Já os estóicos distinguiram três tipos de teologia: a mítica, a política e a natural. Por meio deles, o termo chegou aos primeiros pais da igreja: Tertuliano, Eusébio de Cesaréia e Agostinho de Hipona.

I - INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

Os escritores cristãos, até o século III, referiam-se ao termo “teologia” de forma negativa, como mitologia pagã. Orígenes foi o primeiro a empregá-lo no contexto cristão como “a sublimidade e a majestade da teologia” (Contra Celso, 6.18). A partir de Eusébio de Cesaréia, a palavra popularizou-se no cristianismo.

Desde então, o significado desse vocábulo tornou-se amplo, mas é difícil entender o seu sentido sem considerar o contexto. Hoje, quando falamos em teologia cristã, referimo-nos à teologia sistemática. Nessa acepção, Karl Rahner definiu teologia como “a ciência da fé (...) a explanação e a explicação consciente e metódica da revelação divina, recebida e compreendida pela fé”.

Qual é a fonte da teologia cristã? A própria Palavra de Deus. A fé não é irracional; Jesus ensinou que devemos amar a Deus com o nosso “entendimento” (Mc 12.30). A fé cristã, haja vista esta não anular a inteligência nem matar o pensamento. É de Agostinho de Hipona a expressão: “creio para compreender” — foi extraída de Isaías 7.9: “se o não credes, certamente, não ficareis firmes”, que a Septuaginta traduziu por “não compreendereis”.

Anselmo de Cantuária retomou essa idéia na Idade Média. A teologia cristã são os dados da revelação postos em ordem sistemática e organizada ao longo dos séculos; isso implica o uso da razão. Daí os papéis da filosofia, da hermenêutica e da tradição como ferramentas adicionais.

II - TEONTOLOGIA, A DOCTRINA DE DEUS

O termo “teologia” tem várias acepções, podendo ser usado tanto para a doutrina de Deus quanto para a ciência da fé, além de incluir outros significados. O doutor Lewis Sperry Chafer criou o neologismo “Teontologia” a fim de definir melhor a doutrina de Deus e evitar interpretações ambíguas.

De acordo com Chafer, como o termo grego *on/ontos* significa “ser”, a ênfase de tal estudo recai sobre o Ser de Deus. Ou, ainda, segundo Charles Hodge, trata-se da “teologia propriamente dita”. A doutrina de Deus é, pois, o principal assunto da teologia sistemática ou de qualquer sistema teológico. É o ponto de partida que norteia todo o ensino teológico.

Deus aparece logo no primeiro versículo da Bíblia como o Criador: “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). Essa importância faz do tema uma questão de vida ou morte: “E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3).

Outro fator importante é que o Senhor Jesus ensinou que amar a Deus acima de todas as coisas é o primeiro e grande

mandamento (Mc 12.29-32). Ao longo dos séculos, os homens têm levado essa questão a sério, nas suas múltiplas formas de adoração, de conceitos e de crenças, tanto no cristianismo como fora dele.

III - TEORIAS INADEQUADAS

Há vários sistemas de crenças em Deus que divergem dos ensinamentos bíblicos e inúmeras tentativas de explicar o relacionamento dEle com o Universo e o homem. Essas teorias inapropriadas levam o homem a se distanciar do Criador, como veremos.

3.1 - ATEÍSMO

O termo vem de duas palavras gregas: da partícula negativa “*a*”, “negação” ou “privação”; e de “*theos*”, “Deus”. A idéia é da negação do Senhor, isto é, “Deus não existe”. Essa palavra aparece apenas uma vez no Novo Testamento, com o sentido de “sem Deus” (Ef 2.12), e não de negação da existência divina.

O ateísmo é uma teoria contraditória em si mesma, pois, para negar a existência do Deus verdadeiro, apóia-se na pressuposição de que Ele existe! A Palavra do Senhor chama os ateus de néscios, haja vista afirmarem: “Não há Deus” (Sl 14.1; 53.1).

Na prática, o ateísmo é um modo de vida sem relação alguma com a crença em Deus. Seus adeptos vivem como se Ele não existisse: “Por causa do seu orgulho, o ímpio não investiga; todas as suas cogitações são: Não há Deus” (Sl 10.4). Contudo, mesmo se autodenominando ateus, não conseguem explicar o vazio de suas almas.

Os ateus não conseguem entender sequer o que se passa com eles mesmos. No entanto, ainda que haja alguém que admita não sentir a necessidade de Deus em sua vida, isso jamais invalidará a inquestionável realidade da existência dEle.

3.2 - AGNOSTICISMO

É a negação do conhecimento (gr. gnōsis) ou do conhecer (gr. ginōskō). O termo “agnosticismo” foi empregado pela primeira vez pelo biólogo e filósofo inglês Thomas Henry Huxley. Desapontado com as declarações dogmáticas da igreja, que lhe pareciam sem fundamento, recusou-se a opinar sobre temas teológicos.

Huxley usou a palavra em questão a fim de expressar a idéia de crença suspensa — de quem não crê nem deixa de crer. Por conseguinte, os agnósticos não têm opinião formada sobre Deus; não negam nem afirmam a sua existência; não são contra nem a favor do Todo-Poderoso.

3.3 - EVOLUCIONISMO

Essa teoria ensina que organismos biológicos evoluíram num longo processo através das eras. A seleção natural, evolucionismo, ou darwinismo, é a teoria da sobrevivência dos mais fortes.

Há duas formas de evolucionismo: o ateísta e o teísta. O primeiro exclui Deus da criação; o segundo parte do princípio de que o Senhor criou os materiais originais e que o processo evolutivo se encarregou do desenvolvimento deles até a perfeição.

3.4 - POLITEÍSMO

É a prática da adoração a mais de uma divindade. Esse vocábulo vem da língua grega — polys, “muito”; e theos, “deus”. Isso significa que o politeísta serve e adora a vários deuses. Não se trata do simples fato de ele reconhecer a existência daqueles, e sim de obedecer a um sistema oposto ao monoteísmo (gr. monos, “único”), crença no único Deus verdadeiro, revelado nas Escrituras (Dt 6.4).

3.5 - HENOTEÍSMO

Este termo (do adjetivo numeral grego hen, “um”, e de theos) foi empregado por Max Muller, historiador das religiões alemão, a fim de indicar o sistema de adoração a um só Deus, admitindo, todavia, a existência de outros deuses. É, pois, um sistema que se situa, paradoxalmente, entre o monoteísmo e o politeísmo.

3.6 - MATERIALISMO

Não é o mesmo que materialidade; trata-se da doutrina pela qual se afirma que a matéria é a realidade última, a única coisa existente. Nessa teoria não há lugar para Deus, tampouco para qualquer classe de realidade espiritual, transcendental ou imaterial.

3.7 - PANTEÍSMO

Os defensores dessa teoria postulam a identidade do Todo-Poderoso com o Universo. Trata-se da crença filosófica ou religiosa do hinduísmo, a qual esteve presente nos pensamentos grego e romano. É a doutrina de que Deus é tudo, e tudo é Deus; ela não separa a criatura do Criador, associando-o ao próprio Satanás, que — segundo a teoria em apreço — também é um deus. Em suma, nada há que não seja Deus; nada existe além dEle.

3.8 - DEÍSMO

Doutrina pela qual se afirma a existência de Deus, mas, ao mesmo tempo, assevera que Ele está muito longe de nós, a ponto de não se envolver com os assuntos humanos, como um relojoeiro que dá corda a um relógio e se esquece dele. É a doutrina dos epicureus, contrária ao teísmo, ensinado pela ortodoxia cristã; ou seja, Deus “não está longe de cada um de nós” (At 17.27), e sim interessado no ser humano (Hb 11.6).

3.9 - MONISMO

Trata-se de uma forma de panteísmo. Deus e a natureza, segundo essa teoria, muito comum no hinduísmo, dissolvem-se em uma única realidade impessoal. O termo vem do grego monos, “só, único”, empregado pela primeira vez por Christian von Wolff, filósofo alemão.

IV - A EXISTÊNCIA DE DEUS

Não há, na revelação bíblica, a preocupação em provar que Deus existe. Isso pode ser notado no primeiro versículo da Bíblia: “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). Tal declaração denota que não há nas Santas Escrituras a intenção de persuadir o aluno a crer na existência do Todo-Poderoso.

A existência dEle é um fato consumado, uma verdade primária, que não necessita de comprovação. Deus transcende à existência. Segundo Paul Tillich, pastor luterano, teólogo e pensador cristão, “Deus está além de todas as causas finitas”. O conhecimento da sua existência pode vir da intuição, da razão, porém as Escrituras Sagradas são a sua única fonte confiável.

4.1 - INTUIÇÃO

Todo ser humano é religioso por natureza. O homem tem anseio pelas coisas de Deus e sente o desejo de buscá-lo. Há tribos que não usam roupas nem sabem edificar uma casa; outras, sequer têm conhecimento suficiente para acender um fogo. Entretanto, nenhuma há que não possua crenças num ser superior. Por mais primitivo que seja o seu culto, e estranho o seu conceito de divindade, há um denominador comum: o anseio e a busca de Deus.

A religiosidade humana é um fato universal e incontestável. Agostinho de Hipona declarou: “Ó Deus! tu nos fizeste para ti mesmo, e a nossa alma não achará repouso, até que volte a ti” (Confissões 1.1). E disse o salmista, inspirado pelo

Espírito: “Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?” (Sl 42.1,2).

Como se vê, a crença universal na existência de Deus explica-se pela intuição. O conhecimento acerca dEle é intuitivo — este termo significa “relação direta (sem intermediário) com um objeto qualquer”. É um conhecimento direto ou uma relação direta com o objeto; percepção natural, algo inato, inerente ao ser da pessoa. E a Palavra de Deus atesta essa crença intuitiva, em Romanos 1.19,21; 2.14,15:

Porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou... porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu.

Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei, os quais mostram a obra da lei escrita no seu coração, testificando juntamente a sua consciência e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os.

4.2 – RAZÃO

Os teólogos estão divididos quanto à possibilidade de a razão poder provar a existência de Deus. Os argumentos fundamentados na razão são mais conceitos filosóficos do que teológicos. Segundo Strong, cada argumento isolado apresenta os seus senões; ou seja, não é conclusivo — juntos se completam. Por outro lado, outros, como Wayne Grudem, acreditam que tais argumentos provam ser irracional negar a existência de Deus:

São de fato tentativas de analisar as evidências, especialmente as evidências da natureza, de modos extremamente cuidadosos e logicamente precisos, a fim de convencer as pessoas de que não é racional rejeitar a idéia de que Deus existe.

Razão é a faculdade humana de observar a ordem do Universo e aplicá-la a seus pensamentos e atitudes. Aristóteles desconhecia o conceito judaico-cristão de criação. No entanto, nas suas observações chegou à conclusão de que Deus existe. Seu argumento para provar a existência de Deus está no movimento dos seres, na ordem existente no mundo, nos graus de perfeição e na experiência psicológica.

Pela lógica, qualquer movimento supõe uma força externa atuando sobre o ser, o que Aristóteles chamou de “motor”. Cada motor recebe o movimento de outro; e assim por diante. O motor que é imóvel — que não pode ser movido por outro — seria o primeiro, isto é, a Perfeição Absoluta, Deus. Ele é o princípio da primeira causa.

A idéia aristotélica foi retomada, na Idade Média, por Tomás de Aquino, que a empregou na explanação das Cinco Vias (em sua obra *Summa Contra Gentiles*), com o objetivo de “provar”, de forma racional, a existência de Deus. Essa parte da citada obra tornou-se conhecida como o argumento cosmológico e o argumento teleológico. No entanto, alguns, como Alister E. McGrath, afirmam que não há nela indícios de que a intenção fosse provar a existência de Deus, haja vista a fé de Tomás de Aquino firmar-se na revelação, e não nessas cinco vias.

Nesse argumento tomista, “Deus é conhecido a partir do exterior. Olhamos para o mundo e descobrimos a necessidade lógica da existência de um ser superior”, afirmou Paul Tillich. Eis as cinco vias:

- 1) Experiência do movimento. Todas as coisas nesse mundo se encontram em constante movimento, e nenhum movimento é feito pela sua própria força. Tudo o que se move, movimenta-se pela ação de outra força. Logo, para todo movimento existe uma causa anterior. Assim, é natural aceitar a existência de uma primeira e única causa que deu origem à gigantesca cadeia de causalidade do Universo. Tal causa primária e única é o próprio Deus. Vemos aqui o argumento cosmológico, reformulado séculos depois.

- 2) Subordinação das causas. É a relação de causa e efeito, conhecida como argumento etiológico. Etiologia é “pesquisa ou determinação das causas de um fenômeno”. E a causa primeira e original, comum a todos os efeitos, é Deus.
- 3) Contingência dos seres. Os seres humanos são contingentes; não estão no mundo por necessidade. Assim, por que estamos aqui, e qual a causa de nossa existência? Sem a existência de um primeiro Ser os seres contingentes também deixariam de existir. E o tal Ser é Deus.
- 4) Graduação das perfeições transcendentais. É o argumento axiológico. A axiologia é a teoria dos valores. Haja vista o termo grego axioma, originalmente, “dignidade” ou “valor”. Os valores morais, como a bondade, a verdade e a nobreza, têm uma origem e uma causa. Por isso, deve haver uma bondade, uma verdade e uma nobreza em si mesmas — Bondade Absoluta, Verdade Absoluta e Nobreza Absoluta, bem como um Ser supremo (Deus), no qual estejam todos esses valores.
- 5) Ordenação a um fim. É o argumento teleológico. Teleologia “é a parte da filosofia natural que explica os fins das coisas”, conhecido, também, por argumento do desígnio, uma vez que a inegável ordem, a harmonia e o planejamento do Universo constituem-se provas irrefutáveis de um propósito inteligente.

Tomás de Aquino acreditava ser possível o homem conhecer a Deus pela razão, tendo por base exclusiva a natureza.

4.3 - ARGUMENTOS QUE CONFIRMAM A EXISTÊNCIA DE DEUS

O termo “argumento”, em si, significa “qualquer razão, prova, demonstração, indício, motivo capaz de captar o assentimento e de induzir à persuasão ou à convicção”. Os argumentos abaixo são explicações racionais e filosóficas que confirmam a existência de Deus fora da esfera teológica e têm por objetivo convencer as pessoas de que não é racional negar a existência de Deus.

4.3.1 - COSMOLÓGICO

Este argumento apresenta a evidência de que Deus existe e é a primeira causa. Como o mundo não se explica por si mesmo, esse argumento “assume, basicamente, que a existência do Universo é algo que precisa ser explicado”, considerando que cada efeito deve ter uma causa (e depende dela) para a sua existência. Haja vista a natureza não poder produzir a si mesma. A validade dessas verdades pode convergir para a dedução conclusiva de que “o Universo é causado por uma criação direta de uma causa eterna e autoexistente”. (Ver Hb 1.10; Hb 3.4)

“Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, tu és Deus.” (Sl 90.2).

4.3.2 – TELEOLÓGICO

Este pode ser incluído na categoria do argumento cosmológico; é a quinta via de Tomás de Aquino. A palavra grega é telos, “fim”, “propósito”, pois trata dos fins, do desígnio, do propósito racional. A ordem e o planejamento do Universo deixam evidente o seu propósito. Com isso, faz-se necessária a existência de uma mente inteligente e infinita, responsável por esse desígnio.

“Aquele que fez o ouvido, não ouvirá? E o que formou o olho, não verá? Aquele que argúi as nações, não castigará? E o que dá ao homem o conhecimento, não saberá?” (Sl 94.9,10).

4.3.3 – ONTOLÓGICO

Ontologia é o ramo da filosofia que trata da investigação teórica dos caracteres fundamentais do ser. Christian F. von Wolff dividiu a metafísica em quatro partes: ontologia, psicologia, cosmologia racional e teologia. O termo grego on/ontos significa “ser”; “refere-se àquilo que possui uma existência real e substancial. Equivale a substância ou essência”.

Paul Tillich chama Deus de “Ser em e de si mesmo” na parte dois de sua Teologia Sistemática. Isso tem implicação com o verbo “ser”, em hebraico, de onde vem o tetragrama YHWH — Yahveh ou Yahweh. O significado desse verbo, em Êxodo 3.14, “EU SOU O QUE SOU” (ou, na Septuaginta, egō eimi ho ōn, “Eu Sou o Ser” ou “Eu Sou Aquele Que É”) revela Deus como um Ser que tem existência própria; existe por si mesmo.

Deus é, pois, o imutável, o que causa todas as coisas; é autoexistente, aquEle que é, e que era, e que há de vir, o Eterno: “Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo” (Jo 5.26).

Esse argumento “infere a existência de Deus a partir da natureza do pensamento”. Anselmo de Cantuária, em sua obra *Proslogion*, publicada em 1078, considera o Senhor como “aquEle a respeito de quem não se concebe nada maior”. É a idéia do Ser mais perfeito, pois há na mente humana esse pensamento. Como poderia tal idéia chegar ali se não existisse o tal Ser? Se é apenas uma idéia sem existência real, não seria o Ser mais perfeito.

Segundo Paul Tillich, ainda, Anselmo “queria encontrar Deus no próprio pensamento. Achava que antes do pensamento sair para o mundo deveria estar perto de Deus”.

4.3.4 - MORAL OU ANTROPOLÓGICO

Esta formulação veio de Immanuel Kant; baseia-se no fato de existir no homem uma consciência que estabelece a distinção entre o bem e o mal, dando a ele senso de responsabilidade e de razão existencial (Rm 2.14,15). O fato de existir essa lei moral, per si, torna evidente a existência de um Legislador ou Promulgador Supremo, a quem todos os humanos hão de prestar contas. O homem é um ser moral, responsável pelos seus atos diante de Deus (Ec 12.14).

Outro fator importante desse argumento é que nem sempre os bons são recompensados, e os maus, punidos. Assim, o mundo se tornaria um caos sem a existência de um justo e supremo

Juiz. Nesse caso, o argumento em apreço é válido para mostrar que a nossa própria natureza moral nos obriga a crer num Deus pessoal.

4.3.5 - O TESTEMUNHO DA NATUREZA

O testemunho da natureza não apresenta a divindade com os mesmos detalhes das Escrituras. Contudo, é suficiente para mostrar com clareza a existência do Criador, o seu poder e a sua sabedoria.

Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Sem linguagem, sem fala, ouvem-se as suas vozes em toda a extensão da terra, e as suas palavras, até ao fim do mundo. Neles pôs uma tenda para o sol (Sl 19.1-4).

A natureza é uma prova irrefutável da existência do Criador, assim como um relógio e um automóvel pressupõem um idealizador. É claro que os tais não vieram à existência do nada ou por acaso. Alguém planejou e pensou em todos os detalhes, para obter um bom funcionamento tanto do relógio como do automóvel.

Isso se aplica também ao Universo: Alguém sábio e perfeito planejou-o e o trouxe à existência. A ordem natural das coisas testifica contra a insensatez dos ateus; e o Novo Testamento mostra que a própria criação exige do raciocínio humano a existência do Criador.

Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis (Rm 1.20).

Deus se revelou a si mesmo ao seu povo. Essa revelação é a sua Palavra, manifestada no Senhor Jesus Cristo (Jo 1.18). Tudo o que sabemos dEle é o que Ele mesmo revelou na sua santa Palavra. Daí ter dito: "EU SOU O QUE SOU" (Êx 3.14). Mesmo assim, as Escrituras mostram, até nos seus detalhes, que a criação, em si, torna o ateu indesculpável ou inescusável diante de Deus.

V - O CONHECIMENTO DE DEUS

Como podemos saber se Deus é um Ser cognoscível ou incognoscível? O termo “cognoscível” vem do latim *cognitio* e significa “conhecimento”. Nas Escrituras empregam-se diversos termos, com vários significados, para o conhecimento e seus derivados. A Palavra de Deus exorta o ser humano a conhecer ao Senhor. Mas, qual o significado desse conhecimento?

5.1 - O DEUS INCOGNOSCÍVEL

A incognoscibilidade divina é oriunda dos seus atributos incomunicáveis — como a infinitude e a imensidão: “a sua grandeza, inescrutável” (Sl 145.3); “o seu entendimento é infinito” (Sl 147.5) — e da limitação do entendimento humano. Deus revelou-se a si mesmo na Bíblia, mas pode ser considerado incognoscível quando se trata do conhecimento pleno do seu Ser e de sua essência. Como Ele é infinitamente incomparável, o homem jamais poderá esquadrihá-lo e compreendê-lo como é, em essência e glória. (Ver Jó 26.14; Jó 36.26; Jó 37.5; Sl 139,6; Is 40.28; Is 46.5; Rm 11.33)

A grandeza de Deus ultrapassa os limites do raciocínio humano. Se Ele pudesse ser plenamente conhecido e esquadrihado pela razão humana, deixaria de ser Deus. Ele transcende a tudo que é matéria e finito, a tudo que há no Universo. Analisando o assunto dessa maneira, é correto e verdadeiro afirmar que o Senhor é um Ser incognoscível.

5.2 - O DEUS COGNOSCÍVEL

O Deus verdadeiro e incognoscível revelou-se a si mesmo em sua Palavra. Assim, o homem pode conhecê-lo — haja vista ser Ele também imanente — o suficiente para que exista um relacionamento entre ambos.

Em virtude da infinita grandeza do Criador, esse conhecimento acerca dEle é comparável ao reflexo de um espelho,

como um enigma (1Co 13.12), pois “em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos” (1Co 13.9). Nesse sentido, Deus é cognoscível, conquanto esse conhecimento não signifique simplesmente o fato de alguém possuir informações sobre Ele. Trata-se de uma expressão que denota a autorrevelação de Deus, em Jesus Cristo, para a vida eterna.

Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim te aprouve. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mt 11.25-27).

Saber algo sobre uma pessoa não é a mesma coisa que conhecê-la. Na primeira acepção, é o mero conhecimento intelectual; na segunda, diz respeito ao relacionamento pessoal. O Senhor Jesus é o único que possui o conhecimento perfeito e absoluto do Pai e, por isso, o único com autoridade para revelá-lo aos homens.

O conhecimento intelectual é, em si mesmo, o resultado de um processo de aprendizagem ou informação por meio dos cinco sentidos, auxiliados por intuição e razão. O conhecimento mencionado em João 17.3 é místico — envolve comunhão, fé, obediência e adoração, além de um viver em humildade na dependência de Deus —, e não simplesmente intelectual.

Qualquer pessoa, mesmo que não seja cristã, tem a capacidade intelectual para aprender a doutrina de Deus, bem como acerca de sua natureza e de seus atributos. Basta ler ou estudar qualquer tratado de teologia sistemática. Isso, entretanto, não é um relacionamento pessoal nem comunhão.

VII - OS ATRIBUTOS DE DEUS

Os atributos são propriedades ou qualidades, virtudes ou perfeições próprias de um ser. O termo “atributo”, no âmbito

teológico, aplicado a Deus, é uma referência às suas características ou qualidades essenciais, que descrevem quem Ele é, o que faz e o que possui. Atributos divinos são as perfeições do Todo-Poderoso reveladas nas Escrituras e conhecidas em função da relação dEle com o homem, nas suas diversas obras. São perfeições próprias da essência de Deus.

Atribuir características a Deus, por mais elevadas que sejam essas qualidades, parece uma tentativa de definir o Ser divino. E definir implica “estabelecer limites precisos”, como o significado do próprio verbo latino definir. Quando usamos o termo “atributo”, não queremos com isso afirmar que o Todo-Poderoso seja limitado à soma total de todas essas qualidades.

Deus vai além dos limites que o homem pode imaginar. E, em face dessas suas infinitude e transcendência, não é possível defini-lo; mas podemos descrevê-lo, parcialmente, com base naquilo que Ele mesmo revelou na sua Palavra.

Esses atributos são geralmente classificados em dois grupos principais, nos tratados de teologia sistemática. O primeiro reúne todos aqueles atributos exclusivos da divindade ou deidade, como infinitude, imensidão, eternidade, transcendência, etc. São os atributos incomunicáveis, chamados de atributos naturais, absolutos ou, ainda, de imanentes (ou intransitivos).

O segundo grupo congrega os atributos “que encontram alguma ressonância nos seres humanos”, transmitidos, ainda que em grau infinitamente inferior, à humanidade, como justiça, bondade, amor, etc. São conhecidos como atributos comunicáveis, porém há outros nomes para eles, como atributos morais, relativos, ou, ainda, emanentes (ou transitivos).

Charles Hodge afirma que “o objetivo da classificação é a ordem, e o objetivo da ordem é a clareza”. Contudo, ele reconhece que são poucos os temas que “se tem pensado e trabalhado mais extensamente do que neste. Entretanto, é provável que o benefício não tenha sido proporcional ao trabalho”.

Com fins didáticos, tal separação dos atributos visa à clareza das definições das qualidades divinas exclusivas, as quais

não encontram analogia no homem — aquelas que, apesar de, no Todo-Poderoso, serem perfeitas e infinitas, encontram certa correspondência no ser humano. Deus, pois, em certa medida, comunica alguns atributos; partilha-os com as suas criaturas livres e inteligentes: os seres espirituais, no Céu, e humanos, na Terra.

7.1 - OS ATRIBUTOS INCOMUNICÁVEIS DE DEUS

7.1.1 - PERFEIÇÃO

A perfeição como atributo significa que Deus é perfeito de modo absoluto, infinito e único. Não se trata de uma mera combinação de perfeições individuais; Ele é a origem de todos os atributos. Isso diz respeito a tudo que faz, pensa, determina: “O caminho de Deus é perfeito” (Sl 18.30).

Deus age em perfeita harmonia com as suas natureza e santidade, e ninguém jamais poderá se assemelhar a Ele: *“Porventura, alcançarás os caminhos de Deus ou chegarás à perfeição do Todo-poderoso?”* (Jó 11.7).

7.1.2 - ESPIRITUALIDADE

Este termo não é a mesma coisa que a qualificação “espiritual”; está relacionado com o substantivo “espírito”; no caso do salvo, relaciona-se ao Espírito Santo. A Palavra de Deus afirma: “Deus é Espírito” (Jo 4.24). Seu Ser, portanto, não se compõe de matéria. Jesus disse que “espírito não tem carne nem ossos” (Lc 24.39). Um espírito é uma substância imaterial, invisível e indestrutível. (Ver Rm 1.23; Cl 1.15; 1Tm 1.17).

O termo grego traduzido por “imortal” (1Tm 1.17), em nossas versões portuguesas da Bíblia, é *aphthartos*, que literalmente significa “incorrutível”. O adjetivo em questão foi traduzido dessa mesma forma na versão inglesa *Young’s Literal Translation of the Holy Bible* e também aparece em Romanos 1.23.

Ser espírito, por conseguinte, não implica impessoalidade, e sim qualidade de perene, imperecível. O Senhor

Jesus disse que Deus tem voz e forma, mas isso é incomparavelmente infinito: “Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes o seu parecer” (Jo 5.37).

7.1.3 - INFINITUDE

Consiste no fato de que para Deus não há limites no tempo e no espaço. Ele é maior do que qualquer coisa que exista, como escreveu Anselmo de Cantuária (argumento ontológico), e transcende o Universo, existindo desde antes da fundação do mundo: “antes que o mundo existisse... porque me hás amado antes da criação do mundo” (Jo 17.5, 24).

Não há barreira nem limite na natureza do Todo-Poderoso. A sua infinitude é a base dos atributos da eternidade e da imensidade. Ele é infinito e, ao mesmo tempo, pessoal. Essa característica é peculiar ao Deus revelado na Bíblia. Sua imensidade diz respeito ao espaço; Ele transcende a todo o espaço do Universo. Neste não há um único lugar onde alguém possa se esconder do Senhor. (ver Sl 147.5; Jr 23.24)

Grande é o Senhor e muito digno de louvor; e a sua grandeza, inescrutável [insondável, ARA] (Sl 145.3).

7.1.4 – ETERNIDADE

A idéia filosófica de eternidade não está clara no Antigo Testamento. Contudo, quando se refere a Deus, o conceito é de duração infinita de tempo, sem início nem fim: “O teu trono está firme desde então; tu és desde a eternidade” (Sl 93.2); “Mas tu és o mesmo, e os teus anos nunca terão fim” (Sl 102.27).

Deus é o autor do tempo; não está sujeito a ele; existe desde “antes dos tempos dos séculos” (Tt 1.2), ou “antes dos tempos eternos”, conforme a Tradução Brasileira. Isso está muito claro na expressão: “EU SOU O QUE SOU” (Êx 3.14). Esta passagem fala tanto da autosuficiência como da autoexistência divinas.

A eternidade denota que Deus é livre de toda a distinção temporal de passado ou de futuro. Não teve Ele um

começo nem terá fim em seu ilimitado Ser. A Bíblia o apresenta com o qualificativo “eterno” — que existe desde a eternidade. (Ver Gn 21.33; Dt 33.27; Sl 90.2; Is 40.28)

“E: Tu, Senhor, no princípio, fundaste a terra, e os céus são obra de tuas mãos; eles perecerão, mas tu permanecerás; e todos eles, como roupa, envelhecerão, e, como um manto, os enrolarás, e, como uma veste, se mudarão; mas tu és o mesmo, e os teus anos não acabarão.” (Hb 1.10-12) — citação de Salmos 102.25-27.

7.1.5 – IMUTABILIDADE

Tudo na vida muda; transforma-se; é o princípio de Lavoisier. Até mesmo o Céu e a Terra mudam e envelhecem, mas Deus permanece o mesmo (Hb 1.10-12). Ele é imutável; nEle não há mudança nem sombra de variação; o Senhor não muda a sua natureza, tampouco o seu caráter e os seus atributos; nem em consciência nem em propósito. (Ver Mt 3.6)

“Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação.” (Tg 1.17).

Essa é a garantia de que Deus jamais mudará de opinião no que diz respeito às suas promessas. Mas ser imutável não significa imobilidade. Daí a Bíblia registrar o “arrependimento” de Deus: “Então, arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra” (Gn 6.6); “Arrependo-me de haver posto a Saul como rei... E o Senhor se arrependeu de que pusera a Saul rei sobre Israel” (1Sm 15.11,35); “e Deus se arrependeu do mal que tinha dito Ihes faria e não o fez” (Jn 3.10).

Deus está presente na eternidade; para Ele, passado, presente e futuro são a mesma coisa; jamais será apanhado de surpresa. Entretanto, como Ser pessoal, tem emoções e reage ao pecado. Na verdade, a mudança ocorre primeiro no ser humano, como vemos em todos os episódios mencionados acima (cf. Gn 6.6;

1Sm 15.11,35; Jn 3.5-10). Em função disso, o Senhor “arrepende-se”, mudando o tratamento em relação ao ser humano, conquanto a sua natureza permaneça imutável.

O emprego de mais esse antropomorfismo, nas páginas sagradas, tem deixado alguns desavisados um tanto confusos, porém reafirmamos que Deus é perfeito e imutável. O arrependimento humano é mudança de mente e de coração; já o Senhor não pode mudar nem alterar a sua mente.

Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa; porventura, diria ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria? (Nm 23.19).

E também aquele que é a Força de Israel não mente nem se arrepende; porquanto não é um homem, para que se arrependa (1Sm 15.29).

Portanto, nós, os seres humanos, mudamos em nossa conduta; e, por essa razão, perdemos, muitas vezes, as bênçãos de Deus. Mas, quando isso acontece, a mudança não teve origem no Senhor, e sim em nós, que de alguma forma fracassamos (cf. 2Cr 15.2).

7.1.6 - ONIPRESENÇA E IMENSIDADE (OU IMENSIDÃO)

Há diferença entre onipresença e imensidade? O termo “onipresença” não aparece na Bíblia; vem do latim *omni*, “tudo”, e *praesentia*, “presença”. Como atributo divino, na Teologia, a idéia “indica precisamente a presença cheia de Deus em todas as criaturas”.

O vocábulo “imensidade” vem, também, do latim *immensitas*, de *immensus*, “imenso, desmedido, não mensurado”. Como termo técnico teológico indica que “a essência divina é *sine mensura*, sem medida e satura todas as coisas”.

Assim “*immensitas*” é um atributo essencial de Deus em sua diferença para o mundo, visto que a “*omnipraesentia*” é um

atributo relativo que expressa a indeterminada presença de Deus: Deus é “illocalis”, ou sem-local, e sua presença intensiva, “indivisibilis”, e “incomprehensibilis”.

Segundo Strong, a onipresença “significa que Deus, na totalidade da sua essência, sem difusão ou expansão, multiplicação ou divisão, penetra e ocupa o Universo em todas as suas partes”, enquanto que imensidade “é infinitude em relação ao espaço. A natureza de Deus não está sujeita à lei de espaço. Deus não está no espaço”. Assim, a natureza divina não tem extensão nem está sujeita a nenhuma limitação espacial.

Chafer considera essa diferença da seguinte maneira:

“É provável que os termos onipresença e imensidão representem idéias ligeiramente diferentes. A onipresença naturalmente relaciona Deus ao Universo, onde outros seres estão como presente com Ele, enquanto que a imensidão sobrepassa toda a criação e estende-se infinitamente.”

O espaço veio a existir com a criação; logo, o Criador transcende às dimensões espaciais (Jr 23.23,24).

A diferença, de fato, entre os atributos em análise pode ser resumida da seguinte forma: a imensidade de Deus fala de sua essência imensa, que não tem limite, enchendo todo o Universo, em relação ao espaço; já a onipresença diz respeito à presença do Todo-Poderoso em relação às criaturas. (Ver Is 57.15; Sl 33.13,14; Pv 15.3).

7.1.7 – ONISCIÊNCIA

A palavra “onisciência” vem do latim omniscientia — omni, “tudo”; e scientia, “conhecimento”, “ciência”. É o atributo divino para descrever o conhecimento perfeito e absoluto que Deus possui de todas as coisas, de todos os eventos e de todas as circunstâncias por toda a eternidade, passada e futura.

Trata-se do conhecimento, da inteligência e da sabedoria em graus perfeito e infinito: “Não há esquadrinhação do

seu entendimento” (Is 40.28). Esse conhecimento é simultâneo, e não sucessivo. A onisciência de Deus excede todo o entendimento humano; é um desafio à nossa compreensão, mas é também uma realidade revelada. (Ver Jó 37.16; Hb 4.13; 1Jo 3.20)

7.1.8 – PRESCIÊNCIA

Deus conhece o fim desde o princípio; Ele está presente na eternidade. Isso envolve a presciência, conhecimento antecipado, na ótica humana, pois o Senhor não está limitado ao tempo.

Como vimos, presente, passado e futuro são a mesma coisa para o Senhor, posto que Ele sabe tudo, desde as coisas grandiosas — como o número das estrelas, incluindo-se os nomes delas: “conta o número das estrelas, chamando-as a todas pelos seus nomes” (Sl 147.4) —, até ao pequenino pardal: “*nenhum deles cairá em terra sem a vontade de vosso Pai*” (Mt 10.29). (Ver também Is 46.9,10).

Deus, na sua presciência, não interfere na liberdade humana, ou seja, no livre-arbítrio. Ele sabe de antemão todos os acontecimentos futuros sem interferir diretamente na decisão de cada pessoa. Além de saber tudo sobre os seres humanos, somente Ele conhece o coração deles. (Ver 1Rs 8.39; 1Cr 28.9; Sl 139.1-4; Jr 1.5).

7.1.9 – ONIPOTÊNCIA

O termo significa “ter todo poder, ser todo-poderoso”. A Bíblia ensina que Deus é onipotente; um de seus nomes revela esse atributo, ‘El Shaddai (hb.), como veremos mais adiante no estudo sobre os nomes de Deus. Os cristãos reconhecem que Deus pode todas as coisas: “Porque para Deus nada é impossível” (Lc 1.37). Ele é chamado nas Escrituras de “Onipotente”, o Ser que tudo pode. (Ver Sl 91.1; Jr 32.17).

“... *nada há que seja demasiado difícil para ti.*”
(Jr 32.17, Tradução Brasileira).

As especulações sobre a significação de onipotência foram discutidas por teólogos e pensadores cristãos da Idade Média, como Anselmo de Cantuária, Tomás de Aquino, Guilherme de Occam e Duns Scotus.

Isso significa que Deus realiza contradições lógicas como círculo quadrado, triângulo redondo ou pode criar água seca? Ou, ainda, criar uma pedra tão pesada que ele mesmo não a possa levantar?

Isso nos parece mais especulações falaciosas do que lógicas, pois o termo “onipotência”, no âmbito teológico, como atributo divino, indica poder ilimitado de Deus *ad extra*, “externo”; ou seja: “a *omnipotentia Dei* está limitada somente pela essência ou natureza do próprio Deus e por nada externo a Deus”.

Esse conceito responde a essas especulações ou objeções. O atributo em foco diz respeito ao poder irresistível de Deus, que age conforme a sua vontade, pelo qual Ele trouxe o Universo à existência; por sua vontade e pelo poder de sua Palavra: “Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu” (Sl 33.9); “O norte estende sobre o vazio; suspende a terra sobre o nada” (Jó 26.7).

O poder de Deus está relacionado com o seu propósito, com a sua natureza e com a sua essência. Por meio desse ilimitado poder, pela sua Palavra, o Senhor criou o Universo e sustenta todas as coisas. As Escrituras ensinam “que Deus não pode mentir” (Tt 1.2). Deve isso ser interpretado como limite de seu poder? Não, pois essa passagem enfatiza o imutável caráter de Deus, haja vista ser Ele “a verdade”.

Afirmar que Deus não pode impedir o fenômeno tsunami que abateu o sul da Ásia, em 26 de dezembro de 2004, é heresia. Ora, Ele não impediu porque não quis. O sofrimento humano é consequência do pecado, e o Senhor tem um propósito em tudo isso, o qual nós não conseguimos entender.

7.2 - OS ATRIBUTOS COMUNICÁVEIS DE DEUS

7.2.1 – SANTIDADE

Deus é absolutamente santo; sua santidade é infinita e inigualável; Ele é santo em si mesmo, em sua essência e em sua natureza. No entanto, está escrito: “Santos sereis, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (Lv 19.2). Esta passagem, citada no Novo Testamento (1Pe 1.16), enfatiza que o Senhor exige santidade de seu povo porque Ele é santo.

Vemos, pois, que a santidade está em Deus e deve estar em seus seguidores. Isso explica uma dúvida classificação, apesar de haver uma enorme e incomparável diferença entre a santidade de Deus e a do ser humano.

O termo “santo” — hb. qādôsh e gr. hagios — significa “separação” ou “brilho”, “brilhante”; é especificamente divino. A etimologia de qādôsh é ainda incerta; parece ser uma combinação que indica “queimar no fogo”, numa referência à oferta queimada, porém a idéia básica é de “separar, retirar do uso comum”. Esse é o pensamento do Antigo Testamento: “para fazer diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo” (Lv 10.10).

Santidade significa afastar-se de tudo o que é pecaminoso. Os antigos hebreus levavam-na com seriedade. A Palavra de Deus chama de santas as duas partes do Tabernáculo. O Senhor ordenou essa construção com o objetivo habitar no meio dos filhos de Israel: (Ver Êx 25.8; Êx 26.33).

A santidade de Deus é singular por causa de sua majestade infinita e também em virtude de Ele ser totalmente distinto e separado, em pureza, de suas criaturas. Essa santidade é a plenitude gloriosa da excelência moral do Todo-Poderoso, que nEle existe e que nEle originou-se; não deriva de ninguém: “Não há santo como é o Senhor” (1Sm 2.2). Toda a adoração deve ser nesse espírito de santidade. Nenhum atributo divino é tão solenizado nas Escrituras como esse. (Veja Êx 15.11; Is 6.3; Ap 4.8; Ap 15.4).

A santidade de Deus é o princípio da sua própria atividade: “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal” (Hc 1.13), bem como a norma para as suas criaturas: “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14).

7.2.2 - VERDADE E FIDELIDADE

Verdade é um atributo relacionado com a fidelidade de Deus. Ela diz respeito à sua veracidade e é algo próprio da natureza divina. Já a fidelidade, do latim *fidelitas*, é a garantia do cumprimento das promessas d'Ele: “Deus é consistente e constante em suas promessas e em sua graça”. É, pois, um atributo relacionado com a imutabilidade de Deus.

O termo “verdade” (hb. *'ēmeth*) “tem o sentido enfático de certeza, confiança”. Daí derivam as palavras *'ēmûnâ*, “fé”, “fidelidade”, “firmeza” (Hc 2.4) e *'āmēn*, “amém”, “verdadeiramente”, “de fato”, “assim seja”. Esse vocábulo aplica-se duas vezes a Deus, em Isaías 65.16, onde foi traduzido por “verdade” (gr. *alētheia*, na Septuaginta, “sinceridade” ou “franqueza”), cuja idéia é “não oculto”, “não escondido”; *veritas*, em latim, que denota, ainda, “precisão”, “rigor”, “exatidão de um relato”.

Verdade e fidelidade não são diferentes nomes de um mesmo atributo, embora inseparáveis; são distintos, pois não pode haver fidelidade sem verdade. A verdade mostra que Deus é real; é tudo aquilo que em sua Palavra afirma ser; e n'Ele podemos confiar. Tal confiança envolve tanto a verdade como a fidelidade. (Ver Dt 32.4; Sl 31.5; Is 65.16; Jo 14.6)

Jesus, pois, é fiel e justo para nos perdoar: “*Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça.*” (1Jo 1.9).

7.2.3 – AMOR

Este atributo é o tema central das Escrituras, demonstrado de forma suprema em Jesus Cristo. A Palavra de Deus

afirma expressamente “Deus é amor” (1Jo 4.8,16, ARA). Esta declaração significa que o amor de Deus não precisa de um objeto para existir; é independente; constitui-se parte da natureza divina; pode ser definido como a inclinação natural da essência divina para a bondade.

O amor de Deus é desde a eternidade; foi revelado no relacionamento entre as Pessoas da Trindade, haja vista Jesus ter dito: “porque tu me hás amado antes da fundação do mundo” (Jo 17.24). E também depois da criação esse amor permaneceu: “O Pai ama o Filho” (Jo 3.35). Tal amor é eterno, infinito e incomparável, manifesto a Israel, a todos os homens e a todas as criaturas no Céu e na Terra. (Ver Êx 20.6; Jr 31.3; Jo 3.16; Rm 5.8).

Deus comunicou aos seres humanos alguma ressonância desse amor. Deus criou o homem com capacidade para amar; e, hoje, “nós o amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19). É, pois, sua vontade que nos amemos uns aos outros; é o segundo grande mandamento que Jesus declarou e que vem desde a Lei de Moisés: (Ver Lv 19.18; Mt 22.39; Mc 12.31 e Jo 15.12,17).

7.2.4 – BONDADE

A bondade de Deus é um dos seus atributos morais. Deus é bom em si mesmo e para as suas criaturas. É a perfeição de Ele que o leva a tratá-las com benevolência. Essa bondade é para com todos: “O Senhor é bom para todos, e as suas misericórdias são sobre todas as suas obras” (Sl 145.9).

Deus é a fonte de todo o bem. Jesus disse: “*Não há bom, senão um, que é Deus*” (Mt 19.17). Nessa bondade estão envolvidos também o amor e a graça. São três conceitos distintos, mas o amor é a bondade divina exercida em favor de suas criaturas morais, em grau mais elevado e perfeito: (Ver Jo 3.16; Rm 5.8)

7.2.5 - MISERICÓRDIA, GRAÇA E LONGANIMIDADE

Estes três atributos são correlatos, porém distintos entre si; manifestam a bondade de Deus. Misericórdia é o termo teológico para compaixão; trata-se da disposição de Deus para

socorrer os oprimidos e perdoar os culpados. A graça é o favor imerecido de Deus para com o pecador; é a bondade para quem apenas merece o castigo. Já a longanimidade é a demonstração de paciência; é ser lento para irar-se; retardar a ira. (Ver Êx 34.6,7; Sl 103.8; Tt 3.4-6).

Por meio desses atributos, Deus não concede ao homem aquilo que ele merece, mas o que ele precisa, pois merecíamos o castigo (cf. Rm 6.23). Ele se apiedou de nós e enviou o seu Filho para nos salvar: “o Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14).

7.2.6 – JUSTIÇA

A justiça (ou a retidão), como atributo divino, pode ser definida como a conformidade de Deus com a sua lei moral e espiritual; a harmonia da natureza divina com sua santidade; é essa santidade exercida sobre as suas criaturas.

A justiça de Deus pode ser, segundo os escolásticos, interna ou externa. A justiça interna é a excelência moral, e a justiça externa é a retidão de conduta. O Senhor é o autor da moral, como Juiz soberano do Universo e Criador de todas as coisas; tem o direito de decretar a sua Lei e exigir de suas criaturas inteligentes obediência e santidade. A natureza perfeita dEle é manifesta em seus atributos, e a sua santidade é o parâmetro para a raça humana.

Deus revelou a sua vontade na sua Palavra. Quando a lei — a expressão máxima da santidade de Deus — é violada, essa santidade do Senhor exige a manifestação de sua ira: “*Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça*” (Rm 1.18). Esse atributo é manifesto no castigo do pecado e na premiação do justo: “*o qual recompensará cada um segundo as suas obras*” (Rm 2.6).

A Bíblia declara, com todas as letras, que somente Deus é justo, considerando justiça como atributo, no sentido absoluto de perfeição: (Ver Sl 7.11; Gn 18.25; Sl 89.14; Sl 96.13; Is 45.21).

7.2.7 – SABEDORIA

A sabedoria é mais que o conhecimento ou a inteligência; trata-se da capacidade mental para entender todas as coisas, um aspecto particular da onisciência de Deus. Esse atributo é conhecido como *sapientia Dei*, “sabedoria de Deus”, ou *omnisapientia*, “toda-sabedoria”.

É a correspondência do pensamento divino com o *summum bonum*, “sumo bem” de todas as coisas; é “a sabedoria do conselho divino pela virtude a qual Deus sabe todas as causas e efeitos e as ordena aos seus próprios fins e pela qual ele essencialmente cumpre seu próprio fim para e por meio de todas as coisas criadas”.

Com sabedoria Ele arquitetou, planejou e criou tudo o que existe: *“Todas as coisas fizeste com sabedoria”*. (Sl 104.24); *“Com ele está a sabedoria e a força; conselho entendimento ele tem”* (Jó 12.13). Em Jesus Cristo *“estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência”* (Cl 2.3), e *“para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação e redenção”* (1Co 1.30).

Há ressonância desse atributo nas criaturas inteligentes. Deus é a fonte de sabedoria; é nEle que devemos buscá-la, pois a sua Palavra *“dá sabedoria aos simplices”* (Sl 19.7; 119.130). (Ver Também Tg 1.5; Rm 11.33-34).

VIII - OS NOMES DE DEUS

Os nomes de Deus não são apenas um apelativo nem simplesmente uma identificação pessoal. Inerentes à sua natureza, eles revelam as suas obras e os seus atributos. Não aparecem nas Escrituras para meramente fazer uma distinção dos deuses das nações pagãs. Quando elas mencionam os nomes divinos, revelam o poder, a grandeza e a glória do Todo-Poderoso, além de enfatizarem os seus atributos.

Nos tempos do Antigo Testamento, um nome era empregado não simplesmente para distinguir uma pessoa das

outras, mas para mostrar o caráter e a índole de um indivíduo. Houve até casos de mudanças de nomes como consequência de uma experiência com Deus (Gn 17.5,15; 32.28). Com referência a Deus, o nome representa Ele próprio.

O nome do Senhor está ligado ao conceito de sua soberania e glória: “Então haverá um lugar que escolherá o Senhor vosso Deus para ali fazer habitar o seu nome” (Dt 12.11). Esta passagem ensina que, nesse lugar escolhido por Deus, o santuário, Ele estaria presente. Sua presença nos cultos seria constante e habitaria nesse santuário.

Deus falou a Davi, pelo profeta Natã, que o seu descendente construiria uma Casa ao seu nome (2Sm 7.12,13). Em outras palavras, o filho de Davi haveria de edificar uma Casa para o Senhor Deus de Israel. Na bênção sacerdotal, Moisés conclui a mensagem com essas palavras: “Assim porão o meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei” (Nm 6.27).

Que significam as menções das passagens acima? Que Deus habitaria no meio dos filhos de Israel, após a bênção do sumo sacerdote. No “Pai Nosso” Jesus ensinou-nos a abrir a oração santificando o nome de Deus: “Santificado seja o teu nome” (Mt 6.9). Este texto ensina que o próprio Deus deve ser honrado, venerado, adorado e temido por todas as suas criaturas. É um reconhecimento da sua bondade e santidade.

Até hoje, em Israel, os judeus chamam Deus de hā - shēm, palavras hebraicas que significam “o nome”. Isso é bíblico: “a arca de Deus, sobre a qual se invoca o Nome, o nome do Senhor dos Exércitos” (2Sm 6.2).

8.1 - ELOHIM

A transcrição do termo hebraico é 'ēlōhîm e 'ēlōah. O nome Elohim não aparece em nenhuma outra língua, exceto na língua hebraica. Além disso, não se encontra em outras literaturas antigas extrabíblicas, nem mesmo no Talmude dos judeus. “Isto é posteriormente apoiado pelo fato de que a forma 'ēlōhîm ocorre

apenas no hebraico e em nenhuma outra língua semítica, nem mesmo no aramaico bíblico”.

O nome Elohim é o plural de Eloah. No singular, aparece apenas 57 vezes no Antigo Testamento hebraico, sendo 41 só no livro de Jó. No plural, encontramos 2.570 vezes. Eloah é o nome El acrescido da letra hebraica he. Esse substantivo vem do verbo hebraico’âlâ e significa “ser adorado”, “ser excelente”, “ser temido” e “ser reverenciado”. O substantivo, como nome, revela a plenitude das excelências divinas, daquEle que é supremo.

Deus é apresentado pela primeira vez na Bíblia com esse nome: “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). É usado para expressar o conceito universal da deidade. Essa passagem apresenta os primeiros vislumbres da Trindade, pois o verbo bārā’, “criou”, no singular, e o sujeito ’ēlōhîm, “Deus”, no plural, revelam a unidade de Deus na Trindade.

A Trindade é vista no nome Elohim à luz do contexto bíblico. A declaração, “façamos o homem” revela a existência de mais de uma Pessoa na divindade, e não mais de um Deus. Somente o Deus Filho e o Deus Espírito Santo tiveram participação na criação juntamente com o Deus Pai (João 1.3; Cl 1.16; Jó 33.4).

Os rabinos reconheceram a pluralidade nesse nome; porém, como o judaísmo é uma religião que defende o monoteísmo absoluto, não admite Jesus Cristo como o Messias de Israel — é difícil para eles entenderem essa pluralidade.

Para explicá-la, eles argumentam que Elohim é um plural de majestade ou de excelência, mas isso é uma determinação rabínica posterior. Segundo o rabino Shlomo ibn Yitschaki, “O plural de majestade não significa haver mais de uma pessoa na divindade”. Gesenius afirma que esse nome divino denota plural, expressando uma idéia abstrata ou de intensidade.

Elohim é poucas vezes empregado com outro propósito que não seja o Deus revelado na Bíblia. O Antigo Testamento faz menção dos deuses do Egito: “... e sobre todos os deuses do Egito” (Êx 12.12) e de outras nações: “Dentre os deuses dos povos que

estão em redor de vós, perto ou longe de ti, desde uma extremidade da terra até a outra extremidade” (Dt 13.7; cf. Jz 6.10).

O termo é usado, ainda, com relação às imagens dos cultos pagãos: “Não fareis outros deuses comigo; deuses de prata ou deuses de ouro não fareis para vós” (Êx 20.23). As Escrituras fazem usos irregulares desse nome para seres sobrenaturais (1Sm 28.13) e para juízes (Sl 82.6). Aparece também com relação às divindades pagãs individuais cerca de vinte vezes, como Baal (Jz 6.31; 1Rs 18.24,25,27) e outros.

Para os pagãos, o(s) seu(s) deus(es) significava(m) “a plenitude das excelências divinas”. O que o Deus de Israel representava para o povo hebreu essas divindades representavam para os pagãos. Essa é a justificativa do emprego de ’ëlôhîm (plural) a uma divindade pagã individual.

Quando ’ëlôhîm se refere às divindades, traz o verbo, os pronomes e o adjetivo no plural, o que representa multiplicidade. Quando é aplicado ao Deus de Israel, os pronomes, o verbo e o adjetivo vêm geralmente no singular; salvo exceções.

8.2 – El

A transcrição do termo hebraico é ’êl. O nome El parece ser a raiz de Eloah e de seu plural Elohim, mas há ainda discussão sobre o assunto. 48 É um “termo semítico muito antigo para deidade”.49 É usado para identificar o Deus de Israel (Nm 23.8). A palavra vem da forma acádica ’illû, um dos nomes mais antigos de Deus. Não se sabe com certeza se a palavra ’êl vem do verbo ’ul, “ser forte”, ou do verbo “ser preeminente”, de idêntica raiz.

El é o nome mais usado na Bíblia para mencionar as divindades pagãs. É empregado com frequência em ugarítico, porém aparece também com relação ao Deus de Israel. Não é mencionado em nossas Bíblias, em português — exceto em algumas variantes no rodapé. O que encontramos é o vocábulo “Deus” em seu lugar, ou “deus”, em caso de divindades pagãs. Só é possível encontrá-lo na Bíblia Hebraica.

Os nomes 'él, 'él 'elyôn e 'ělōah — no plural, 'ělōhîm — , registrados nas Escrituras Hebraicas, foram traduzidos na Septuaginta por theos, o mesmo usado, no Novo Testamento Grego, para “Deus”.

8.3 - EL ELYON

A transcrição do termo hebraico é 'él 'elyôn. O nome Elyon é traduzido em nossas versões por “Altíssimo”, e El Elyon, por “Deus Altíssimo”. Este nome (ou título) é um adjetivo que se deriva do verbo hebraico 'alâ e significa “subir”, “ser elevado”; designa Deus como o Alto e Excelente, o Deus Glorioso. Trata-se de um nome genérico, porque também é aplicado a governantes — mas nunca vem acompanhado de artigo quando se refere ao Deus de Israel. (ver Gn 14.19,20).

No texto acima, o nome de Deus vem acompanhado de El, mas, às vezes, vem sozinho: “Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo” (Is 14.14). Elyon pode ser encontrado sozinho nas Escrituras ou combinado com outros nomes de Deus (cf. Nm 24.16; Dt 32.8; Sl 7.17; 9.2; 57.2; Dn 7.18, 22,27).

8.4 - EL SHADDAI

Abraão adorava o Deus El Shaddai, “Deus Todo-poderoso” (Gn 17.1), e Melquisedeque, rei e sacerdote de Salém, era adorador do El Elyon. Quando ambos se encontraram, descobriram que adoravam o mesmo Deus, conhecido por eles por nomes diferentes (Êx 6.2).

Shadday, 'ădōnā(y) e YHWH são nomes específicos, pois nas Escrituras Sagradas só aparecem aplicados ao Deus verdadeiro. A transcrição do termo hebraico é shadday, o “nome de uma deidade”; “nome de deidade identificada com Yaweh”; “mais poderoso, Todo-Poderoso, um epíteto de Jeová”. “Esse é um dos nomes de Deus no Antigo Testamento, sendo que algumas versões o deixam sem traduzir, e outras traduzem por ‘Todo-poderoso’”.

Há ainda muita discussão sobre a etimologia desse nome, que aparece 48 vezes na Escrituras Hebraicas, sendo sete delas antecedidas do nome El. Desde a antiguidade os rabinos diziam que ele vem de she, pronome relativo hebraico “que”, “quem”, forma reduzida de 'āsher, combinado com day, “suficiência”, “provisão necessária”, “suficiente”. Isso dá a idéia de “ser poderoso”, “ser forte” e “ser potente”.

A Septuaginta traduziu dezesseis vezes shadday por pantokratōr, “Todo-Poderoso, Soberano universal”, que aparece dez vezes no Novo Testamento. Pantokratōr é mencionado, às vezes, sem tradução na versão em apreço, e outras vezes é substituído por theos. Jerônimo empregou Omnipotens na Vulgata Latina. Isso indica que desde o período pré-cristão já se usava o termo “Todo-Poderoso” para shadday, o que justifica a explicação rabínica acima.

Outros afirmam que a palavra vem do acádico šadu, “montanha, cadeia de montanha”. Assim, Shaddai seria “Deus da montanha” ou a “morada de Deus”. Há ainda os que acreditam que o termo vem do verbo hebraico shaddad, “devastar, destruir”. Nesse caso, o nome significaria “meu destruidor”.

Shaddai, “Todo-Poderoso”, era um nome apropriado para o período patriarcal, durante o qual os patriarcas viviam numa terra estranha e estavam rodeados pelas nações hostis. Eles precisavam saber que o seu Deus era o Onipotente: “Eu sou o Deus Todo-poderoso ['ēl shadday]; anda em minha presença e sê perfeito” (Gn 17.1).

O termo shadday aparece com frequência na era patriarcal. Só no livro de Jó esse nome ocorre 31 vezes. Deus declarou a Moisés: “E eu apareci a Abraão, e a Isaque, e a Jacó, como o Deus Todo-poderoso; mas pelo meu nome, o Senhor, não lhes fui perfeitamente conhecido” (Êx 6.3).

No texto hebraico aparece o termo 'ēl shadday para “Deus Todo-poderoso”, e o tetragrama YHWH, para “Senhor”. Isso significa que Deus era conhecido pelos patriarcas por El Shaddai. Ele

se revelou primeiro aos patriarcas do Gênesis com esse nome; depois do Sinai, os hebreus identificaram o seu libertador Jeová com o El Shaddai dos seus antepassados.

8.5 - ADONAI

A transcrição do termo hebraico é 'ădônā(y). O nome Adonai é mencionado no Antigo Testamento 449 vezes, sendo que, em 134 vezes, aparece sozinho; e, em conexão com YHWH, 315. É um nome de Deus, e não meramente um pronome de tratamento — nele se expressa a soberania de Deus no Universo.

Segundo Gesenius, Adonai é “usado somente para Deus”. O nome aplica-se somente ao Deus verdadeiro e significa “meu Senhor”; também nunca é usado como pronome de tratamento. Para este caso, o hebraico usa 'ădônî ou 'ădôn, “senhor”. Ana dirigiu-se a Eli usando o pronome 'ădônî, “não, senhor meu, eu sou uma mulher atribulada de espírito” (1Sm 1.15); “Ah! Meu senhor, viva a tua alma, meu senhor” (1.26). Isso funciona ainda hoje em Israel.

Quando antecedido do artigo definido, o termo em apreço refere-se, exclusivamente, ao Deus verdadeiro — ele aparece precedido pelo artigo definido nove vezes nas Escrituras Hebraicas (Êx 23.17; 34.23; Is 1.24; 3.1; 10.16,33; 19.4; Mq 4.13; MI 3.1).

Os nomes Adonai e Jeová são tão sagrados para os judeus que eles evitam pronunciá-los na rua, no seu quotidiano. O segundo nem sequer nas sinagogas é pronunciado. No dia-a-dia chamam Deus de hā -shēm, “O Nome”.

Dizer “César é senhor” seria reconhecer a divindade dele. Era por isso que os cristãos primitivos recusavam-se a chamar César de senhor. O apóstolo Paulo disse: “Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo” (1Co 12.3). Essa declaração reivindica a divindade de Cristo — só é possível reconhecer o senhorio de Cristo pela revelação do Espírito Santo.

Se Cristo fosse um mero senhor, não haveria necessidade de o Espírito Santo revelá-lo. É claro que o termo grego *kyrios* corresponde aos nomes hebraicos Adonai e YHWH, sendo usado tanto para o Pai como para o Filho.

8.6 - NOMES COMPOSTOS DE YHWH OU JEOVÁ

A Palavra de Deus mostra-nos com clareza que Deus se deu a conhecer, nos tempos do Antigo Testamento, por vários nomes inerentes à sua natureza e à circunstância de sua revelação. Para Abraão, Ele apareceu como a provisão para o sacrifício em lugar de Isaque, seu filho, com o nome YHWH (Jeová) Yireh, que significa: “o Senhor proverá” (Gn 22.14).

Prometendo livrar os filhos de Israel daquelas pragas e enfermidades que sobrevieram aos egípcios, Ele se manifestou como YHWH Rafá, isto é, “o Senhor que sara” (Êx 15.26). Numa época de angústia, nos dias difíceis dos juizes de Israel, apareceu a Gideão como YHWH Shalom, isto é, “o Senhor é paz” (Jz 6.24).

A todos que peregrinam na Terra apresenta-se como YHWH Ra’ah, que significa “o Senhor é meu Pastor” (Sl 23.1). Na justificação do pecador, Ele aparece como YHWH Tsidkenu, que quer dizer “o Senhor, justiça nossa” (Jr 23.6). Na batalha contra o mal e o vil pecado, mostra-se como YHWH Nissi, “o Senhor é a minha bandeira” (Êx 17.15). E, no Milênio, será chamado de YHWH Shammah, isto é, “o Senhor está ali” (Ez 48.35).

8.7 - O TETRAGRAMA YHWH

YHWH, tetragrama hebraico grafado geralmente como Yahveh ou Yahweh, é o nome pessoal do Deus de Israel, que em nossas versões aparece como Jeová, Javé ou Senhor. As quatro consoantes hebraicas do nome divino se tornaram impronunciáveis pelos judeus desde o período interbíblico. Isso para evitar a vulgarização do nome: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão” (Êx 20.7), pois é assim que interpretam o terceiro mandamento do Decálogo.

Os judeus pronunciam 'ădōnă(y) toda vez que encontram o nome sagrado nas Escrituras durante a leitura da sinagoga. Isso é observado ainda hoje. Na Idade Média, os rabinos inseriram no tetragrama YHWH as vogais de Adonai. Isso resultou na forma YeHoWaH. Só a partir de 1520 — depois de tomarem conhecimento desse fato — os reformadores difundiram o nome Jeová.

Yahweh vem do verbo hebraico hayah, que significa “ser”, “estar”, “existir”, “tornar-se”, “acontecer”. Esse verbo aparece ligado a esse nome em Êxodo 3.14: “EU SOU O QUE SOU”. Na poesia hebraica, usa-se com frequência a forma reduzida Yah: “JÁ é o seu nome; exultai diante dele” (Sl 68.4, Tradução Brasileira). Talvez isso justifique a presença da letra “a” no nome Yahweh. Pela gramática hebraica, “y” denota “quem sempre existiu”.

O significado desse verbo, na passagem de Êxodo 3.14, é que Deus é o que tem existência própria; existe por si mesmo. É o imutável, o que causa todas as coisas; é autoexistente, aquele que é, que era e que há de vir; o Eterno (Gn 21.33; Sl 90.1,2; Mt 3.6, Ap 1.8). Até hoje os judeus religiosos preferem chamá-Lo de “O Eterno”. É assim que a Bíblia na Linguagem de Hoje emprega esse nome no lugar YHWH — em Êxodo 3.13, Deus deu a Moisés o significado desse tetragrama.

Em virtude de os judeus não pronunciarem o tetragrama YHWH, a pronúncia original perdeu-se ao longo dos séculos. Mas existe uma tradição de que os samaritanos pronunciavam o nome como Iabe. Como a letra “b”, já no grego daqueles dias, tinha o som de “v”, como ainda hoje na Grécia, então Yahweh (lavé) parece ser a pronúncia mais apropriada. Clemente de Alexandria escreveu o tetragrama como Jeoue.

Há, portanto, evidências históricas de que Yahweh (ou lavé) era a pronúncia primitiva. Êxodo 3.14 é a única fonte bíblica que parece lançar luz sobre a pronúncia correta de YHWH. Já o texto de Êxodo 6.3 mostra que os patriarcas do Gênesis conheciam esse nome, mas não sabiam a forma e o significado dele: “E eu apareci a Abraão, e a Isaque, e a Jacó, como o Deus Todo-poderoso;

mas pelo meu nome, o Senhor, não lhes fui perfeitamente conhecido”.

Yahweh é o nome do pacto com Israel: “E Deus disse mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós; este é meu nome eternamente, e este é meu memorial de geração em geração” (Êx 3.15). A partir dessa teofania, durante a história dos filhos de Israel, foi-lhes dado o nome especial e peculiar de Deus.

O Novo Testamento grego substituiu as quatro consoantes por *kyrios*, que quer dizer “Senhor”. Por essa razão, as nossas versões traduziram YHWH por Senhor. O texto da versão Almeida Revista e Corrigida (ARC), edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, grafa o nome com todas as letras maiúsculas: “Senhor”.

YHWH não aparece uma vez sequer no Novo Testamento grego; em seu lugar aparece o nome Senhor (*kyrios*). O apóstolo Paulo citou Isaías 1.9, onde aparece o nome Yahweh Tsebhaoth. Em Romanos 9.29, porém, ele empregou *Kyrios Sabaōth*, como as demais citações do Antigo Testamento (cf. Jl 2.32; Rm 10.13).

Existem atualmente mais de cinco mil manuscritos gregos do Novo Testamento — incluindo papiros e lecionários — espalhados em museus e mosteiros de toda a Europa. Datados desde o século II d.C. até ao advento da imprensa, no século XV, nenhum deles traz o tetragrama YHWH. Isso porque Jesus é, no Novo Testamento, o mesmo que Jeová no Antigo.

Se Jesus é o próprio Jeová, não pode mesmo YHWH configurar nos manuscritos gregos do Novo Testamento. Ser o mesmo Deus não significa ser a mesma Pessoa. Esse assunto será discutido mais adiante, quando discorrermos sobre a Santíssima Trindade.

ATIVIDADES – LIÇÃO II

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) O vocábulo Teontologia, segundo Chafer, define o estudo sobre o Ser de Deus.
- 2) Na teoria ateísta a ênfase é a negação de Deus.
- 3) Na teoria do evolucionismo o ensino é de que os organismos biológicos evoluíram num longo processo através das eras. A seleção natural, evolucionismo, ou darwinismo, é a teoria da sobrevivência dos mais fortes.
- 4) No agnosticismo incentiva-se a prática da adoração a mais de uma divindade.
- 5) Para o panteísmo Deus é tudo, e tudo é Deus; ela não separa a criatura do Criador, associando-o ao próprio Satanás, que — segundo a teoria em apreço — também é um deus.
- 6) Dentre os atributos comunicáveis de Deus podemos destacar: Perfeição, Espiritualidade, Infinitude, Eternidade, Imutabilidade, Onipresença, Onisciência, Presciência e Onipotência.

Lição III

A Doutrina de Jesus Cristo Cristologia

A DOCTRINA DE JESUS CRISTO

CRISTOLOGIA

Cristologia é um estudo que se ocupa dos atributos de Cristo como Deus e como Homem, bem como do relacionamento dessas duas naturezas. Começaremos a nossa análise pelos nomes e títulos do Senhor Jesus Cristo e as significações de cada um deles, além das características de sua perfeita humanidade.

I - NOMES E TÍTULOS DE JESUS CRISTO

1.1 - JESUS

Este nome designa a Pessoa e a existência do Filho de Deus, que veio ao mundo para salvar os pecadores. Quando Ele é invocado como Senhor, Redentor e Salvador, é esse o seu nome íntimo e pessoal. Jesus Cristo — o nome completo — compõe-se do nome próprio Jesus e de um título: Cristo. Ligados, designam o Filho de Deus bendito, o Salvador universal.

Além de “Jesus Cristo”, há cerca de trezentos títulos e designações na Bíblia que se referem à sua gloriosa Pessoa. Senhor é o título da sua divindade; Jesus, além de um nome, é título da sua humanidade; Cristo, de seu ofício como Sumo Sacerdote, Rei e Profeta, incluindo o Messias do Antigo Testamento.

1.2 - CRISTO

O Credo de Nicéia, realizado na Bitínia (atual Turquia), em 325, apresenta algumas declarações importantes a respeito de Jesus Cristo quanto ao fato de ser Ele tanto Homem como Deus, gerado, e não criado. Originalmente, o tal credo afirma:

Creio em um Deus, o Pai Todo-poderoso, Criador dos céus e da terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis. E no Senhor Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus, gerado, não-feito, sendo de uma substância como o Pai, por quem todas as coisas foram feitas...

“Achamos o Messias (que, traduzido, é o Cristo)”; “Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem” (Jo 1.41; 4.25). Estas passagens mostram que judeus e samaritanos tinham a mesma esperança em relação ao Messias prometido aos pais pelo Deus de Israel. A idéia de um Messias (hb. *mashiach*, “Ungido”) para ser o Salvador ou Redentor de seu povo estava presente na mente dos povos, mesmo os que abraçavam diferentes religiões e crenças.

Mas todos esperavam um Messias político. Também havia a idéia de um Libertador humano militar, eleito por Deus, para Israel e, por extensão, a toda a humanidade, comandando um poderoso exército, encontrava-se na mente de Israel.

1.3 - JESUS CRISTO, O SENHOR

Nos campos da adoração e da reverência, Jesus é chamado de Senhor. Especialmente depois de sua ressurreição, surgiu a expressão “Senhor Jesus”, que somente ocorre no Novo Testamento. Lucas escreveu sobre as mulheres que tinham preparado especiarias para embalsamar o corpo Jesus. Chegando ao local, “acharam a pedra revolvida do sepulcro. E, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus” (Lc 24.3). Daqui em diante, a expressão em apreço aparece em várias passagens Neotestamentárias.

A palavra “senhor” (gr. *kyrios*), que é usada com relação a Jesus Cristo, é empregada, às vezes, apenas para fazer uma referência polida a um superior (Mt 13.27; 21.30; 27.63; Jo 4.11). Em outras ocasiões pode significar simplesmente o senhor de um escravo (Mt 6.24; 21.40). Ela também foi empregada na Septuaginta como tradução do tetragrama YHWH.

Kyrios é um termo empregado para traduzir o nome de Deus mais de 6.500 vezes na versão grega do Antigo Testamento. Nesse caso, qualquer leitor do grego do Novo Testamento reconheceria quando a palavra “Senhor” era uma referência ao nome do Criador dos céus e da terra, o Todo-Poderoso.

Há muitos casos no Novo Testamento em que o vocábulo “senhor”, ao ser aplicado a Cristo, reveste-se do sentido que tem no Antigo Testamento: o Senhor, o Todo-Poderoso, isto é, YHWH. Tal uso pode ser notado na afirmação do anjo aos pastores de Belém: “Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador que é Cristo, o Senhor” (Lc 2.11).

A palavra “Cristo”, nesse sentido, é a tradução grega de *māshîah* (hb.). Conquanto esses termos nos sejam familiares, pelo uso frequente que deles fazemos no período do Natal, devemos considerar o quão surpreendentes foram para os judeus do primeiro século que conheceram um bebê chamado de “o Messias” e de “o Senhor” — isto é, o próprio Senhor Deus encarnado!

Quando Mateus mencionou a pregação de João Batista: “Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas” (Mt 3.3), fez uma citação de Isaías 40.3, que fala a respeito do próprio Senhor Deus manifesto entre seu povo. Mas o contexto aplica tal profecia ao fato de João preparar o caminho para a chegada de Jesus. Ou seja, quando Jesus viesse, seria o próprio Senhor quem viria!

Jesus identificou-se como o Senhor soberano do Antigo Testamento quando perguntou aos fariseus sobre Salmos 110.1 (cf. Mt 22.44). A força dessa afirmação é que o Deus Pai disse ao Deus Filho (o Senhor de Davi): “Assenta-te à minha direita...” E os fariseus sabiam que Ele estava falando a respeito de si próprio.

Nas Epístolas, Senhor é um título aplicado com frequência a Jesus Cristo. O apóstolo Paulo afirmou: “Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele” (1Co 8.6).

1.4 - OUTROS NOMES E TÍTULOS

Há vários títulos atribuídos a Cristo no Antigo Testamento: Siló (Gn 49.10); Maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade e Príncipe da paz (Is 9.6); Renovo (Jr 33.15; Zc 3.8; Is 4.2; Jr 23.5), etc. No Novo Testamento, além dos mencionados, encontramos: Cristo Jesus (1Tm 1.15); Senhor de todos (At 10.36); Senhor dos senhores (Ap 17.14); Senhor e Salvador Jesus Cristo (2Pe 2.20), etc.

II - A ETERNIDADE DE CRISTO

Jesus é o Filho de Deus bendito, enviado por Deus Pai; vindo ao mundo, humanizou-se, ao ser gerado pelo Pai no ventre de uma virgem, a fim de cumprir a vontade divina. As instruções sobre o mistério de sua encarnação foram dadas a Maria, de Nazaré, a qual recebeu a visita do anjo Gabriel. Entrando ele a sua casa, saudou-a: “Salve, agraciada; o Senhor é contigo: bendita és tu entre as mulheres”.

O anjo instruiu Maria quanto ao processo da encarnação de Jesus (Lc 1.28,31-35) e, no tempo assinalado, o Senhor nasceu numa estrebaria, em Belém, vivendo entre os homens, cheio de graça e de verdade. Ninguém há, pois, que possa negar a sua existência, haja vista que isso significa negar o próprio Deus e tudo o que sabemos a seu respeito.

Mas não devemos limitar Jesus Cristo ao tempo e à história. Ele é preexistente — existe antes que todas as coisas. Essa doutrina é clara nas Escrituras. O próprio Cristo fala de sua glória e relacionamento com o Pai “antes que o mundo existisse” ou “antes da fundação do mundo” (Jo 17.5; 17.24b).

Tanto o contexto imediato quanto o remoto, nas páginas sagradas, evidenciam que Cristo foi, é e sempre será, como Ele mesmo afirmou, em João 8.58: "... em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse eu sou" (Jo 8.58). Sim, Ele é antes de todas as coisas (Cl 1.17). E tanto os escritores do Antigo como do Novo Testamentos asseveram que Ele é o Deus Eterno.

Em Salmos 45.6,7, vemos o Senhor como o Todo-Poderoso, haja vista o autor de Hebreus ter aplicado tal passagem a Ele: "Mas, do Filho, diz: Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos; cetro de equidade é o cetro do teu reino. Amaste a justiça e aborreceste a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus te ungiu com óleo de alegria mais do que a teus companheiros" (Hb 1.8-9).

2.1 - CRISTO É ETERNO

É verdade que, como Filho do homem, o seu nascimento marcou uma fase da história. Contudo, quando o visualizamos do ponto de vista divino, Ele é eterno. E não somente isso; é o "Pai da eternidade" (Is 9.6). Miquéias também acrescenta que aquEle que nasceria em Belém e seria Senhor em Israel já existia "desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade" (Mq 5.2).

Jesus tanto é eterno como histórico. Muitos afirmam que Ele somente existiu como homem, enquanto outros negam até a sua existência no contexto histórico. Entretanto, negar essa realidade é negar a própria História, à qual estão atrelados inúmeros fatos sobre Jesus. Basta observar as siglas a.C. e d.C., que significam "antes de Cristo" e "depois de Cristo".

2.2 - CRISTO É O MESMO

O Novo Testamento diz que "Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente" (Hb 13.8). Essas três dimensões da sua existência revelam a sua eternidade. Elas refletem o que Ele foi, é e será para sempre, o Pai da eternidade (Is 9.6), acerca do qual está escrito, em Colossenses 1.15-17:

O qual é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação. Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele.

III - A HUMANIDADE DE JESUS

Cristo humanizou-se para aniquilar o que tinha o império da morte, o Diabo. O autor de Hebreus mostra isso de maneira sublime e sem igual: “E, visto que os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo” (Hb 2.14).

Esse triunfo de Cristo sobre o Inimigo e seu império anulou a “cédula” que era contra nós (Jo 5.24; Ap 2.11). Por isso, o apóstolo Paulo, inspirado por Deus, afirmou: “Havendo [Cristo] riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz. E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo” (Cl 2.14,15).

3.1 - O CORPO DE CRISTO

Ao se fazer Homem, Jesus tornou-se tríplice, constituído de corpo, alma e espírito. Quanto ao seu corpo, Ele mesmo disse: “Ora, derramando ela este unguento sobre o meu corpo, fê-lo preparando-me para o meu enterramento” (Mt 26.12). Jesus falou tanto da formação como do sofrimento e da morte de seu próprio corpo. Em Hebreus 10.5, está escrito: “Sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo me preparaste”.

Essa predição apontava para a formação do corpo do Senhor no ventre da virgem Maria (Lc 1.35). Quanto à sua morte, Jesus respondeu aos judeus, quando lhes pediram um sinal de sua autoridade, em João 2.19-22:

Derribai este templo e, em três dias, o levantarei. Disseram pois os judeus: Em quarenta e seis anos, foi edificado este templo e tu o levantarás em três dias? Mas ele falava do templo do Seu corpo. Quando, pois, ressuscitou dos mortos, os Seus discípulos se lembraram de que lhes dissera isto, e creram na Escritura, e na palavra que Jesus tinha dito.

Foi o mesmo corpo que José de Arimatéia pediu para sepultar: “Este foi ter com Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Então Pilatos mandou que o corpo lhe fosse dado. E José, tomando o corpo, envolveu-o num fino e limpo lençol” (Mt 27.58,59). Quando as mulheres chegaram ao jardim onde Ele fora sepultado, “entrando [no sepulcro], não acharam o corpo do Senhor” (Lc 24.3).

Por conseguinte, após a sua ressurreição, Jesus apresentou-se com o mesmo corpo físico que recebera ao humanizar-se. Há, ainda, outras citações no Novo Testamento que mencionam o seu corpo após ter ressurgido dentre os mortos (Mt 28.9; Lc 24.15,30,39,40; Jo 20.14,20,27; 21.13; At 1.3; 10.41).

Através de seu corpo, ao morrer, Jesus cumpriu a sua missão terrena. Seu corpo, agora embalsamado por ervas aromáticas e envolvido num finíssimo lençol, fora depositado em uma sepultura comprada por um homem rico de Arimatéia e senador honrado, chamado José.

José envolveu o corpo do Senhor naquele lençol e o sepultou no túmulo novo que mandara escavar na rocha. Ali o corpo do Senhor repousaria da tarde da sexta-feira até a manhã do domingo, quando seria ressuscitado pelo supremo poder de Deus.

3.2 - A ALMA DE CRISTO

“O trabalho da sua alma ele verá, e ficará satisfeito...” (Is 53.11,12). Neste texto, vemos que não somente o corpo de Cristo, mas a sua alma e toda a extensão do seu Ser foram entregues pelos pecados da humanidade.

Durante a sua vida terrena, o Senhor Jesus tinha uma alma — que é o centro das emoções humanas — ligando ao seu corpo tanto a parte psíquica como a somática. Por isso, Ele sentiu pavor e angústia (Mc 14.33), indignação (Mc 10.14), compaixão (Mt 9.36) e agonia (Lc 22.44), além de chorar (Jo 11.35) e se perturbar (Jo 12.27).

No seu corpo, Jesus enfrentava enfermidades, dores e experimentava as necessidades básicas do ser humano (Is 53.4; Hb 2.14); mas as tristezas sempre operavam na esfera de sua alma: "... a minha alma está profundamente triste até a morte" (Mc 14. 34). Em Salmos 16.9,10, os seus corpo e alma são mencionados: "... a minha carne repousará segura. Pois não deixarás a minha alma no inferno..." (Sl 16. 9,10). O salmista Davi, "nesta previsão, disse da ressurreição de Cristo: que a sua alma não foi deixada no Hades, nem a sua carne viu a corrupção" (At 2.31).

3.3 - O ESPÍRITO DE CRISTO

Há na Bíblia a expressão "Espírito de Cristo", que não se refere ao espírito humano do Senhor — diz respeito a um dos nomes do Espírito Santo. Contudo, ao se fazer Homem, Jesus passou a ter, evidentemente, um espírito, como lemos em Lucas 23.46: "E, clamando Jesus com grande voz, disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito".

Ao entregar o seu espírito ao Pai, Jesus cumpriu sua missão na Terra. Quando isso aconteceu, Ele, fisicamente, estava morto; o seu espírito voltara a Deus, sendo "mortificado, na verdade, na carne". O próprio centurião certificou-se de que Ele estava morto! Contudo, a sua parte espiritual, o seu ser interior, fora "vivificado pelo Espírito".

Foi em espírito que Jesus cumpriu outra missão, além da terrena. Ele foi ao Hades, impelido pelo Espírito, que outrora — quando o Senhor ainda estava em seu corpo físico — fizera o mesmo, levando-o para o deserto (Lc 4.1). Agora, o Senhor deveria entrar no Hades, em espírito, movido pelo Espírito, para proclamar

a sua vitória “aos espíritos em prisão (...) os quais, noutro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca...” (1Pe 3.18-20).

No espaço de tempo entre a sua morte e a sua ressurreição, enquanto o seu corpo (e apenas o seu corpo) repousava, o seu espírito encontrava-se no mundo dos mortos. Tudo isso foi possível porque, como Homem, Ele tornou-se semelhante a nós, possuindo corpo, alma e espírito.

IV - A DUPLA NATUREZA DE CRISTO

A igreja do período apostólico enfatizava a divindade e a humanidade de Jesus, especialmente a sua origem divina e o milagre de sua encarnação no ventre de Maria. Isto é, Jesus, ao andar na Terra, era verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. O conceito de que Ele era 50% homem e 50% Deus não tem fundamento bíblico. Filho do homem e Filho de Deus são a mesma pessoa.

Jesus na eternidade estivera com Deus e era Deus (Jo 1.1). Ao humanizar-se, não deixou de ser divino, pois alguns dos atributos exclusivos da deidade foram manifestos por Ele entre os homens. Ao abrir mão, voluntariamente, de sua glória junto ao Pai, limitou-se, esvaziou-se, aniquilou-se a si mesmo, a fim de sofrer pela humanidade (Fp 2.6-8). No ventre de Maria, pois, uniram-se duas naturezas: a divina e a humana. Por amor de nós, Deus se fez Homem.

O mistério das duas naturezas de Cristo tornou-se motivo de controvérsia entre certos grupos a partir do primeiro século. Apareceram no seio do cristianismo certos ensinamentos que foram posteriormente condenados e rejeitados tanto pelos apóstolos como pelos pais da igreja.

4.1 – Os GNÓSTICOS

É provável que o gnosticismo tenha surgido como um segmento cristão, no Egito, entre o fim do século I e o início do

século II. Muitos documentos do gnosticismo do segundo século foram encontrados, incluindo o Evangelho Segundo Tomé.

Os gnósticos formularam três conceitos diferentes:

- 1) Negavam a realidade do “corpo humano” de Cristo. Ensinavam que Cristo apareceu na pessoa de Jesus, mas que este nunca foi realmente um ser humano. Tal “Cristologia” é conhecida por docetismo (gr. dokêo, “aparecer” ou “parecer”). Para eles, Jesus apenas se parecia com o homem. Toda a sua existência na terra teria sido uma farsa; Ele teria fingido ser carne e sangue, visando ao bem dos discípulos.
- 2) Afirmavam que Cristo tinha um “corpo real”, mas negavam que fosse material.
- 3) Ensinavam uma “Cristologia” dualista, pela qual “Cristo” teria entrado em “Jesus” no batismo e o abandonado pouco antes de sua morte. “Cristo” teria, por exemplo, usado as cordas vocais de “Jesus” para ensinar os discípulos, porém nunca foi realmente um ser humano. Afirmava, portanto, que “Jesus” e “Cristo” eram duas pessoas distintas.

Há menções indiretas ao gnosticismo nas epístolas de João: “Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne [como homem]. Este tal é o enganador e o anticristo” (2Jo v.7). Como e por que essa falácia surgiu entre os cristãos são perguntas sem respostas concretas.

Alguns estudiosos acreditam que Pedro também teria feito menção dos gnósticos ao falar dos falsos mestres, que introduziriam, de modo sutil, heresias de perdição no meio do povo de Deus. Tais enganadores (gnósticos?), naqueles dias, após convencerem cristãos a seguirem às suas dissoluções, exigiam deles que fizessem uma confissão pública, a fim de negarem “o Senhor que os resgatou” (2Pe 2.1,2).

Os gnósticos acreditavam na existência de Deus, mas, ao mesmo tempo, afirmavam não ser possível conhecer a existência

e a natureza divinas. Aceitavam a idéia da emanação — ou platonismo —, doutrina pela qual diziam que tudo quanto existe derivou-se do “Ser Supremo”, representado pelo Sol, cuja emanação mais forte é o Filho. Um pouco mais distantes estão os seres angelicais; depois, os homens... Enfim, Deus é inabordável. Por isso, não existia um mediador que pudesse conduzir o homem a Ele.

Eles eram também liberais; não aceitavam a autoridade de Cristo. Estudavam a Bíblia como um livro qualquer. Até certo ponto aceitavam o sobrenatural, mas de acordo com a sua maneira de pensar. Eram, ainda, triteístas: viam Jesus como “Deus”, porém, de modo paradoxal, rejeitavam a sua deidade.

As Escrituras mostram que eles estavam enganados (Jo 1.1; Fp 2.6; Ap 1.8; Hb 1.8). E o Credo Atanasiano deixa claro que o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus: “Nesta Trindade nada é antes ou depois, nenhum é maior ou menor: mas as três pessoas são co-eternas, unidas e iguais. As pessoas não são separadas, mas distintas. A Trindade é composta de três Pessoas unidas sem existência separada, tão completamente unidas, que formam um só Deus”.

4.2 – Os AGNÓSTICOS

O termo “agnóstico” provém de duas palavras gregas: a, “não”, e gnōsis, “conhecimento”. Empregado pela primeira vez por T. H. Huxley (1825-1895), indicava literalmente “não-conhecimento”, numa oposição ao gnosticismo.

Os agnósticos procuravam negar a Deus e a sua existência, dizendo que não se pode conhecê-lo. Ensinavam que a mente humana não podia conhecer a realidade; negavam, pois, a Deus e o sacrifício redentor de Jesus Cristo pela humanidade perdida.

Muitos cristãos dos primeiros séculos deram ouvidos às doutrinas agnósticas — e também às gnósticas —, apesar de o Espírito Santo tê-los advertido por meio dos escritores do Novo

Testamento. Alguns estudiosos sugerem que as religiões da Índia conseguiram iludir alguns cristãos egípcios, ou que estes teriam sido influenciados pelas idéias sincréticas vigentes à época.

Nitidamente, o objetivo do agnosticismo e do gnosticismo era diminuir o Filho de Deus, negando, aberta ou encobertamente, a sua deidade. Gnósticos e agnósticos, certamente, faziam parte dos “muitos anticristos” (1Jo 2.18), uma vez que a sua filosofia e os seus ensinamentos continham algo daquilo que os falsos cristos procuravam ensinar.

4.3 – OS EBIONITAS

Os ebionitas — “pobres” ou “indigentes” — surgiram no começo do século II. Eram judeu-cristãos que não abriram mão das cerimônias mosaicas. Segundo Justino e Orígenes, havia dos tipos de ebionitas, os mansos e rígidos.

Os mansos, chamados de nazarenos, não denunciavam os crentes gentios que rejeitavam a circuncisão e os sábados judaicos. Já os rígidos (sucessores dos judaizantes dos tempos de Paulo) afirmavam que Jesus havia promulgado a Lei de uma forma rígida; ensinavam que, quando ao ser batizado no Jordão, Ele foi agraciado com poderes sobrenaturais. Mas todos eles negavam a realidade da natureza divina de Cristo, considerando-o como mero homem sobrenaturalmente encarnado.

Para os ebionitas, a crença na deidade de Cristo lhes parecia incompatível com o monoteísmo. Outro ponto discordante entre eles eram as epístolas de Paulo, porque, nelas, este apóstolo reconhecia os gentios convertidos como cristãos e, portanto, integrantes do corpo de Cristo.

4.4 - MANIQUEUS

De origem persa, foram assim chamados em razão de seu fundador, Mani, morto no ano de 276 por ordem do governo da Pérsia. O ensino deles dava ênfase ao fato de o Universo compor-se

dos reinos das trevas e da luz, bem como ambos lutarem pelo domínio da natureza e do próprio homem. Recusavam Jesus; criam num “Cristo Celestial”.

Severos quanto à obediência e ao ascetismo, renunciavam ao casamento. O apóstolo Paulo profetizou acerca do surgimento dos maniqueus em 1 Timóteo 4.3: “Proibindo o casamento, e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis...” Eles foram perseguidos tanto por imperadores pagãos, como pelos primitivos cristãos. Agostinho, em princípio, era maniqueu. Entretanto, depois de sua conversão, escreveu contra o maniqueísmo.

4.5 – ARIANOS

Ário foi presbítero de Alexandria, nascido por volta de 280, na África do Norte, onde está atualmente a Líbia — não muitos detalhes de sua vida na História. Os seus seguidores diziam que Cristo é o primeiro dos seres criados, através de quem todas as outras coisas são feitas. Por antecipação, devido à glória que haveria de ter no final, Ele é chamado de Logos, o Filho, o Unigênito.

Segundo os arianos, Jesus pode ser chamado de Deus, apesar de não possuir a deidade no sentido pleno. Ele estaria limitado ao tempo da criação, ao contrário do que diz a Palavra de Deus: “... ele [Jesus] é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele” (Cl 1.17).

As heresias de Ário foram rejeitadas pelos cristãos de seu tempo. E um bispo de Alexandria chamado Alexandre convocou um sínodo, em 321, depondo-o do presbitério e o excluindo da comunhão da igreja. Em 325, no Concílio de Nicéia, o arianismo foi condenado, e o ex-presbítero Ário, juntamente com dois de seus amigos, banidos para a Ilíria.

4.6 - APOLINARIANOS

Apolinário, bispo de Laodicéia a partir de 361, ensinou que a pessoa única de Cristo possuía um corpo humano, mas não

uma mente ou espírito humanos. Além disso, para ele, a mente e o espírito de Cristo provinham da sua natureza divina.

As idéias de Apolinário foram rejeitadas pelos líderes da igreja. Eles perceberam que não somente o corpo humano necessitava de redenção; a mente e o espírito (espírito+alma) humanos também. Nesse caso, Cristo tinha de ser plena e verdadeiramente homem a fim de nos salvar de modo igualmente pleno (Hb 2.17). Por isso, o apolinarianismo foi rejeitado pelos concílios, desde o de Alexandria, em 362, ao de Constantinopla, em 381.

4.7 – NESTORIANOS

É a doutrina que ensinava a existência de duas pessoas separadas no mesmo Cristo, uma humana e uma divina, em vez de duas naturezas em uma só Pessoa. Nestor — ou Nestório, como aparece em outras versões — nasceu em Antioquia. Ali, tornou-se um pregador popular em sua cidade natal. Em 428, tornou-se bispo de Constantinopla.

Embora ele mesmo nunca tenha ensinado essa posição herética que leva o seu nome, em razão de uma combinação de diversos conflitos pessoais e de uma boa dose de política eclesiástica, Nestor foi deposto do seu ofício de bispo, e seus ensinamentos, condenados.

Não há nas Escrituras a indicação de que a natureza humana de Cristo seja outra pessoa, capaz de fazer algo contrário à sua natureza divina. Não existe uma indicação sequer de que as naturezas humana e divina conversavam uma com a outra, ou travavam uma luta dentro de Cristo.

Ao contrário, vemos uma única Pessoa agindo em sua totalidade e unidade, e em harmonia com o Pai (Jo 10.30; 14.23). A Bíblia não diz que Ele “por meio da natureza humana fez isto” ou “por meio de sua natureza divina fez aquilo”, mas sempre fala a respeito do que a Pessoa de Cristo realizou.

4.8 – EUTIQUISTAS

A idéia do eutiquismo acerca de Cristo é chamada de monofisismo — idéia de que Cristo possuía uma só natureza (gr. monos, “uma”, e physis, “natureza”). O primeiro defensor dessa idéia foi Êutico (378-454), líder de um mosteiro em Constantinopla. Ele opunha-se ao nestorianismo, negando que as naturezas humana e divina em Cristo tivessem permanecido plenamente humana e plenamente divina.

Êutico asseverava que a natureza humana de Cristo foi tomada e absorvida pela divina, de modo que ambas foram mudadas em algum grau, resultando em uma “terceira natureza”. Uma analogia ao eutiquismo pode ser vista quando pingamos uma gota de tinta em um copo de água. A mistura resultante não é nem pura tinta nem pura água, mas uma terceira substância.

Para Êutico, Jesus era uma “mistura dos elementos divinos e humanos”, na qual ambas as naturezas teriam sido, em algum sentido, modificadas para formar uma nova natureza. Assim, Cristo não era nem verdadeiramente Deus nem verdadeiramente homem; não poderia, pois, representar-nos como Homem nem como Deus.

4.9 - O QUE A BÍBLIA DIZ

O ensino bíblico a respeito da plena divindade e plena humanidade de Cristo é claro. O entendimento exato de como a plena divindade e a plena humanidade se combinavam em uma só Pessoa tem sido ensinado desde o início pela igreja, mas só alcançou a forma final na Definição de Calcedônia, em 451.

Antes desse período, diversas posições doutrinárias inadequadas quanto às naturezas de Cristo foram propostas e rejeitadas. Primeiro, pelos apóstolos. Depois, pelos chamados pais da igreja. No caso do gnosticismo — que surgiu ainda quando o Novo Testamento estava sendo escrito —, alguns livros o refutaram, de alguma forma: João, Efésios, Colossenses, 1 e 2 Timóteo, Tito, 2 Pedro, 1, 2 e 3 João, Judas e Apocalipse.

Com a finalidade de resolver os problemas levantados pelas tais controvérsias, um grande concílio eclesiástico foi convocado em Calcedônia, em 451, chamado de a Definição de Calcedônia. Ela foi considerada a definição padrão da ortodoxia sobre a Pessoa de Cristo pelos grandes ramos do cristianismo: catolicismo, protestantismo e ortodoxia oriental.

Alguns estudiosos encontram dificuldades para entenderem a combinação da divindade e da humanidade de Jesus Cristo. Este assunto, evidentemente, é mais ligado ao campo da revelação do que mesmo o da explicação. Contudo, quando bem analisado do ponto de vista investigativo e teológico, existe certa facilidade de ser entendido pela mente natural. Examinando o Novo Testamento e observando a cada detalhe, veremos como a humanidade e a divindade de Cristo se harmonizam.

V - O HOMEM-DEUS E OS SEUS ATRIBUTOS

A questão maior entre os pensadores liga-se aos atributos naturais da divindade e as limitações de Jesus:

5.1 – ONIPOTÊNCIA

Nas Escrituras é apresentado o supremo poder pessoal do Filho de Deus, evidenciando-se os seus atributos naturais e morais, próprios de Deus Pai. Em várias passagens, menciona-se a onipotência do Senhor Jesus. Em Isaías são citados cinco nomes de Cristo em uma mesma passagem; um deles (Deus forte) refere-se à onipotência de Cristo: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz” (Is 9.6).

5.2 - ONIPRESENÇA

“Como Jesus continuou onipresente se, ainda na Terra, estava limitado pelo tempo e o espaço, ocupando apenas um só lugar ao mesmo tempo?” Como Filho do homem (sua humanidade),

Ele estava limitado às dimensões geográficas: quando estava na Galiléia, não se encontrava, é claro, na Judéia. No entanto, como Filho de Deus (sua divindade), sempre esteve presente em todo o lugar (Mt 28.20).

O próprio Senhor Jesus disse aos seus discípulos: “Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18.20). E ainda: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada” (Jo 14.23). Como Filho do homem, estava no mundo (Jo 1.10); como Filho de Deus, disse: “Eu já não estou no mundo” (Jo 17.11).

Como Homem, o Senhor estava na Terra; como Deus, podia estar no Céu, ao mesmo tempo: “Ora ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu” (Jo 3.13). Depois de sua ressurreição, Ele declarou: “... estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28.20).

5.3 – ONISCÊNCIA

“Se Jesus é onisciente, por que confessou, em certa ocasião, não saber o dia nem a hora de sua Segunda Vinda?” Como coexistiam Deus e Homem numa mesma Pessoa, sabemos que “toda a plenitude” da divindade encontrava-se em Jesus Cristo. Daí o profeta Isaías ter afirmado profeticamente que Ele seria possuidor da septiforme sabedoria divina: “E repousará sobre ele o espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de inteligência, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor” (Is 11.2).

Cristo é uma das Pessoas da Santíssima Trindade. Sendo igual a Deus em seus atributos, pôde administrar sem nenhum empecilho as naturezas divina e humana. As expressões ditas por Ele que mostram certas limitações estão ligadas à sua humanidade. Mas, quando preciso, Ele fez valer os seus atributos divinos.

Quando Jesus disse: “Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai” (Mc 13.32), fê-lo como Homem, não se valendo do seu atributo divino da onisciência. Ao dizer “nem o Filho”, expressou a sua humilhação e o seu esvaziamento decorrentes de sua encarnação (Fp 2.6-8).

A despeito disso, a Ele foi dado todo o poder no Céu e na Terra; neste “todo” está incluído o atributo da onisciência (Mt 28.18; Jo 16.30; 21.17), que Ele nunca perdeu, em potencial (cf. Jo 6.61), mas dele abriu mão em alguns momentos em que agiu como Homem.

5.4 - OUTROS ATRIBUTOS NATURAIS

Além dos atributos acima existem outros em Cristo: unicidade (Jo 3.16; At 4.12); verdade (Jo 14.6); infinidade (Mq 5.2; Hb 1.12); imensidade (At 10.36); ubiquidade (Mt 18.20; 28.20); eternidade (Is 9.6); inteligência (Lc 2.47); sabedoria (Mt 23.34; Lc 11.49; 1Co1.24); amor (Ef 3.19); justiça (Jr 23.6); retidão (2Tm 4.8); presciência (Jo 2.24-25; 6.64); providência (Mc 16.20); vontade (Mt 8.3); misericórdia (Hb 4.15-16).

5.5 - ATRIBUTOS MORAIS DE CRISTO

Ele era e é: **santo** (Lc 1.35); **justo** (At 3.14); **manso** (Mt 11.29); **humilde** (Mt 11.29); **inocente** (Hb 7.26); **obediente** (Fp 2.8); **imaculado** (Hb 7.26); **amoroso** (Jo 13.1). Em tudo foi tentado, mas sem pecado (Hb 4.15).

VI - A ENCARNÇÃO DE CRISTO

“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós...” (Jo 1.14). Devemos observar aqui vários aspectos da vida de Cristo, envolvendo tanto o contexto divino como o humano:

6.1 - SUA CONCEPÇÃO VIRGINAL

A concepção de Jesus foi um ato miraculoso de Deus. A promessa divina de que isso aconteceria foi feita pelo próprio Deus: “Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel” (Is 7.14b). Paulo disse que a encarnação de Cristo foi um milagre e a chamou de “mistério da piedade” (1Tm 3.16).

Existem os que sustentam a “virgindade perpétua de Maria”, dizendo que permaneceu ela virgem antes, durante e depois do parto. Mas essa doutrina não tem apoio nas Escrituras nem se coaduna com a história do nascimento de Jesus, que se processou de forma natural. Quanto à sua concepção no ventre da virgem, essa, sim, foi miraculosa e sobrenatural.

A preservação da “virgindade perpétua de Maria” procura isentá-la de ter sido mãe de outros filhos. Essa doutrina forma a base dos argumentos que explicam erroneamente a negação dos “irmãos de Jesus”, que aparecem em vários lugares das Escrituras. Através do tal ensino falso afirma-se que os irmãos de Jesus eram, na verdade, primos.

Parece razoável que uma doutrina dessa natureza, caso tivesse tanta importância como alguns afirmam, pelo menos fosse apoiada por uma pequena afirmação bíblica nesse sentido. Pelo contrário, o Novo Testamento afirma que Jesus tinha uma família do ponto de vista humano, a princípio pequena, formada por José, Maria e Jesus. Depois, mencionam-se os seus irmãos, Tiago, José, Judas e Simão, bem como suas irmãs (Mc 6.3). Há inúmeras referências à família biológica de Jesus nas Escrituras (Sl 69.8; Mt 12.46-50; Mc 3.21,31-35; Lc 8.19-21; Jo 7.1-7; At 1.13,14; 1Co9.5; Gl 1.19; Tg 1.1; Jd v.1; etc.).

6.2 - JESUS NASCEU NA PLENITUDE DOS TEMPOS

A Era Cristã é um período que marca sistemas, computa intervalos de tempo determinados, com base em princípios astronômicos. Os calendários são baseados em unidades

de tempo heterogêneas: as resoluções da Lua ou a translação aparente do Sol, conforme são apresentados pela ciência moderna. A escolha das unidades de tempo para periodizar a História é lógica em alguns casos e resultado do hábito em outros. A utilização da Era Cristã (E.C.) é um hábito entre escritores do Ocidente.

Na Antiguidade, a datação dos anos partia do início de certos reinados. Os romanos contavam os anos a partir da fundação de Roma. Os gregos usavam como referência os Jogos Olímpicos. A cronologia cristã firmou-se, definitivamente, no fim da Idade Média. Mas não é a única que existe. Os árabes contam os anos a partir da Hégira, fuga de Mohamad (vulgarmente, Maomé) para Medina, em 16 de julho de 622 da E.C.

A aceitação universal da cronologia cristã fez com que os anos anteriores ao nascimento de Cristo passassem a ser contados de trás para frente (e.g. 10 a.C.).

6.2.1 - DEFINIÇÕES DE TEMPOS E PERÍODOS

A fim de que entendamos o que significa a expressão “plenitude dos tempos”, faremos algumas definições.

Geração. Um período de 25 a trinta anos corresponde a uma geração, tempo em que os indivíduos passam a constituir família e gerar filhos. Um século engloba quatro gerações. Entre os teólogos, existem opiniões de que uma geração cobre um período de quarenta anos; para os judeus, a palavra “geração” podia indicar a sucessão do pai por um filho (cf. Mt 1.1-17; Lc 3.23-38).

Idade e época. Idade é um espaço de tempo durante o qual ocorreram fatos notáveis (Idade Média, Idade do Bronze, Idade do Ferro, etc.). Época é um período iniciado por fato importante (Época do Dilúvio, Época do Renascimento).

Período e etapa. Período é o espaço de tempo entre dois acontecimentos ou duas datas; certo número de anos que mede o tempo de modo diverso para cada nação (o período tinito, o período ático). Etapa é parte de um processo que se realiza de uma só vez.

Fase e tempo. Fase é um estado transitório, menor que a etapa ou o período. Tempo divide-se em três partes: passado, presente e futuro. O tempo sem o movimento não seria tempo. Seria eternidade. O tempo é, pois, uma espécie de números. Mas não é um número descontínuo; é um número contínuo e fluente.

Dispensação. É um período de tempo em que o homem é experimentado em relação à sua obediência a alguma revelação especial da vontade divina. A frase vem do latim *dispensatio* e significa “dispensar”, “distribuir”.

Eternidade. É um atributo que decorre da imutabilidade. O termo denota, com efeito, aquilo que não muda e não pode mudar de maneira alguma. A eternidade é diferente do tempo. O tempo corresponde ao que muda, ao que comporta a sucessão e o vir-a-ser. A eternidade é uma duração, quer dizer, uma permanência de ser, sem nenhuma sucessão; sem começo nem fim.

6.2.2 - *JESUS NASCEU EM BELÉM*

A profecia de Miquéias dizia que o Messias prometido aos filhos de Israel, nasceria em Belém, que, mesmo pequena em dimensões, tornou-se notória pelo nascimento e pela infância de Davi, que nela nasceu e cresceu. Contudo, o que mais imortalizou o seu nome foi sem dúvida o nascimento de Cristo.

A palavra “Belém” significa “casa de pão” (hb.) e “casa de carne” (ar.). A cidade de Belém está localizada cerca de nove quilômetros ao sul de Jerusalém, sobre uma colina rochosa, com uma população de aproximadamente quarenta mil habitantes. Seu nome primitivo era Efrata (Gn 35.19).

Belém aparece pela primeira vez ligada a morte e sepultamento de Raquel, esposa de Jacó (Gn 35.19). Posteriormente, tornou-se famosa pela história de Rute, bisavó de Davi, nascida ali. Foi essa cidade escolhida por Deus para que nela Maria desse à luz ao seu primogênito: o Senhor Jesus (Mq 5.2; Mt 2.1-6). Por isso, José, que era da casa e família de Davi, veio a Belém para se alistar com Maria, sua mulher (Lc 2.4-5). Desde esse

acontecimento, que marcou a transição entre o Antigo e o Novo Testamentos, essa cidade se fez imortal.

Atualmente, há em Belém duas pequenas entradas que conduzem a uma gruta, a da Natividade, que tem forma retangular e é iluminada por 48 candelabros. Uma estrela de ouro, com a inscrição em latim *Hic de Maria Virgine Jesus Christus natus este* (“Aqui nasceu Jesus da Virgem Maria”), assinala o lugar do nascimento de Cristo. Uma manjedoura está situada à direita.

6.2.3 - DATA DO NASCIMENTO

Desde o início do cristianismo, a cristandade em geral comemora o Natal de nosso Senhor em 25 de dezembro. Esta data, entretanto, não é bem aceita pela maioria dos judeus; e até por historiadores e teólogos cristãos. Eles insistem em que a data verdadeira do nascimento de Cristo, de acordo com a Bíblia e os pais da igreja, seria 14 de Nisã do ano zero.

O dia 25 de dezembro é mencionado na História como sendo Natal pela primeira vez em 354. Na velha Roma, essa data era o *dies natalis invicti* (“dia do nascimento do invicto”). Segundo informações de escritores contemporâneos, no princípio do século III, em alguns círculos da igreja cristã se celebrava o aniversário natalício de Jesus no dia 6 de janeiro. Depois, essa data passou a se referir ao batismo, e não ao nascimento de Jesus. No século IV, foi oficializada a data de 25 de dezembro.

A visita dos anjos. Corroborando o que dizem as Escrituras (1Tm 3.16; Hb 1.6), o doutor William Cooke observa cuidadosamente como foi constante a assistência angelical ao Salvador encarnado durante a sua vida e ministério entre os homens. No seu nascimento eles foram seus arautos e com hinos exultantes anunciaram as boas novas à humanidade (Lc 2.10-12,15-17). Um anjo dirigiu sua fuga ao Egito (e o regresso) através de sonhos (Mt 2.13-20).

Na tentação, os anjos o serviram; em sua agonia, o socorreram; na sua ressurreição, foram os primeiros a proclamar o

seu triunfo; na sua ascensão, o escoltaram até ao trono; e, quando Ele voltar para julgar o mundo da presente Era, formarão o seu séquito!

6.2.4 - Os MAGOS DO ORIENTE

O termo “mago” (gr. *magoi*) foi empregado pela primeira vez por Heródoto (historiador grego do século V a.C.), sobre uma tribo dos medos, que ocupavam funções sacerdotais no império persa (Hist. I). Outros escritores clássicos mencionam o termo como sinónimo de “sacerdote”. Complementando isso, o texto de Daniel 7.20; 2.27; 5.15 aplica a palavra a certa classe de sábios ou astrólogos que interpretavam sonhos e mensagens dos deuses do paganismo.

Em termos hodiernos, “mago” pode significar “um erudito que se dedica e se distingue no campo da astronomia, da matemática, da astrologia, da alquimia e da religião”. Entre os babilônios, por exemplo, o vocábulo era aplicado aos escribas sagrados, uma ordem de sábios que tinha a seu cargo os escritos sacros, que passaram de mão em mão, desde o tempo da Torre de Babel.

Talvez o vocábulo “mago”, no Novo Testamento, tenha assumido uma posição negativa generalizada devido aos acontecimentos que envolveram Simão e Elimas (At 8.9,24; 13.4-11).

A origem dos magos. As Escrituras nos levam a entender que os magos vieram de uma mesma terra. As evidências extraídas das luzes da fé e da razão natural nos indicam que eles eram da descendência da rainha Makeda de Aksum, conhecida pelos escritores da Bíblia como: “a rainha de Sabá” (I Rs 10.1); “a rainha do meio-dia” (Mt 12.42); “a rainha do Sul” (Lc 11.31).

O paralelismo entre as duas narrativas — a da rainha e a dos magos — reforça o sentido desse pensamento: “E o rei Salomão deu à rainha de Sabá tudo quanto lhe pediu o seu desejo, além do que lhe deu, segundo a largueza do rei Salomão. Então

voltou e partiu para a sua terra..." (I Rs 10.13). "E, sendo por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para sua terra..." (Mt 2.12).

Existe, entretanto, uma grande dificuldade para os eruditos no que diz respeito à terra natal dos magos. Eles "vieram do Oriente". Mas o termo "oriente" se refere a "Oriente geográfico" ou a "Oriente astronômico"? Apesar de a forma singular anatólê (gr.) induzir à conclusão de que o sentido é astronômico, o sentido geográfico mostra-se mais coerente quando se faz uma análise histórico-cultural.

Para muitos, a expressão: "voltaram para sua terra" dá a entender que eles eram oriundos de um só país. Aqueles que identificam os magos como procedentes da Babilônia, acham que esses sábios foram influenciados pelas profecias de Daniel, Ezequiel, etc. Isso, entretanto, não oferece argumento lógico para tal afirmação. A posição mais lógica deve ser aquela já esboçada acima, isto é, de que tal influência teve origem na visita da rainha de Sabá à terra de Israel.

A tradição ainda acrescenta que, durante uma expedição realizada pela mãe de Constantino, o Grande, ela encontrou os esqueletos dos magos. Da Igreja de Santa Sofia, seus ossos foram levados para Milão, e, por fim, transportados por Frederico Barbarosas, para Colônia, onde estariam os três crânios dos magos, numa urna de ouro.

A visita dos magos ao menino Jesus. Os ricos fidalgos do oriente não encontraram Jesus na manjedoura como aconteceu com os pastores. Eles encontraram o menino Jesus já em sua casa, com Maria, sua mãe, onde, prostrando-se, o adoraram (Mt 2.1-12). O relato da visita dos magos não encontra paralelo em outra parte do Novo Testamento. Portanto, temos de usar da imaginação dentro daquilo que se pode depreender dos doze versículos que narram essa história.

Esses embaixadores não visitaram o Senhor Jesus por ocasião do nascimento dEle; antes, segundo o contexto da

narrativa, fizeram isso dois anos depois do dia natalício, como se depreende de Mateus 2.11 e Lucas 2.7,16. Os magos não encontraram Jesus na manjedoura (gr. phatne), e sim numa casa (gr. gikia). O plano de Herodes de matar Jesus foi executado dentro daquilo que eles tinham lhe informado (Mt 2.16).

Há opiniões variadas sobre os magos. Existem várias opiniões e até mesmo lendas no que diz respeito à identificação deles. Algumas não têm paralelo em outra parte da Bíblia; são ficções. Outras, porém, se harmonizam com alguns detalhes vividos na História.

Os antigos cristãos orientais conservam tradições de que os magos eram doze sábios, cada um dos quais representaria uma das tribos de Israel. Alguns também antigos mosaicos mostram apenas dois magos, ao passo que outros exibem sete ou mesmo doze. O número onze teve apoiadores especiais, haja vista afirmarem que esse número é espiritual, podendo também predizer os números dos fiéis apóstolos (exceto Judas Iscariotes) de Cristo.

No século IV, a Igreja Ocidental estabeleceu o número de três, tomando como ponto de referência as dádivas que os sábios ofereceram a Cristo. Com o passar do tempo, os presentes foram considerados símbolos da verdade cristã: ouro para a sua humanidade, mirra para sua morte e incenso para sua divindade. Não obstante, o registro bíblico não diz quantos magos foram ver o Menino em Belém.

Guiados por uma estrela. Há muitas interpretações e argumentos sobre os magos e a estrela que os guiara à terra de Israel (Mt 2.2).

- 1) A estrela teria sido uma personalidade, como um anjo, que, por expressa ordem de Deus, guiara os magos a Jerusalém.
- 2) Tanto a estrela como a narrativa seriam um mito, uma criação do autor para engrandecer a Jesus e a história de seu nascimento. É a idéia que agrada aos modernistas, porém não passa de grosseira conjectura, destituída de todo da mente religiosa.

- 3) A estrela teria sido um fenômeno divino dado só aos magos como ponto de significação divina, pois ninguém, além deles, podia vê-la.
- 4) Os astrônomos Kepler, Munter e Ideler, além de diversos intérpretes e teólogos acreditam que teria sido uma conjunção de planetas.
- 5) Teria sido um cometa que fizera a mesma rota seguida pelos magos.

Mas, à luz da Palavra do Senhor, a estrela foi um tipo de astro especialmente preparado por Deus, para guiar os magos (cf. Nm 24.7).

VII - A VIDA DE JESUS NA TERRA

Alguns têm opinado que Jesus, como Deus, tenha sido uma supercriança, e que também a sua alimentação tenha sido exclusiva, diferente da das crianças de seus dias. Mas isso não é verdade. Ele teve um desenvolvimento natural, moldado de acordo com as regras do procedimento.

Quando menino, Jesus gostava de comer o que quase toda criança gosta: “Manteiga e mel” (Is 7.15). Como recém-nascido, Ele foi amamentado nos seios de Maria, sua mãe. Depois, quando já bem crescido, comia de tudo que um judeu de seus dias podia comer. Foi até mesmo tachado de “comilão e beberrão” (Mt 11.19), de modo maldoso por aquela geração que não via nEle o brilho celestial da glória de Deus.

7.1 - SUA OBEDIÊNCIA

O que mais marcou a infância de Jesus foi a sua obediência a Deus e aos seus pais (Fp 2.6-8). O exemplo de obediência deixado por nosso Senhor deve ser seguido por seus servos na presente dispensação. Ele era Senhor, mas sempre se apresentou como Servo. Sua obediência com respeito ao Pai caracterizava a sua maneira de viver: foi “obediente até a morte”.

A obediência deve fazer parte integral da vida cristã. A promessa feita pelo Senhor com respeito à coroa da vida é para aquele que for obediente e fiel a Ele até ao fim: “Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2.10). Foi esse o sentimento que houve em Cristo Jesus (Fp 2.5), o de ser fiel a Deus até a morte, e morte de cruz (Fp 2.8). A obediência, nesse caso, abrange todos os ângulos da vida do Cristo. Ela diz respeito a Deus e aos pais de Jesus (Lc 2.51).

7.2 - A VIDA ADULTA DE JESUS

A vida adulta de Jesus — dos doze aos trinta anos, chamados de os “anos de obscuridade” — tem gerado alguns questionamentos no meio teológico. Daí ser necessário considerarmos alguns pontos:

Seu crescimento natural. “E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens” (Lc 2.52). Um dos aspectos mais visíveis da vida de Cristo foi seu desenvolvimento natural. Isto é, sofrendo e participando das mesmas circunstâncias de uma pessoa humana. As Escrituras mostram que o nosso Senhor, mesmo sendo Deus, teve um desenvolvimento humano natural: “... o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele” (Lc 2.40).

O desenvolvimento físico e mental de Jesus não deve ser explicado como sendo causado por sua divindade tão-somente, mas sim pelo resultado das leis comuns do crescimento humano. Mas o fato de Ele não ter possuído uma natureza pecaminosa sem dúvida alguma contribuiu para o seu crescimento em graça e sabedoria para com Deus e os homens.

Outrossim, o seu desenvolvimento mental não pode ser atribuído ao seu aprendizado tão-somente nas escolas de seus dias (Jo 7.15); deve ser atribuído também à sua educação em um lar piedoso e temente a Deus. Ele frequentava com regularidade a sinagoga (Lc 4.16), como também o Templo (Lc 2.14,46,47), e sua

familiaridade com as Escrituras Sagradas é percebido em Lucas 4.17b: "... achou o lugar em que estava escrito".

Partindo da manjedoura, temos a seguinte ordem cronológica de seu crescimento:

- 1) Com "um dia" de nascido, envolto em panos (Lc 2.7).
- 2) Oito dias depois, conduzido ao ato da circuncisão (Lc 2. 21).
- 3) Quarenta e um dias depois, seus pais o levaram ao Templo para a apresentação, segundo a lei cerimonial (Lc 2.22).
- 4) Talvez dois anos mais tarde, é visitado pelos magos, que o encontraram numa casa, e não numa manjedoura.
- 5) Não sabemos que espaço de tempo Ele passou no Egito. Mas antes dos doze anos, aconteceu o regresso (Os 11.1; Lc 2.43).
- 6) Após os seus doze anos, as Escrituras fazem mais algumas referências à sua vida física (Lc 2.43-46).

Alguns teólogos fazem objeções quanto aos dezoito anos de silêncio na vida de Jesus e advogam que não temos nenhuma outra fonte de informação quanto a isso, a não ser o que diz a tradição. Isto é, que durante esse período Jesus esteve em meditação na cidade de Om, também chamada de Heliópolis, no Egito.

Entretanto, as Escrituras quebram esse "silêncio". Depois dos doze anos, temos algumas informações, como: "E crescia Jesus... em estatura..." (Lc 2.52); e: "E, chegando a Nazaré, onde fora criado..." (Lc 4.16a). Essas duas passagens mostram claramente que, no espaço de tempo antes de sua aparição pública, Ele viveu em Nazaré.

Os meninos judeus, aos treze anos, abandonavam a infância, mesmo que não fossem capazes de discutir, como o menino Jesus, com os doutores reunidos nos átrios do Templo (Lc 2.46,47). A partir dessa época exigia-se deles, como dos adultos em geral, que recitassem três vezes por dia a famosa oração Shema Israel, em que todo o crente deve proclamar sua fé no Deus único e verdadeiro.

“Visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Ele participou das mesmas coisas...” (Hb 2.14a). Como Homem, Jesus cresceu também socialmente; participou da vida social dentro dos limites da aprovação divina. Ele foi a um casamento em Cana da Galiléia (Jo 2.1ss) e participou de diversos jantares (Mt 9.11; Lc 19. 1-10).

Seu crescimento espiritual. “E crescia Jesus... em graça para com Deus” (Lc 2.52c). O desenvolvimento de Jesus em graça para com Deus está ligado à observação das leis da natureza e da educação que recebeu em seu lar piedoso, bem como às instruções recebidas no Templo por sacerdotes piedosos (cf. Sl 27.4; Lc 1.5,6), ao seu próprio estudo das Escrituras e, sobretudo, à sua íntima comunhão com o Pai.

Paulo menciona o aperfeiçoamento no ministério cristão. E toma como base o modelo que existia no ministério de Cristo. Então ele diz: “Até que todos chegemos a unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4.13).

7.3 - A GENEALOGIA DE JESUS

Jesus provou, através de sua genealogia, que não foi alguém de origem duvidosa ou ignorada. Como Deus não era necessário provar nada, haja vista não ter Ele princípio de dias nem fim de existência. Mesmo, Deus Pai fez questão de mostrar a procedência de seu Filho: “Tu és meu Filho, hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei por Pai, e ele me será por Filho?” (Hb 1.5b).

A Palavra de Deus mostra também a origem de Jesus como Homem. Em Mateus 1, a genealogia de Jesus abrange 42 gerações, cobrindo um período de dois mil anos — vai de Cristo a Abraão. Abraão foi pai de oito filhos: Ismael (por meio de Agar), Isaque (por meio de Sara), Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Jisbaque e Suá (por meio de Cetura). Todavia, o filho da promessa era a Isaque e através dele viria o Messias.

Em Lucas 3, a genealogia cobre um período maior: cerca de quatro mil anos (vai de Cristo a Adão). Difere da genealogia em Mateus 1.1-17, pois Lucas menciona os antepassados humanos de Cristo, através de Davi e Abraão, até Adão, mostrando, portanto, sua conexão não somente com Israel, mas também com toda a humanidade.

Mateus traça a linhagem real de Davi, desde Salomão até José, mostrando Jesus como herdeiro legal de Davi. Lucas traça os antepassados de Maria até Natã, outro filho de Davi, mostrando então que Jesus era "... da descendência de Davi segundo a carne" (Rm 1.3). As 42 gerações na genealogia de Mateus estão divididas em três partes de 14 gerações cada uma:

- 1) De Abraão a Davi (abrange mil anos aproximadamente).
- 2) De Davi ao exílio babilônico (abrange um período de quatrocentos anos).
- 3) Do exílio até Cristo (abrange um período de seiscentos anos). Ela tem treze gerações, sendo que a décima quarta inclui Maria ou Jesus. Na genealogia registrada em Mateus, as gerações sobem. Em Lucas, descem. A de Mateus é ligada mais à sua realeza. A de Lucas, à sua humanidade.

7.4 - O MINISTÉRIO TERRENO DE CRISTO

Cristo se fez Homem (Fp 2.6,7; Hb 10.5; 1Tm 3.16; Jo 1.14) e Servo (Fp 2.7). Sendo rico, fez-se pobre (2Co 8.9); sendo santo, pecado (2Co5.21). Fez-se maldição (Gl 3.13) e foi contado com os transgressores (Is 53.12; Mc 15.28). Sendo digno, consideraram-no indigno (Is 53.3; cf. Ap 5.9). Foi, ainda, feito menor que os anjos (Sl 8.5; Hb 2.9), que devem ter ficado espantados ao verem Deus encarnado, como servo, sendo tentado, sofrendo escárnio e crucificado! Mas, depois de tudo, o viram entronizado e glorificado!

Após o seu batismo, Jesus inicia seu ministério. João Batista não via necessidade de que Ele fosse batizado: sentiu-se

inferior e sabia que Jesus não tinha pecado — Ele não precisaria passar por um batismo de arrependimento nem tinha de que se arrepender. Mas Jesus fez questão de ser batizado, num ato de obediência e para cumprir toda a justiça, deixando-nos o exemplo (Mt 3.14,15). Seu ministério foi exercido na plenitude do Espírito (At 10.38).

Depois de ter sido batizado por João, no rio Jordão, Jesus foi impelido pelo Espírito Santo, a fim de jejuar quarenta dias e quarenta noites no deserto. Nesta fase de jejum, oração e meditação num lugar solitário, preparada pelo Espírito Santo, Ele teve o seu preparo espiritual.

São inúmeros os exemplos de pessoas, nas Escrituras, que, ao serem chamadas por Deus, não foram colocadas de imediato em seus postos. Passaram primeiro pela fase de preparação e treinamento, como Abraão, Moisés, João Batista, os discípulos de Jesus e Saulo (também chamado Paulo), que, mesmo tendo a sua formação aos pés de Gamaliel, passou por uma nova fase de preparação depois de seu encontro com Cristo no caminho de Damasco.

O ministério de Jesus durou cerca de três anos. O cálculo da duração é feito com base nas festas pascais em que Ele esteve. O início de seu ministério se deu na véspera de uma Páscoa (Jo 2.11,13); depois, participou de mais duas (Jo 5.1; 6.1,4) e morreu na véspera de outra (Jo 19. 14). O primeiro ano foi o da obscuridade; o segundo, o do favor público; e o terceiro, o da oposição. As áreas cobertas pelo ministério de Cristo foram as seguintes:

1) Oito meses na Judéia — região sul e sudeste. Aos quase trinta anos, Jesus deve ter tomado uma das rotas do vale do Jordão para chegar a João Batista, que se encontrava em Betábara. Ali batizado, percorreu toda a extensão do Jordão para o sul e entrou no árido deserto da Judéia, a oeste do mar Morto, onde jejuou por quarenta dias. Voltou a Betábara e chamou os primeiros discípulos.

- 2) **Dois anos na Galiléia** — região norte. Depois de ter chamado seus discípulos em Betábara, voltou à Galiléia, onde assistiu a uma festa de casamento (Jo 2.1-11). Daí foi para Cafarnaum, cidade que ficava na curva noroeste do mar da Galiléia (Jo 2.12).
- 3) **Quatro meses na Peréia** — região leste. Jesus desceu de Jerusalém, passando por Jericó, ao vale do Jordão, a fim de levar seu ministério à Peréia, região situada a leste do rio. Terminando ali a sua missão, voltou pela longa subida do vale do Jordão a Betânia. Visitou, então, quatorze cidades, além de aldeias e lugarejos. Supõe-se que Ele também tenha feito umas cinquenta viagens de extensões variáveis.

VIII – JESUS COMO MESSIAS

8.1 - PROFECIAS MESSIÂNICAS

O Senhor Jesus não veio ao mundo por acaso. Houve um planejamento da parte de Deus antes da fundação do mundo, preparando o cenário da sua existência como homem. Do ventre da virgem à sua ascensão, os seus passos, palavras e atos foram preditos com antecedência de séculos. O plano de Deus na formação das Escrituras e na redenção do homem não poderia se completar sem a presença de seu Filho.

Sabemos que o Novo Testamento não existiria se Jesus não tivesse vindo; ele é formado por sua vida, suas palavras e obras, tanto as que foram realizadas durante a sua vida terrena, como as realizadas pelos apóstolos e discípulos sob a autoridade de seu nome (At 3.16). Com efeito, os dois Testamentos se completam em Cristo. Sem a sua Pessoa jamais estariam completos.

Portanto, em Cristo temos a confirmação de tudo quanto estava escrito a seu respeito e de Deus. Todos, agora, sem exceção, podem pregar a sua Palavra e afirmar que Deus é o Deus da verdade, pois todos os vaticínios que falaram de Cristo, nos mínimos detalhes, foram cumpridos fielmente!

Profecias messiânicas. As principais profecias acerca de Cristo que tiveram o seu cumprimento nos tempos do Novo Testamento são:

- 1) Filiação divina (Sl 2.7; At 13.33; Hb 1.5).
- 2) Concepção no ventre de uma virgem (Is 7.14; Mt 1.22,23).
- 3) Nascimento natural (Gn 3.15; Gl 4.4).
- 4) Descendência de Abraão (Gn 22.18; Mt 1.1).
- 5) Procedência da tribo de Judá (Gn 49.10; Hb 7.14).
- 6) Descendência de Davi, segundo a carne (2Sm 7.12; Mt 1.1).
- 7) Nascimento em Belém (Mq 5.2; Mt 2.4-6).
- 8) Nome Jesus (Lc 1.31).
- 9) Nome Emanuel (Is 7.14; Mt 1.13).
- 10) Nome de cidadão, o Nazareno (Mt 2.23). Quando Pilatos escreveu a inscrição em hebraico, grego e latim, chamou a Jesus de "Jesus Nazareno" (Jo 19.19-20). Os profetas também falaram sobre esse nome, mas nada deixaram escrito. Quando os dois discípulos caminhavam para Emaús, se lembraram de que, durante a vida terrena de Cristo, em algum lugar, em certas ocasiões, Ele fora chamado de Nazareno (Lc 24. 19).
- 11) Visita de embaixadores reais (Sl 72.10; Is 60.6; Mt 2.1, 2).
- 12) Peregrinação no Egito (Os 11.1; Mt 2.15).
- 13) Fuga sucedida pela morte de inocentes (Jr 31.15; Mt 2.17,18).
- 14) O precursor (Is 40.3; Mt 3.3).
- 15) Residência nos confins de Zebulom e Naftali (Is 9.1a; Mt 4.13-15a).
- 16) Grande profeta (Dt 18.18; At 7.37).
- 17) Misericordioso (Os 6.6; Mt 9.13).
- 18) Sacerdote eterno (Sl 110.4; Hb 5.10).
- 19) Rei ungido (Sl 2.6; Jo 18.37).
- 20) Menor que os anjos (Sl 8. 5; Hb 2.9).
- 21) Louvor profético (Sl 22.22; Hb 2.12; Mt 26.30).
- 22) Primeiras palavras proféticas (Sl 40.7,8a; Hb 10.5-7).
- 23) Unção para pregar (Is 61.1; Lc 4.18,21).
- 24) Cheio do Espírito Santo (Sl 45.7; Hb 1.9).
- 25) Ensino por meio de parábolas (Sl 78.2; Mt 13.35).
- 26) Voz suave (Ct 5.16; Is 42.2; Mt 12.19).

- 27) Reputado como desconhecido (Sl 69.8; Jo 7.5).
- 28) Ensino rejeitado por Israel (Is 6.9, 10; Mt 13.14,15).
- 29) Entrada triunfal em Jerusalém (Zc 9.9; Mt 21.4,5).
- 30) Aborrecimento sem causa (Sl 35.19; Jo 15.25).
- 31) Alvo de conspiração (Sl 2.1,2a; At 4.25,26).
- 32) Purificação do Templo (Sl 69.9; Jo 2.17).
- 33) Sacrifício expiatório, levando sobre si as nossas enfermidades (Is 53.4; Mt 8.17).
- 34) Traição por um amigo (Sl 41.9; Jo 13.18).
- 35) Na traição, vendido por trinta moedas (Zc 11.12,13; Mt 26.15).
- 36) Perdição do traidor (Sl 109.7,8; Jo 17.12; At 1.20).
- 37) Prisão no Getsêmani (Zc 13.7; Mt 26.31).
- 38) Agressões físicas (Mq 5.1; Mt 27.30).
- 39) Cuspido (Is 50.6; Mc 15.19).
- 40) Pés e mãos traspassados (Sl 22.16; Jo 19.37).
- 41) Vestidos repartidos (Sl 22.18; Jo 19.24).
- 42) Contado com malfeitores (Is 53.12a; Mc 15.28).
- 43) Zombado na cruz (Sl 22.7,8; Mc 15.29).
- 44) Sedento na cruz (Sl 69.21; Mc 15.23; Jo 19.28,29).
- 45) Oração, na cruz. pelos inimigos (Is 53.12b; Lc 23.34a).
- 46) Lado perfurado (Zc 12.10a; Jo 19.34,36,37).
- 47) Ossos intactos, não quebrados (Sl 22.17; Jo 19.36).
- 48) Corpo reclamado por homem rico (Is 53.9a; Mt 27.57,58a).
- 49) Alma não ficaria no Hades (Sl 16.10a; At 2.31a).
- 50) Corpo não seria destruído (Sl 16. 10b; At 2. 31b).
- 51) Ressurreição (Jó 19.25; Is 55.3; Lc 24.46; At 13.34).
- 52) Ascensão ao Céu (Sl 68.18; Ef 4.8).
- 53) Recebido no Céu pelo Pai (Sl 24.7; At 1.11).
- 54) Assento no trono junto ao Pai (Sl 110.1a; Hb 1.3b).
- 55) Coroado (Sl 8.5b; Hb 2.9).

Evidentemente, existem muitas outras profecias na Bíblia que falam de Cristo em todos os seus aspectos; é impossível narrar todos os seus cumprimentos aqui: “Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; e se cada uma das quais fosse escrita, cuida que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem...” (Jo 21.25).

8.2 - MINISTÉRIO MESSIÂNICO DE CRISTO

O ministério messiânico de Cristo envolve três ofícios: Sumo Sacerdote, Rei e Profeta.

CRISTO COMO SUMO SACERDOTE

Três sacerdotes, na Bíblia, receberam ofícios sacerdotais diretamente de Deus: Melquisedeque, Arão e Jesus.

1) Melquisedeque. O historiador judeu Flávio Josefo fala em sua obra: "História dos Hebreus" bem pouco de Melquisedeque. A informação que temos dele, é esta:

O rei de Sodoma veio até ele (Abraão) no lugar a que chamam de "campo real", onde o rei de Salém, que agora é Jerusalém, o recebeu também com grandes demonstrações de estima e amizade. Este príncipe chamava-se Melquisedeque, isto é, rei justo; e ele era verdadeiramente justo, pois sua virtude era tal que, por consentimento unânime ele tinha sido feito sacrificador do Deus Todo-poderoso.

Ele não se contentou de receber tão bem a Abraão, mas recebeu, outrossim, todos os seus; deu-lhes no meio dos banquetes que realizou, os louvores devidos à sua coragem e virtude e prestou a Deus públicas ações de graças por uma tão gloriosa vitória. Abraão, por sua vez, ofereceu a Melquisedeque a décima parte dos despojos que tinha feito dos inimigos; e este os aceitou.

O autor da Epístola aos Hebreus enfatizou que Cristo é Sacerdote por ser o eterno Filho de Deus, e não devido às circunstâncias de sua humanidade. O seu sacerdócio transcende a questão da descendência terrena, assim como o de Melquisedeque, reconhecido sacerdote do Deus Altíssimo sem nunca ter pertencido à ordem levítica (Gn 14.18-20; 110.4).

2) Arão. No tocante ao sacerdócio araônico, está escrito: "...ninguém toma para si esta honra, senão o que é chamado por

Deus, como Arão” (Hb 5.4). A escolha dele para exercer o sacerdócio não se deu devido ao seu parentesco com Moisés. Foi um ato soberano de Deus.

Flávio Josefo — historiador judeu que viveu entre 37 e 103, cujo pai fora sacerdote da linhagem asmoniana — afirmou:

Tudo estava preparado e não restava mais que consagrar o Tabernáculo. Deus apareceu a Moisés e ordenou-lhe que fizesse a Arão, seu irmão, soberano sacrificador, porque era o mais digno do que qualquer outro para esse cargo. Moisés reuniu o povo, falou-lhe das virtudes da Arão, de seu interesse pelo bem público, que o tinha feito tantas vezes arriscar a vida. Todos aprovaram, não somente a escolha, mas o aprovaram com alegria. E então Moisés assim lhes falou:

“Todas as obras que Deus tinha ordenado estão terminadas, segundo sua vontade e segundo nossas posses. Com vós sabeis, Ele quer honrar este Tabernáculo, com sua presença; mas é preciso, antes de tudo o mais, criar o grande sacrificador, aquele que é mais competente, para bem desempenhar esse cargo, a fim de que ele cuide de tudo o que se refere ao culto divino e lhe ofereça vossos votos e vossas orações. Eu confesso que, se essa escolha tivesse dependido de mim, eu teria podido desejar essa honra, quer porque todos os homens são naturalmente levados a desejar incumbência tão honrosa, quer porque vós não ignorais quantas dificuldades e trabalhos sofri por vosso bem e da república; mas Deus mesmo, quis determinar Arão, há muito tempo, para esse sagrado ministério...”

Os sacerdotes descendentes de Arão conservaram uma genealogia sacerdotal, e, segundo alguns, ela se estendeu desde o ano 350 a.C. até ao ano 70 d.C.

3) Jesus. A ordem sacerdotal à qual Jesus pertenceu não tinha origem nem numa família e nem numa tribo. “Visto ser manifesto que nosso Senhor procedeu de Judá, e concernente a essa tribo nunca Moisés falou de sacerdócio” (Hb 7.14). Portanto, Jesus pertence à ordem sacerdotal eterna e especial,

como vemos em vários lugares da Epístola aos Hebreus (2.17; 3.1; 4.14,15; 5.6,10; 6.20; 7.11-28; 8.1; 9.11; 10.21).

No que diz respeito à semelhança com Melquisedeque, as aplicações simbólicas parecem ser estas: Cristo é o Rei-Sacerdote, tal como aquele (Gn 14.18; Zc 6.12,13); Cristo é o Rei justo de Salém ou Jerusalém (Is 11.5); Cristo é o Rei Eterno, não havendo registro de seu início no tempo (Jo 1.1; Hb 7.3). Nunca tendo sido nomeado por homem algum para o seu ministério (Sl 110.4; Rm 6.9; Hb 7.23-25) e como o mesmo também não terá fim, assim Ele não teve "... princípio de dias nem fim de vida", conforme é dito acerca de Melquisedeque.

Portanto, embora a obra de Cristo tenha seguido ao padrão do sacerdócio araônico, a alusão a Melquisedeque fala sobre sua autoridade real, sua eternidade e a natureza perene de sua obra.

CRISTO COMO REI DOS REIS

Observando-se as regras naturais da realeza, a criança nasce príncipe e depois se torna rei. Mas a realeza de Jesus é sem igual, especial. Ele já nasceu Rei: "Onde está aquele que é nascido rei dos judeus?" (Mt 2.2). O próprio Senhor, quando arguido por Pilatos sobre a sua origem monárquica, respondeu-lhe: "Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci..." (Jo 18.33,37).

CRISTO COMO PROFETA

A promessa de que Deus levantaria um Profeta "semelhante a Moisés" teve cumprimento em Cristo (Dt 18.18). As Escrituras do Novo Testamento afirmam que Jesus "... foi varão profeta, poderoso em obras e palavras" (Lc 24.19), assim como fora Moisés (At 7.22).

- 1) **OBRAS.** A sua função divina como Profeta está associada às suas predições e aos seus milagres. Jesus era poderoso em obras e realizou muitos milagres: **ressurreições** (Lc 7.11-16; Mt 9.18-26;

Jo 11.32-44; Mc 16. 9-11); **expulsões de demônios** (Mc 1.23-26; Mt 12.22-23; 8.28-34; 9.32-35; 15.22-28; 17.14-21); **curas** (Jo 4.46-54; Mt 8.2-4,14-17; 9.1-8; Jo 5.1-16; Lc 6.6-10; 7.1-10; Mc 5.25-34; Mt 9.27-31; Mc 7.32-37; 8.22-26; Jo cap.9; Lc 13.11-17; 14.1-6; 17.11-19; 18.35-43; Mc 10. 46-52; Lc 22.50-51); **suprimentos** (Jo 2.1-11; Lc 5.1-11; Mt 14.15-21; 15.32-39; 17.24-27; Jo 21.6-14); **outros** (Mt 8.30-32; 21.18-21; Lc 4.30; Mt 8.23-27; Mc 6.51; Mt 14.28-31; Jo 18.4-6; Mt 14.25-26; Mt 17.1-14; etc.).

Jesus "... operou também em presença de seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, fora escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.30-31).

- 2) **PALAVRAS**. Jesus também era um Profeta poderoso em palavras: "E entrando em Jerusalém, toda a cidade se alvoroçou, dizendo: Quem é este? E a multidão dizia: Este é Jesus, o Profeta de Nazaré da Galiléia" (Mt 21.10-11). A palavra "profeta" é grega e significa "aquele que fala por alguém". No Antigo Pacto, quando se queria invocar a autoridade da Lei, mencionavam-se "Moisés e os profetas" (Lc 16.29; 24.27). Com a vinda de Jesus, o Profeta, mudou-se essa terminologia. Agora, os profetas são mencionados ao lado dos apóstolos de Cristo (cf. Lc 11.49; Ef 2.20).

IX - A MORTE EXPIATÓRIA DE JESUS

Chega, pois, a hora do Cordeiro de Deus expirar. Mas, antes disso, Ele pronuncia sete frases.

As sete palavras da cruz. As três primeiras demonstram preocupação pelos outros; as outras três relacionam-se com o seu sacrifício. E a última mostram que Ele voluntariamente rendeu o espírito.

- 1) "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34).
- 2) "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23.43).

- 3) “Mulher, eis aí o teu filho... Eis aí tua mãe” (Jo 19.26,27).
- 4) “Eli, Eli, lamá sabactani” (Mt 27.46).
- 5) “Tenho sede” (Jo 19.28).
- 6) “Está consumado” (Jo 19.30).
- 7) Céu, Terra e reino das trevas, em silêncio profundo, aguardavam o momento em que a espada aguda da Justiça divina imolaria o Cordeiro. E Jesus olha para o mundo que tanto amou e, em seguida, contemplando o Pai, pronuncia a última palavra: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23.46).

Fatos sobre a sua morte. Sangue e água jorraram de Jesus após a sua morte. “Contudo um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água” (Jo 19.34). O soldado romano talvez tivesse em mente atingir o coração de Jesus no local chamado septo, onde se localizaria a alma, segundo uma crendice da época. Mas a lança teria atingido o pericárdio — membrana que envolve o coração e se divide numa espécie de pasta sanguínea e soro aquoso.

As informações que vieram dos soldados que tencionavam quebrar as pernas de Jesus, bem como o laudo feito pelo centurião que Pilatos enviara, confirmaram que realmente Ele estava morto (Mc 15.44-45; Jo 19.32-33).

Alguns fatos sobre a crucificação de Jesus chamam a nossa atenção.

- 1) O Pai teve de abandoná-lo. As palavras “Eli, Eli, lamá sabactani; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” — que Jesus pronunciou antes de entregar o espírito ao Pai (Mt 27.46) — apontam para o momento fatal em que o agulhão do pecado, a morte, atingiu o Filho de Deus.
- 2) Ele mesmo entregou a sua vida. Isaías 53 mostra o mais impressionante relato sobre a morte sacrificial de Cristo. Cada versículo dá um vislumbre do Cordeiro crucificado. O profeta Isaías salienta que nosso Senhor Jesus morreu voluntariamente.

A sua morte foi voluntária: “Foi levado” (v.7). Jesus não foi forçado à cruz. Nada fez contra a sua vontade. Submeteu-se à aflição espontaneamente. Humilhou-se até à morte, e morte de cruz. Deixou-se crucificar. Que graça espantosa por parte daquele que tudo podia fazer para evitar tamanho suplício! Ele tinha o poder de entregar a sua vida e tornar a tomá-la — e de fato fez isso. Sim, o eterno Salvador não foi forçado ao Calvário, mas atraído para ele, por amor a Deus e à humanidade perdida.

- 3) Sua morte foi vicária. Sem dúvida, o profeta Isaías tinha em mente o cordeiro pascal, oferecido em lugar dos israelitas pecadores. Sobre a cabeça do cordeiro sem mancha realizava-se uma transferência dupla. Primeiro, assegurava-se o perdão divino mediante o santo cordeiro, oferecido e morto. Segundo, o animal, sendo assado, servia de alimentação para alimentar o povo eleito. O sacrifício de Cristo foi duplo: morreu para nos salvar e ressuscitou para nossa justificação. Cristo também é o Pão da vida, o nosso “alimento diário”.
- 4) Sua morte foi cruel. Ele foi levado ao matadouro! Esta palavra sugere brutalidade. Não é de admirar que a natureza envolvesse a cruz em um manto de trevas, cobrindo, assim, a maldade dos seres humanos!

X - A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

A ressurreição de Jesus deu-se em confirmação de tudo o que Deus e os profetas dEle falaram. Um líder de certo segmento fazer discípulos e depois morrer como um mártir não é nenhuma novidade. Mas Cristo — além de não ter morrido como mártir, pois entregou o seu espírito voluntariamente a Deus (Jo 10.17,18) — ressuscitou dentre os mortos, demonstrando o seu supremo poder pessoal. Outros líderes morreram, mas não ressuscitaram.

Na comprovação da escolha de Arão pelo próprio Deus, quando a sua vara produziu flores, renovos e amêndoas, vemos a ressurreição de Cristo tipificada, conforme Números 17.6-8:

“Falou pois Moisés aos filhos de Israel, e todos os seus maiores deram-lhe cada um uma vara, por cada maioral uma vara, segundo as casas de seus pais, doze varas; e a vara de Arão estava entre as suas varas. E Moisés pôs estas varas perante o Senhor na tenda do testemunho. Sucedeu pois que no dia seguinte Moisés entrou na tenda do testemunho, e eis que a vara de Arão, pela casa de Levi, florescia; porque produzira flores, e brotara renovos e dera amêndoas.”

Doze varas foram postas ali, mas somente uma floresceu, a de Arão. Da mesma forma, vários fundadores de religiões do mundo têm morrido. Mas Cristo ressuscitou dentre os mortos, mostrando-se diferente de todos os líderes religiosos.

CONCEITOS ERRÔNEOS SOBRE A RESSURREIÇÃO

De acordo com Sócrates, Platão e Aristóteles, há apenas uma espécie de ressurgimento: o da alma no mundo da imortalidade; negavam uma ressurreição corporal. Porém, a ressurreição de Cristo trouxe algo novo e sem igual ao pensamento humano. A sua ressurreição também não foi natural, que ocorre quando alguém voltasse a viver para depois morrer de novo.

A crença egípcia — que, depois, passou para os gregos — da imortalidade da alma (através da transmigração da alma) era um tanto absurda; e é o que podia ser chamado, hoje, de espiritismo disfarçado. Segundo tal crença, a alma de Caim teria passado a Jetro; o espírito deste a Coré, e o corpo a um egípcio... A alma de Eva teria passado a Sara, a Ana, à Sunamita e à viúva de Sarepta. E assim por diante.

Para os seguidores da cabala (ciência esotérica dos judeus), também existe a transmigração das almas, numa recompensa ou castigo depois da morte. As almas versadas na cabala, na Terra, são as que vão apresentar-se na vinda do Mechi'akh (Ungido); e a alma do Messias é a última criada no começo do mundo, quando todas foram feitas.

A ressurreição de Cristo e a imortalidade. Nesse sentido, Cristo tronou-se "... o primeiro da ressurreição dos mortos" (At 26.23). Isto é, da ressurreição da imortalidade. Nessa "grande colheita" Ele foi "o primeiro exemplar". Sua ressurreição foi a de seu corpo, e a não de sua alma, contrariando a falsa teoria filosófica citada.

Por meio de sua ressurreição, Cristo "... aboliu a morte, e trouxe à luz a vida e a incorrupção pelo evangelho" (2Tm 1.10). Antes disso, Ele tinha avisado os saduceus de que a negação da ressurreição consistia na ignorância acerca de Deus, da sua Palavra e do seu poder (Mt 22.29; cf. 1Co 15.12,34). Somente com a morte e a ressurreição de Cristo é que as idéias da ressurreição e da imortalidade emergiram das sombras do Antigo Testamento para a plena luz no Novo Testamento.

A ressurreição de Cristo trouxe-nos a imortalidade. Ele foi declarado "o primeiro da ressurreição dos mortos" — isto é, as primícias. Há várias ordens de ressurreições, como estudamos em Escatologia Bíblica, mas cada uma por sua ordem; e, na ordem de ressurreição da imortalidade, Cristo foi o primeiro (1Co 15.20).

A NECESSIDADE DE SUA RESSURREIÇÃO

A morte e a ressurreição de Cristo é o tema central da salvação e da justificação da pessoa humana. Cristo, como dizem as Escrituras, morreu por nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação. Esse é o significado de sua morte e sua ressurreição. Triunfando sobre a morte, por meio de sua ressurreição, Ele tornou-se a garantia expressiva da vida eterna e da ressurreição da imortalidade.

O amor de Deus pela humanidade perdida fez com que Cristo viesse ao mundo e morresse. Ele se humanizou, tendo "nascido de mulher, nascido sob a lei". O propósito Pai ao enviar o Salvador para morrer em favor dos homens ultrapassa qualquer possibilidade de entendimento da mente humana. Não houve nenhum outro interesse por parte de Deus ao enviar o seu Filho, a não ser a salvação dos pecadores.

Entretanto, o plano salvífico incluía não só a morte de Cristo. Deus o ressuscitou por seu poder pessoal, como Paulo afirmou: "... agora Cristo ressuscitou dos mortos" (1Co 15.20). Devemos, portanto, ter em mente esse "agora" — hoje; neste momento; no presente —, considerando o "amanhã" da eternidade; e, assim, proclamar a ressurreição de nosso Senhor como um fato sempre novo!

A ressurreição de Cristo foi (e é) a suprema e majestosa História dos Evangelhos e da humanidade. A missão plena do Cordeiro de Deus — através de seus nascimento, vida, morte e ressurreição — foi servir a vontade divina e a necessidade humana. Tudo isso foi possível porque Deus o mundo amou!

A NEGAÇÃO DE SUA RESSURREIÇÃO

"... alguns da guarda, chegando à cidade, anunciaram aos príncipes dos sacerdotes todas as coisas que haviam acontecido. E, congregados eles com os anciãos, e tomando conselho entre si, deram muito dinheiro aos soldados, dizendo: Dizei: Vieram de noite os seus discípulos e, dormindo nós, o furtaram" (Mt 28.12,13).

As autoridades religiosas reconheciam o poder do suborno e, em suas práticas políticas, aplicavam esse princípio em seus negócios, com bastante frequência. Havia corrompido a Judas Iscariotes com essa prática e tinham a certeza de que aqueles soldados pagãos, por causa de suas naturezas corruptas, não declarariam a verdade; antes, haveriam de cooperar com eles.

Tendo Cristo ressuscitado, a guarda romana foi imediatamente ao sumo sacerdote judeu, pois os soldados sabiam que estariam em dificuldades se tivessem ido diretamente a Pilatos. Sabiam que o Rabi judeu influenciaria politicamente o governador romano, e, por isso, foram primeiro a ele em busca de proteção. Isso prova que não era a guarda do Templo que vigiava o túmulo. E sim, a guarda romana.

PROVAS DE SUA RESSURREIÇÃO

Sempre foi fácil identificar Jesus, quando Ele andou na Terra. Contudo, quando ressuscitou dentre os mortos, em suas várias aparições não foi identificado de imediato pelos discípulos. Ele não perdeu a sua individualidade e as suas características, porém, no seu estado de perfeição, foram anulados os aspectos de fraqueza e limitação que a sua natureza humana lhe impunha.

Cristo provou que tinha ressurgido dentre os mortos pelo o seu próprio testemunho, consubstanciando-o mediante suas aparições. Seguindo a uma ordem cronológica, foram dez as aparições do Senhor ressurreto:

- 1) Cinco no dia da ressurreição: a Maria Madalena (Mc 16.9); às mulheres, de manhã cedo (Mt 28.9,10); aos dois discípulos no caminho de Emaús (Lc 24.13-25); a Pedro (Lc 24.34); e aos onze, na noite daquele dia (Mc 16.14; Lc 24.36).
- 2) Mais cinco aparições: aos onze, uma semana depois de ter ressuscitado (Jo 20.26-31); a sete discípulos junto do mar da Galiléia (Jo 21.1-22); aos onze e a "... mais de quinhentos irmãos" (1Co 15.5-6); a Tiago, irmão do Senhor (1Co15.7); e, finalmente, antes de ser assunto ao Céu, em Betânia e no monte das Oliveiras (Mc 16.19; Lc 24.50-51; At 1.3,9).

AS TESTEMUNHAS DE SUA RESSURREIÇÃO

O próprio Deus e o Espírito Santo são testemunhas da ressurreição de Cristo. Além dEles, os anjos; depois, as mulheres; os apóstolos; e os discípulos. O apóstolo Pedro disse: "... nós somos testemunhas acerca destas coisas, nós e também o Espírito Santo" (At 5.32). Paulo declarou que, além das testemunhas mencionadas, havia mais de quinhentos irmãos que viram o Senhor ressurreto. Ele afirma que uma minoria já tinha morrido, havendo muitos ainda vivos (1Co 15.6).

Duas ou três testemunhas já seriam suficientes. Nos melhores tribunais, basta uma para estabelecer um assassinio; duas,

para alta traição, três, para a execução de um testamento; e sete, para um testemunho oral. No caso da ressurreição Cristo, ela foi testemunhada por mais de quinhentas pessoas!

ATIVIDADES – LIÇÃO III

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) Cristologia é o estudo que se ocupa dos atributos de Cristo como Deus e como Homem, bem como do relacionamento dessas duas naturezas.
- 2) A palavra “senhor” (gr. kyrios), que é usada com relação a Jesus Cristo, é empregada, às vezes, apenas para fazer uma referência polida a um superior e em outras ocasiões pode significar simplesmente o senhor de um escravo.
- 3) Cristo humanizou-se para aniquilar o que tinha o império da morte, o Diabo. O autor de Hebreus mostra isso de maneira sublime e sem igual (Hb 2.14).
- 4) Jesus na eternidade estivera com Deus e era Deus. Ao humanizar-se, não deixou de ser divino, pois alguns dos atributos exclusivos da deidade foram manifestos por Ele entre os homens.
- 5) Os atributos morais de Cristo: Santo, Justo, Manso, Humilde Inocente, Obediente, entre outros.
- 6) A palavra “Belém” significa “casa de pão” (hb.) e “casa de carne” (ar.)

Lição IV

A Doutrina do Espírito Santo Pneumatologia (1ª Parte)

A DOCTRINA DO ESPÍRITO SANTO

PNEUMATOLOGIA (1ª PARTE)

INTRODUÇÃO À PNEUMATOLOGIA

Pneumatologia é a doutrina do Espírito Santo quanto a sua deidade, seus atributos, obras e operações. O termo vem de pneuma (gr. “o ar”, “o vento”), cognato do verbo pnéo, “respirar”, “soprar”, “inspirar”. Significa, na Bíblia, principalmente o espírito humano, que, como o vento, é invisível, imaterial, dinâmico, potente. Mas pneuma (hb. ruach) diz respeito também ao Espírito de Deus, a terceira Pessoa da Trindade.

Quanto aos atos e operações do Espírito Santo no Novo Testamento, na igreja, como o Paráclito divino prometido pelo Pai, bem como prometido e enviado pelo Filho, essa parte da doutrina da Pneumatologia é denominada Paracletologia.

Para o crente e a igreja, a doutrina do Espírito Santo é altamente prioritária e indispensável, uma vez que o próprio título “Espírito Santo” denota regeneração, recriação, vivificação, dinamismo, espiritualidade (Jo 6.63; 3.6b; Tt 3.5). O mesmo título denota santidade, santificação (“Santo”).

I - A DIVINDADE DO ESPÍRITO SANTO

Acerquemo-nos deste sublime assunto com reverência, santo temor e oração, tendo em mente que se trata de um assunto assaz difícil, haja vista o Espírito Santo não falar de si mesmo (Jo 16.13). O eterno Deus, o Pai, revela muito de si mesmo nas páginas

sagradas; de igual modo, o Filho. Mas o divino Consolador, não. Daí tratar-se este assunto de um insondável mistério, do qual devemos nos acercar primeiramente pela fé em Cristo (Rm 3.27).

A terceira Pessoa da Trindade não aparece com nomes revelados, como o Pai e o Filho, e sim com títulos descritivos das suas natureza e missão no mundo, entre os homens, bem como através de seus atos realizados. “Espírito Santo” não é rigorosamente um nome como apelativo, e sim um título descritivo da sua natureza (Espírito) e da sua missão principal (Santo), a de santificar-nos nesta dispensação.

Ele habita nos servos do Senhor Jesus. As suas operações, portanto, são invisíveis, nas profundezas do nosso interior. Todos esses fatos mencionados tornam o estudo sobre o Espírito Santo muito difícil, cabendo aqui a pergunta: “Porventura alcançarás os caminhos de Deus, ou chegarás à perfeição do Todo-poderoso?” (Jó 11.7).

O Espírito Santo, como Deus, age de maneira multiforme. Em 1 Coríntios 2.4-12, o Espírito de Deus é mencionado de modo enfático como devendo ter toda primazia em nossas vidas, em nosso meio e em nosso trabalho. O espírito do homem, mencionado no versículo 11, só entende as coisas humanas, terrenas, naturais (Pv 20.27; 27.19; Jr 17.9). Nossa santificação deve, pois, prevalecer em nosso espírito, e daí abranger alma e corpo (1Ts 5.23).

Na passagem em apreço, o “espírito do mundo” também é mencionado (v.12), o qual é pecaminoso e nocivo ao cristão. O aviso sobre isso, na Palavra de Deus, é enfático e claro (1Jo 2.15-17; 5.19; Jo 14.30; 17.14,16).

Seis diferentes “coisas” aparecem na passagem de 1 Coríntios 2.9-16: (1) as que Deus preparou para os que o amam (v.9); (2) as das profundezas de Deus (v.10); (3) as do homem (v.11); (4) as de Deus (v.11); (5) as espirituais (v.13); e (6) as do Espírito de Deus (v.14). Uma dessas “coisas” alude à esfera humana; as demais são da parte de Deus. Isso denota a sua multiforme ação.

Ainda tomando como base o texto de 1 Coríntios 2.4-14, vemos que o Espírito Santo é mencionado juntamente com o Senhor Deus (vv.5,7,9-12,14) e o Senhor Jesus Cristo (v.8; também os vv.2,16), o que já denota a divindade do Espírito Santo. Essa sublime verdade da Trindade Santa vê-se também através da Bíblia em muitas outras passagens, como 1 Coríntios 12.4-6.

II - OS ATRIBUTOS DIVINOS DO ESPÍRITO SANTO

Onipotência. O divino Consolador tem pleno poder sobre todas as coisas (Sl 104.30). O Espírito Santo tem poder próprio. É dEle que flui a vida, bem como o poder de Deus (Sl 104:30; Ef 3.16; At 1.8). Isso é uma evidência da deidade do Espírito Santo. Ele tem autoridade e poder inerentes, como vemos em todo o Novo Testamento.

Em 1 Coríntios 2.4, na única referência (no original) em que aparece um termo traduzido por “demonstração do Espírito Santo”, designa-se literalmente uma demonstração operacional, prática e imediata na mente e na vida dos ouvintes do evangelho de Cristo. E isso ocorre pela poderosa ação persuasiva e convincente do Espírito, cujos efeitos transformadores foram visíveis e incontestáveis na vida dos ouvintes de então, confirmando o evangelho pregado pelo apóstolo Paulo (1Co 2.4,5).

Era nítido o contraste entre a ação poderosa do Espírito e os métodos secos e repetitivos dos mestres e filósofos gregos da época, que tentavam convencer e conseguir admiradores e discípulos mediante demonstrações encenadas de retórica, dialética e argumentação filosófica; isto é, “sabedoria dos homens” (v.5). Que diferença faz o evangelho de poder do Senhor Jesus Cristo, o qual “é o poder de Deus para a salvação de todo o que crê” (Rm 1.16).

Paulo reconhecia que os mestres gregos o superavam em capacidade acadêmica e humana (2Co 10.10; 11.6). Mas a sabedoria, a oratória e a argumentação filosófica deles era tão-somente um espetáculo teatral, vazio, que atingia apenas os

sentidos dos espectadores. No apóstolo Paulo, ao contrário, operava, nesse sentido, o poder de Deus (1Co 2.4,5; Cl 1.29; 1Ts 1.5; 2Co13.10).

O poder do Espírito Santo, que evidencia a sua deidade, é também revelado em passagens como Lucas 1.35, Jó 26.13 e 33.4, Salmos 33.6 e Gênesis 1.1,2. Esse divino poder, como já afirmamos, é liberado através da pregação do evangelho de Cristo:

- 1) Na conversão dos ouvintes (At 2.37,38).
- 2) No batismo com o Espírito Santo para os novos crentes (At 10.44).
- 3) Na expulsão de espíritos malignos (At 8.6,7; Lc 11.20).
- 4) Na cura divina dos enfermos (At 3.6-8).
- 5) Na obediência dos crentes ao Senhor (Rm 16.19).

Onisciência. Esta é mais uma evidência da deidade do Espírito Santo, que sabe e conhece todas as coisas (1Co 2.10,11). Isso é um fato solene, mormente se considerarmos que Ele habita em nós: “habita convosco, e estará em vós” (Jo 14.17). A primeira parte dessa declaração de Jesus indica a permanência do Espírito Santo em nós (“habita convosco”); e a segunda, a sua presença dentro de nós (“e estará em vós”).

Alguém pode habitar numa casa e não estar presente nela em determinada ocasião. Porém, o Espírito Santo quer estar sempre presente no crente, como uma das maravilhas dessa “tão grande salvação” (Hb 2.3).

Aos que amam a Deus, o Espírito Santo revela as infinitas e indizíveis bênçãos preparadas para os salvos, já nesta vida, e muito mais na outra (1Co 2.9,10). O profeta Isaías, pelo Espírito, profetizou essas maravilhas (64.4; 52.15). Os demais profetas do Antigo Testamento também tiveram a revelação divina dessas coisas miríficas que os santos desfrutarão na glória (1Pe 1.10-12). O Espírito também revelou aos escritores do Novo Testamento essas maravilhas consoladoras, inclusive a Paulo (1Co 2.10).

Ele é o nosso divino Mestre na presente dispensação da Igreja (1Co2.13), como já estava predito em Provérbios 1.23. Concernente a esta missão do Espírito Santo, Jesus declarou: “Esse vos ensinará todas as coisas” (Jo 14.26). O texto de Lucas 12.12 também é bastante elucidativo quanto a mais esta ação do Espírito na igreja.

Onipresença. O Espírito Santo está presente em todo lugar (Sl 139.7-10; 1Co2.10). Atentemos para duas ênfases contidas nesses textos que evidenciam a onipresença do Espírito: “Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua face?” e “O Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus”.

Eternidade. Ele é infinito em existência; sem princípio; sem fim; sem limitação de tempo (Hb 9.14). Ela estava no princípio, quando todas as coisas foram criadas (Gn 1.1,2).

Outros atributos. O Espírito de Deus é denominado Senhor (2Co3.16-18); é descrito como Criador (Jó 26.13; 33.4; Sl 33.4; 104.3; Gn 1.1,2; Ez 37.9,10); e é classificado e mencionado juntamente com o Pai e o Filho, o que, sem dúvidas, é uma grande evidência da sua divindade.

- 1) Na fórmula doutrinária do batismo nas águas (Mt 28.19). Aqui a Bíblia não diz “nos nomes”, como se as três Pessoas da santíssima Trindade fossem uma só, mas “em nome” — singular —, distinguindo cada Pessoa existente em Deus: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.
- 2) Na invocação da bênção tríplice sobre a igreja (2Co13.13).
- 3) Na doutrina da habitação do Espírito Santo no crente (Rm 8.9).
- 4) Na descrição bíblica do estado do crente diante de Deus (1 Pe 1.2).
- 5) Nas diretrizes ao povo de Deus (Jd vv.20,21). Aqui o Espírito Santo é mencionado primeiro; em seguida, o Pai; por fim, o Filho.
- 6) Na doutrina da unidade da fé cristã (Ef 4.4-6). Aqui também o Espírito é mencionado em primeiro lugar, seguido do Senhor Jesus e de Deus, o Pai.
- 7) Na saudação bíblica às sete igrejas da Ásia (Ap 1.4,5).

III - A PERSONALIDADE DO ESPÍRITO SANTO

O que é personalidade? É o conjunto de atributos de várias categorias que caracterizam uma pessoa. No seu aspecto psíquico, a personalidade consiste de intelecto, sensibilidade e vontade. Os três são também chamados de inteligência, afetividade e autodeterminação.

No Espírito Santo vemos essa triplicidade de atributos da personalidade, a saber: intelecto: “ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus” (1Co2.11); sensibilidade: “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus” (Ef 4.30); e vontade: “[O Espírito] repartindo particularmente a cada um como quer” (1Co12.11) e “a intenção do Espírito” (Rm 8.27). Como membro da unidade trina de Deus, o Espírito Santo é, pois, uma Pessoa.

O fato de o Espírito ser um com Deus, com Cristo e, ao mesmo tempo, distinto d'Ele é parte, como já dissemos, do grande e insondável mistério da Trindade Santa para a mente humana. O Espírito de Deus não é tão-somente uma influência, um poder, uma energia, uma unção — como os heréticos concluem por si e assim ensinam —, mas uma Pessoa divina e real.

Do Espírito Santo como o Consolador divino está escrito que Ele veio para estar conosco em lugar de Jesus. Ora, Jesus é uma Pessoa divina e real; para substituir tal Pessoa, só outra Pessoa do mesmo quilate divino (Jo 16.6,7).

Em João, Jesus refere-se ao Espírito Santo empregando o pronome pessoal e determinativo “Ele” — ekeinos (14.26, 15.26 e 16.8,13,14). Por sua vez, o divino Espírito Santo chama-se a si mesmo de “Eu” (At 10.19,20). E isso é uma irrefutável e inegável evidência da sua personalidade.

3.1 - ATOS DO ESPÍRITO SANTO

Não podemos falar da Pessoa do Espírito Santo sem mencionar o livro de Atos dos Apóstolos, cujo título mais apropriado

deveria ser Atos do Espírito Santo. Este é um livro-chave no estudo da Pneumatologia. Quem pretende entender essa matéria não pode deixar de estudá-lo, haja vista o que está escrito em Atos 1.2: “até ao dia em que foi recebido em cima, depois de ter dado mandamentos, pelo Espírito Santo, aos apóstolos que escolhera”.

Muitos dos exemplos citados neste livro constam do livro de Atos dos Apóstolos

3.2 - TERCEIRA PESSOA DA TRINDADE

Deus é uno e, ao mesmo tempo, triúno (Gn 1.1,26; 3.22; 11.7; Dt 6.4; 1 Jo 5.7). O Pai, o Filho e o Espírito são três divinas e distintas Pessoas. São verdades bíblicas que transcendem a razão humana e as aceitamos alegremente pela fé. A fé precede a doutrina (1Tm 4.6).

Se a unidade composta do homem — espírito, alma e corpo — continua como um fato inexplicável para a ciência e para os homens mais sábios e santos, quanto mais a trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

As três divinas Pessoas da Trindade são co-eternas e iguais entre si. Mas, em suas operações concernentes à criação e à redenção, Deus, o Pai, planejou a criação de tudo (Ef 3.9); Deus, o Filho, executou o plano, criando (Jo 1.3; Cl 1.16; Hb 1.2; 11.3); e Deus, o Espírito Santo, vivificou, ordenou, pôs tudo, todo o universo, em ação: desde a partícula infinitesimal e invisível até ao supermacroscópico objeto existente (Jó 33.4; Jo 6.63; Gl 6.8; Sl 33.6; Tt 3.5). Ou seja, o Pai domina, o Filho realiza, e o Espírito Santo vivifica, preserva e sustenta.

Na redenção da humanidade, o Pai planejou a salvação, no céu; o Filho consumou-a, na terra; e o Espírito Santo realiza e aplica essa tão grande salvação à pessoa humana. Entretanto, num exame cuidadoso da Bíblia vemos que, em qualquer desses atos divinos, as três Pessoas da Trindade estão presentes.

Uma tentativa de definição do trino Deus é: Deus Pai é a plenitude da divindade invisível (Jo 1.18). Deus Filho é a plenitude da divindade manifesta (Jo 1.1-17). Deus Espírito Santo é a plenitude da divindade operando na criatura (1Co2.12-16).

Para os sentidos físicos do homem, por condescendência de Deus, vemos as três Pessoas da Trindade no batismo de Jesus. O Pai eterno falou do céu, o Espírito Santo desceu em forma visível de pomba — uma alegoria —, e o Filho estava sendo batizado no rio Jordão, para cumprir toda a justiça (Mt 3.16,17).

IV – O ESPÍRITO SANTO A PARTIR DO PENTECOSTES

A Palavra de Deus alerta, em Romanos 1.23-26, quanto a mudanças indevidas e seus resultados funestos para a igreja. Daniel menciona “mudanças” como uma das características do tempo do Anticristo. E essas são muitas e injustificáveis, como a teologia da libertação, o culto da prosperidade, além de um elevado número de fatos e eventos registrados na Bíblia transformados em doutrina pelos falsos mestres.

Em 2 Coríntios 4.2, lemos sobre o perigo da falsificação da Palavra de Deus e o que devemos fazer para não sermos enganados: “antes, rejeitamos as coisas que, por vergonha, se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade”.

Há um padrão bíblico para a igreja (2Tm 1.13; Hb 8.5). E os que a edificam devem atentar para o que está escrito em 1 Coríntios 3.10: “Segundo a graça de Deus que foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele”, pois a obra de cada um se manifestará (v.13). Cuidado, os edificadores da igreja; os que fazem discípulos para o Senhor (Mt 28.19).

Existem quatorze palavras-chaves — ou frases —, em Atos 2, que marcaram o primeiro Pentecostes, indicando fatos que devem acompanhar a verdadeira ação do Espírito Santo através dos tempos: “**Pentecostes**” (v.1); “**todos**” (vv.1,4,17,21,39,43,44); “**reunidos**” (v.1); “**céu**” (v.2); “**som**” (v.2); “**vento**” (v.2); “**casa**” (v.2); “**línguas**” (v.3); “**fogo**” (v.3); “**cheios**” (v.4); “**nações**” (v.5); “**zombaria**” (v.13); “**Pedro**” (v.14); e “**Palavra de Deus**” (vv.16-36).

Meditemos, pois, nessas palavras, tendo em mente o contexto do primeiro derramamento pentecostal, e comparemos isso com o que ora ocorre em nosso meio.

4.1 - O SIGNIFICADO DE PENTECOSTES

Em Levítico 23, Deus estabeleceu sete festas sagradas para Israel observar, as quais prefiguravam, de antemão, todo o curso da história da igreja. Essas festas sagradas falam também do caráter alegre que caracterizaria a igreja, pois festa pressupõe alegria. E Jesus sempre foi um homem alegre, apesar de viver à sombra da horrenda cruz!

Das sete festas sagradas de Israel, a quarta era a de Pentecostes (Lv 23.15,16), também chamada de Festa das Semanas (Dt 16.10) e Festa das Colheitas (Êx 23.16). A Festa de Pentecostes ocorria no terceiro mês, Sivã, e durava um dia — dia 6 de Sivã, mês que corresponde mais ou menos ao nosso junho.

A Festa de Pentecostes era precedida de três outras festas conjuntas: Páscoa: 14 de Abibe (um dia); Pães Asmos: de 15 a 22 de Abibe (sete dias); Primícias: 16 de Abibe (um dia). As três levavam oito dias e eram celebradas no mês de Abibe, o primeiro do calendário sagrado de Israel. O primeiro mês do calendário civil era Tisri, que corresponde mais ou menos ao nosso outubro.

Três outras festas seguiam o Pentecostes: Trombetas: em 1º de Tisri. (um dia); Tisri: era o início do ano civil de Israel; Expição: em 10 de Tisri (um dia), “o grande dia da Expição”; e Tabernáculo: de 15 a 21 de Tisti (sete dias). Essas três últimas festas eram todas celebradas num mesmo mês (Tisri).

Pentecostes era a festa central das sete que o Senhor determinou para Israel observar, conforme Levítico 23. Ou seja, eram realizadas três festas antes de Pentecostes, e três, depois (3+1+3). Isso fala da importância do batismo com o Espírito Santo para a igreja, e do equilíbrio espiritual que resulta dele.

Ninguém sabe, ao certo, o dia do Natal de Cristo, nem o da sua morte, porém todos sabem o dia da sua ressurreição (primeiro dia da semana), bem como o dia de Pentecostes (quingentésimo dia após as Primícias). Depois das Primícias, contavam-se sete semanas, vindo a seguir o dia de Pentecostes (7x7 semanas+1 dia=50 dias). Há, pois, uma profecia típica na Festa de Pentecostes, que falava da ressurreição de Cristo (Lv 23.15; 1Co15.20). Isso mostra também que sem Páscoa — isto é, o Cordeiro de Deus morto e ressurreto — não teríamos Pentecostes!

Mas, faz-se necessário explicar a profecia típica da Festa de Pentecostes. Na festa das Primícias era movido perante o Senhor um molho (um feixe) de espigas de trigo (Lv 23.10,11). Na Festa de Pentecostes eram movidos perante o Senhor dois pães de trigo (Lv 23.15-17). Isso falava da igreja, que seria composta de judeus e gentios — formando um só corpo, o Corpo de Cristo (Ef 2.14; Jo 11.52). Quanto ao feixe de espigas, fala da união, mas os pães vão além: representam unidade (Ef 4.3). Numa espiga, como é fácil verificar, os grãos estão presos a ela, mas distintos uns dos outros.

Comparemos o trigo de Josué 5.10-12 com o de João 12.24. Num feixe de espigas, os grãos estão simplesmente presos à espiga, mas distintos uns dos outros. Num pão é diferente: o trigo é o mesmo, enquanto os grãos passaram por um multiforme processo, formando agora um todo — um corpo único. O derramamento pentecostal fez isso na formação da igreja, conforme lemos em Atos 2, e quer continuar fazendo o mesmo hoje.

4.2 - TODOS REUNIDOS

As palavras “todo” e “todos” aparecem diversas vezes em Atos, especialmente no capítulo 2 (vv.1,4,17,21,39,43,44). Como o vocábulo “todos” é inclusivo, todos os salvos são candidatos ao batismo com o Espírito Santo. Observe, contudo, que a salvação não é o batismo com o Espírito Santo; este deve seguir-se à salvação. Os discípulos do Senhor, juntamente com as mulheres — Maria e outras (At 1.13,14) — já eram salvos antes do dia de Pentecostes.

A Palavra de Deus elimina qualquer dúvida nesse sentido. Em Atos 2.38,39, fica claro que o batismo com o Espírito Santo é destinado a pessoas salvas, membros do corpo de Cristo. Retrocedendo um pouco na leitura, vemos a ênfase: “sobre meus servos e minhas servas” (v.18). E Paulo perguntou aos varões de Éfeso: “Recebestes vós já o Espírito Santo quanto crestes?” (At 19.2), numa demonstração de que o revestimento de poder é subsequente à experiência do novo nascimento. Por isso, Jesus salientou que o mundo não pode receber o Espírito de Deus (Jo 14.17).

Em Atos 2.1, está escrito: “Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar”. Isso indica não somente união, mas unidade no Espírito Santo (cf. v.4). Acabaram-se as discordâncias, as contendas, as divergências pessoais em torno das coisas de Deus, e todos estavam ali, juntos, reunidos. Imaginemos, pois, João, Pedro, Tomé, unidos...

Um som vindo do céu. No dia do prometido derramamento de poder celestial, a Palavra de Deus diz que veio do céu um som como de um vento (At 2.2). O que está ocorrendo atualmente em sua vida, em sua igreja, em seu movimento religioso? Isso tudo vem mesmo do céu? Ou vem simplesmente dos homens? Leia Jeremias 17.9. Ou vem do astuto Enganador? É importante que reflitamos sobre a origem daquilo que sentimos. O verdadeiro revestimento de poder do Espírito vem do Alto (Lc 24.49; At 11.15), mas a Palavra de Deus nos alerta quanto a “outro espírito” (2Co11.4).

Observemos que o Espírito Santo veio primeiramente como um som. Um som para despertar os dormentes; para acordar do sono espiritual. Um som para alertar de perigo; para avisar. Um som para convocar para o trabalho; para reunir (1Co14.8). Um som para a igreja louvar a Deus, com “música de Deus” (1Cr16.42; Cl 3.16).

O som que veio do céu era como de um vento. Isto é, não houve vento natural de fato, e sim algo semelhante a seus efeitos sonoros, circundantes e propulsores. O que isso representa?

- 1) O vento fala de força impulsora, como nas velas dos barcos, nos moinhos, etc.
- 2) O vento separa a palha do grão (Sl 1.4; Mt 3.12); o leve do pesado.
- 3) O vento move e movimentação água, árvores.
- 4) O vento fertiliza, levando o pólen, a vida (Cl 4.16; Jo 3.5,8).
- 5) O vento limpa árvores, campos, etc.
- 6) O vento não tem cor: favoritismo, individualismo, discriminação.
- 7) O vento não pertence a um clima único; é universal.
- 8) O vento se move continuamente (cf. Ec 1.6; Gn 1.2).
- 9) O vento não tem cheiro, mas espalha perfume; aqui é importante refletir sobre o papel do Altar do Incenso, no Tabernáculo.
- 10) O vento, quando se move, é infalivelmente sentido, notado.
- 11) O vento refresca e suaviza no calor.
- 12) O vento — o ar — alimenta e vivifica (pulmões, a vida orgânica). Em Ezequiel 37.8-10, naquela visão que Deus deu ao profeta sobre um vale de ossos secos, vemos nos corpos: ossos, nervos, carne, pele, mas não vida, até que o Espírito assoprou sobre eles. Aleluia! Há muitos crentes por aí que têm de sobra “ossos, nervos, carne e pele”, porém falta-lhes a vida abundante do Espírito.
- 13) O vento é misterioso (Jo 3.8).

Cabe aqui um aviso: devemos ter cuidado com as falsificações, isto é, os ventos nocivos, que não provém do Espírito de Deus (Mt 7.25; Ef 4.14).

4.3 - A CASA FICOU CHEIA

O som como de um vento veemente e impetuoso encheu toda a casa (At 2.2). Aquele primeiro derramamento do Espírito ocorreu numa residência, numa casa de família. Isso levamos a refletir sobre o importante papel da família cristã cheia do Espírito Santo, para a igreja.

A família, como primeira instituição divina na terra, foi o meio pelo qual Deus iniciou o ciclo da história humana. Foi por meio dela, ainda, que Ele fundou a nação que traria o Messias ao mundo. E, por fim, o Senhor serviu-se de uma família para que dela nascesse o Messias.

É devido a grande importância que a família tem para todos e para tudo na face da terra que o Inimigo — com todas as suas hostes — luta para destruí-la, inclusive dentro da igreja. Mas observemos como Deus cuida da família:

- 1) Em Atos 2.17, vemos que todos os membros da família estão incluídos na promessa pentecostal: “vossos filhos e vossas filhas, vossos jovens e vossos velhos”.
- 2) Antes de julgar o mundo com um dilúvio, Deus proveu salvação para Noé e toda a sua família (Gn 6.18).
- 3) Em Êxodo 12.3,4, vemos que o Senhor instruiu cada família a tomar um cordeiro para si. Na noite em que Ele julgou os egípcios, os israelitas foram milagrosamente salvos pelo sangue do cordeiro.
- 4) Na expressão “serás salvo tu e tua casa” (At 16.31) vemos a promessa de Deus para os chefes de família.

Línguas como que de fogo. O texto de Atos 2.3 mostra que línguas como que de fogo foram repartidas. O verdadeiro Pentecostes tem algo para se ouvir do céu (“veio do céu um som”); para se ver do céu (“foram vistas por eles línguas”); e para repartir, também vindo do céu (“línguas repartidas”).

Línguas estranhas seguem-se ao derramamento do Espírito; não o precede — “Foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas” (At 2.4). Línguas, no derramamento pentecostal, indicam o evangelho falado, pregado, cantado, comunicado. Porém, são línguas “como que de fogo”, e não língua de flores.

Vários dons do Espírito Santo são exercidos através da língua, da fala. Deus usou as línguas estranhas como sinal externo do batismo com o Espírito Santo, para demonstrar sua inteira posse e controle da nossa língua, ao batizar-nos (Tg 3.8). Mediante a comparação dos textos de Atos 2.4, 10.44-46 e 11.15, vemos, pela lei da primeira referência, que as línguas estranhas são a evidência física inicial do batismo com o Espírito Santo.

As línguas estranhas são apresentadas, também, como um dos dons do Espírito Santo (1Co12.10,30). Quando comparamos as passagens de Atos 2.17 e 19.6, vemos que os dons espirituais podem ser concedidos por Deus no momento do batismo com o Espírito. Como foi o seu batismo? Como você foi ensinado sobre essas coisas da Bíblia?

Essas línguas são “como que de fogo”, isto é, fogo sobrenatural, celestial, e não fogo estranho. Vejamos a aplicação espiritual desse “fogo do céu”:

- 1) O fogo alastra-se, comunica-se.
- 2) O fogo purifica. Contra a impureza espiritual, a principal força é o Espírito Santo.
- 3) O fogo ilumina. É o saber; o conhecimento das coisas de Deus.
- 4) O fogo aquece. A igreja é o corpo de Cristo. Todo corpo vivo é quente.
- 5) O fogo, para queimar bem, depende muito da madeira; se é boa ou ruim.
- 6) O fogo tanto estira o ferro duro, como a roupa macia.
- 7) Foi o fogo do céu que fez do Templo de Salomão a Casa de Deus (2Cr7.1; 1Co3.16).

“Quem nasce sob o fogo não esmorece sob o sol”.

Cheios do Espírito Santo. A caixa d'água, quanto mais cheia e mais alta, mas pressão e peso tem! Observe que, no dia de Pentecostes, não somente os crentes foram cheios, mas também o ambiente: a casa (At 2.2). Os símbolos e figuras manifestos ali falam de poder, como fogo e vento. Cheios do Espírito, usufruímos o poder, a energia e a força, mesmo não sabendo definir plenamente essas gloriosas manifestações do Espírito (cf. Jo 3.8).

As nações. No dia de Pentecostes, vemos que as nações estavam presentes (At 2.5). Jesus já havia feito a declaração sobre isso, em Atos 1.8. E aqui devemos refletir sobre evangelização e missões (Mc 16.15), obras que devemos fazer impulsionados pelo poder do Espírito Santo. Não há como negar aqui a realidade de que o verdadeiro movimento pentecostal terá de ser um movimento missionário, nacional e mundial!

O verdadeiro movimento pentecostal, missionário, ora pelas missões; contribui para as missões; promove as missões! É um movimento que vai ao campo missionário. A igreja que não evangeliza, muito breve deixará de ser evangélica. Por isso, devemos encarar com amor e responsabilidade, sob a orientação do Espírito, a obra da evangelização à nossa volta, levando sempre em conta o fenômeno da transculturação relacionado com Missões.

4.4 - A PREGAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

Diante da manifestação do Espírito de Deus no dia de Pentecostes, muitos zombaram, dizendo: "Estão cheios de mosto" (At 2.13). Esses zombadores não eram pessoas ímpias, e sim religiosas.

Hoje não acontece a mesma coisa? Há muitos zombadores e críticos religiosos. A Palavra de Deus afirma que, no último tempo haveria escarnecedores (Jd v.18). E, quando não aparece um Judas Iscariotes do lado de dentro da igreja, surge um Pilatos do lado de fora, ainda se defendendo (Mt 27.24). Não obstante, devemos continuar a fazer, como Jesus, a obra que Deus nos confiou, pois sempre haverá críticos e zombadores.

Pedro, então, cheio do Espírito Santo, pôs-se em pé e, além de dar uma resposta aos zombeteiros, pregou a Palavra de Deus (At 2.14,15). Revisitamos sobre este homem de Deus. Quem era Pedro antes do Pentecostes? Depois daquele dia em que o poder do Espírito desceu sobre ele, nunca mais foi o mesmo! Daí para frente ele jamais mudou (1 Pe 1.1-5; 2.4).

A teologia modernista, liberalista e especulativa está permeando o mundo. Que, à semelhança de Pedro, coloquemo-nos em pé e, pelo poder do Espírito, respondamos às suas críticas infundadas, pregando o evangelho. Qual foi, então, a resposta de Pedro? Ele disse: “isto é o que foi dito pelo profeta Joel”. Observemos que a primeira pregação da igreja foi pura exposição da Palavra de Deus (At 2.16-36).

Nossos ministério e congregação experimentam um abundante e poderoso ministério da Palavra? E a pregação e o ensino pentecostal devem ter “endereço” certo: o coração do ouvinte — “E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração” (At 2.37).

Há atualmente um esvaziamento da Palavra de Deus no púlpito de inúmeras igrejas. O tempo que deveria ser da Palavra do Senhor é ocupado por música e canto profissionais — não o genuíno louvor — e atividades sociais, restando alguns minutos para a pregação da Palavra de Deus. Daí o elevado número de “retardados espirituais” nessas igrejas. Como está a sua igreja, em particular?

É preciso vigilância com os chamados hinos especiais duplos e triplos de cantores, conjuntos e corais. Vemos, em Êxodo 30.34-38 e 2 Crônicas 29.27, como são necessários equilíbrio e dosagem na adoração a Deus. Considere, aqui, o texto de 1 Coríntios 14.40 à luz da expressão “porão em ordem”, relacionada com o holocausto ao Senhor (Lv 1.7,8,12).

4.5 - COMO MANTER O PODER DO ESPÍRITO

Há algumas coisas que ocorreram no primeiro Pentecostes que trazem à tona as condições da nossa parte para usufruirmos o verdadeiro poder pentecostal em nossos dias:

- 1) Obediência à vontade do Senhor (Lc 24.49; At 1.12-14). A desobediência é um entrave à operação divina em nossa vida (At 5.32).
- 2) União e unidade entre os crentes (At 1.14; 2.1; Ef 4.3). Imaginemos João, Pedro, Tomé e outros, em conjunto com as mulheres, com as suas diferenças, todos reunidos...
- 3) Oração perseverante e unânime (At 1.14).

Mas, além de valorizarmos tais condições, que possibilitam o usufruto do poder do Espírito, não podemos ignorar a importância de o conservarmos. Na Lei havia apagador de fogo (Êx 25.38), mas na Graça, não (Mt 12.20; 1 Ts 5.19)! Nesta última referência, a mensagem para nós é clara: "Não apagueis o Espírito" (ARA), como temos enfatizado ao longo desta obra.

A conservação do poder do Espírito Santo vem pela constante renovação espiritual do crente. Em Tito 3.5 está escrito que a regeneração é seguida da renovação (cf. At 4.8,31; 6.5; 7.55; 11.24; 13.9,52; Rm 12.2; 2Co4.16; Ef 4.23; 5.18; Cl 3.10). A vida espiritual renovada também recebe destaque no livro de Salmos (92.10; 103.5; 104.30; 119.25,37,40,50,88,93,97,154,156,159). Se não atentarmos para a necessidade da contínua renovação espiritual, corremos o risco de "terminar na carne" (Gl 3.3).

V - MINISTRACÕES DO ESPÍRITO AO CRENTE

Em razão de suas operações dinâmicas (Gn 1.2), o Espírito Santo é mais mencionado no Antigo Testamento como "Espírito". Já no Novo Testamento, Ele é citado como "Espírito Santo", o que destaca seu principal ministério na igreja: santificar o crente. Essa distinção de ofício do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento é claramente percebida em 2 Coríntios 3.7,8. O versículo 8 assevera: "Como não será de maior glória o ministério do Espírito?"

O novo nascimento pelo Espírito (Jo 3.3-8). O novo nascimento abrange a regeneração e a conversão, que são dois

lados de uma só realidade. Enquanto a regeneração enfatiza o nosso interior, a conversão, o nosso exterior. Quem diz ser nascido de novo deve demonstrar isso no seu dia-a-dia. A expressão “de novo” (v.3), de acordo com o texto original, significa “nascer do Alto, de cima, das alturas”. Isto quer dizer que se trata de um nascimento espiritual realizado pelo Espírito Santo. O homem natural, portanto, desconhece esse novo nascimento (vv.4-12; Jo 16.7-11; Tt 3.5).

A habitação do Espírito no crente (Jo 14.16,17; Rm 8.9). No Antigo Testamento, o Espírito agia entre o povo de Deus (Ag 2.5; Is 63.11b), mas com o advento de Cristo e por sua mediação, o Espírito habita no crente (Jo 20.21,22). Este privilégio é também reafirmado em 1 Coríntios 3.16; 6.19; 2 Coríntios 6.16; e Gálatas 4.6.

O testemunho do Espírito de que somos filhos de Deus (Rm 8.15,16). Esse testemunho é uma plena convicção produzida no crente pelo Espírito Santo de que Deus é o nosso Pai celeste (v.15) e de que somos filhos de Deus: “O mesmo Espírito testifica... que somos filhos de Deus” (v.16). É, pois, um testemunho objetivo e subjetivo, da parte do Espírito Santo, concernente a nossa salvação em Cristo.

A fé pelo Espírito Santo para a salvação. É a vida de fé (Rm 1.17), “pelo Espírito” (Gl 5.5). Tal fé, segundo Atos 11.24, procede do Espírito, a fim de que o crente permaneça fiel por meio da manifestação do fruto do Espírito (Gl 5.22b). Uma coisa decorre da outra. Os heróis de Hebreus 11 venceram “pela fé”, porque o Espírito a supria (2Co4.13; Hb 10.38).

A santificação posicional do crente. A santificação sob este aspecto é perfeita e completa “em Cristo”, mediante a fé. Ela ocorre por ocasião do novo nascimento (1Co1.2; Hb 10.10; Cl 2.10; 1 Jo 4.17; Fp 1.1), sendo simultânea com a justificação “em Cristo” (1Co6.11; Gl 2.17a).

O batismo “do” ou “pelo” Espírito Santo (1Co12.13; Gl 3.27; Rm 6.3). Este batismo “do” ou “pelo” Espírito é algo tão real, apesar de ser espiritual, que a Bíblia o denomina como “batismo”.

Em todo batismo, como já afirmamos, há três pontos inerentes: um batizador; um batizando; e um meio em que o candidato é imerso.

O batismo “com” ou “no” Espírito Santo (At 1.4, 5, 8; 2.1-4; 10.44-46; 11.16; 19.2-6). A evidência física desse glorioso batismo são as línguas sobrenaturais faladas pelo crente conforme o Espírito concede. É uma ministração de poder do Alto pelo Espírito, provida pelo Pai, mediante o Senhor Jesus (Jo 14.26; At 2.32,33). Como esse assunto merece um tópico à parte, o analisaremos abaixo.

No batismo pelo Espírito Santo, o batizador é o Espírito de Deus (1Co12.13); o batizando é o novo convertido; e o elemento em que o recém-convertido é imerso, a Igreja, como corpo místico de Cristo (1Co12.27; Ef 1.22, 23). Portanto, o Espírito Santo realiza esse batismo espiritual no momento da nossa conversão, inserindo o crente na Igreja (Mt 16.18). Logo, todos os salvos são batizados “pelo” Espírito Santo para pertencerem ao corpo de Cristo — a Igreja, mas nem todos são batizados “com” ou “no” Espírito.

A santificação progressiva do crente (1 Pe 1.15,16; 2Co7.1; 3.17,18). Essa verdade é declarada no texto original de Hebreus 10.10,14. No versículo 10, a ênfase recai sobre o estado ou a posição do crente — santo: “Temos sido santificados”. O versículo 14, no entanto, não só reafirma o estado anterior, “santo”, como declara o processo contínuo de santificação proveniente de tal posição: “sendo santificados”.

A oração no Espírito (Rm 8.26, 27; Ef 6.18; Jd v.20; Zc 12.10; 1Co14.14, 15). Esta ministração do Espírito no crente, capacita-o a orar, inclusive a interceder por outros. Logo, só podemos orar de modo eficaz se formos assistidos e vivificados pelo Espírito Santo. A “oração no Espírito” de que trata Judas, no versículo 20, refere-se a essa capacidade concedida pelo Espírito.

O Espírito Santo como selo e penhor (2Co1.22; Ef 1.13, 14; 4.30; 2Co5.5). Devemos observar que, nos tempos bíblicos, o selo era usado para designar a posse de uma pessoa sobre algum objeto ou coisa selada. Por conseguinte, indicava propriedade

particular, segurança e garantia. Este selo, portanto, não é o batismo com o Espírito Santo, mas a habitação do Espírito no crente, como prova de que o mesmo é posse ou propriedade particular de Deus.

Juntamente com o selo é mencionado o “penhor da nossa herança” (Ef 1.14). De modo semelhante ao selo, o penhor era o primeiro pagamento efetuado a fim de se adquirir uma propriedade. Mediante esse “depósito”, a pessoa assegurava o objeto como propriedade exclusiva. Assim, o Senhor deu-nos o Espírito Santo, como garantia de que somos sua propriedade exclusiva e intransferível. O Senhor Jesus “investiu” em nós imensuráveis riquezas do Espírito como penhor ou garantia de que muito em breve Ele virá para levar para Si sua propriedade peculiar, a Igreja de Deus (Tt 2.14).

A unção do Espírito para o serviço. Jesus, nosso exemplo, foi ungido com o Espírito Santo para servir (At 10.38; Lc 4.18,19). Assim também a igreja recebeu a unção coletiva do Espírito (2Co 1.21,22), mas alguns de seus membros são individualmente ungidos para ministérios específicos, segundo os propósitos de Deus. Vejamos a unção do Espírito sobre o crente, conforme 1 João 2.20,27.

- 1) “Tendes a unção do Santo”. Esta unção santifica e separa o crente para o serviço de Deus.
- 2) “E sabeis tudo”. Também proporciona conhecimento das coisas de Deus em geral.
- 3) “Fica em vós” (v.27). É permanente no crente.
- 4) “Unção que vos ensina todas as coisas” (v.27). É didática, pois possibilita ensino contínuo das coisas de Deus.
- 5) “É verdadeira” (v.27). Não falha, pois procede da verdade, que é Deus.
- 6) “E não é mentira” (v.27). É sem dolo; sem falsidade. É possível que houvesse entre certos líderes daqueles dias uma falsa unção, que imitava a verdadeira.

Na conclusão de 2 Coríntios 3, prorrompe jubiloso o sacro escritor, a respeito da glória do ministério do Espírito: “Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (v.18).

Todas essas maravilhosas ministrações e dádivas do Espírito Santo, dispensadas aos filhos de Deus (2Co 3.8), são necessárias para fazermos a obra do Senhor no poder do Espírito, a fim de que muitas almas sejam salvas.

ATIVIDADES – LIÇÃO IV

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) Pneumatologia é a doutrina do Espírito Santo quanto a sua deidade, seus atributos, obras e operações.
- 2) Quanto aos atributos divino do Espírito Santo, destacamos a Onipotência, Onisciência, Onipresença e a Eternidade entre outros.
- 3) Deus é uno e, ao mesmo tempo, triúno. O Pai, o Filho e o Espírito são três divinas e distintas Pessoas.
- 4) Existem quatorze palavras-chaves — ou frases —, em Atos 2, que marcaram o primeiro Pentecostes, indicando fatos que devem acompanhar a verdadeira ação do Espírito Santo através dos tempos: Pentecostes; todos; reunidos; céu; som; vento; casa; línguas; fogo; cheios; nações; zombaria; Pedro; e Palavra de Deus.
- 5) Ninguém sabe, ao certo, o dia do Natal de Cristo, nem o da sua morte, porém todos sabem o dia da sua ressurreição (primeiro dia da semana).

- 6) No Pentecoste, o som que veio do céu era como de um vento. Isto é, não houve vento natural de fato, e sim algo semelhante a seus efeitos sonoros, circundantes e propulsores.

Lição V

A Doutrina do Espírito Santo Pneumatologia (2ª Parte)

A DOCTRINA DO ESPÍRITO SANTO PNEUMATOLOGIA (2ª PARTE)

I - O BATISMO COM O ESPÍRITO

Para compreender melhor a obra do Espírito, o aluno deve meditar profundamente nas seguintes referências: João 7.37-39; Lc 24.49,52; At 1.12-14; 2.1-4. O comentário que se segue é um desdobramento desses textos, dentro dos limites do espaço de que dispomos.

Dos cerca de quinhentos irmãos que viram Jesus ressurreto e ouviram o seu chamado para o cenáculo em Jerusalém (Lc 24.49), apenas uns 120 deles atenderam (cf. 1Co 15.6). O que acontecera aos demais que lá não foram? Nem todos buscam com fé, sede e perseverança conhecer a obra do Espírito Santo.

1.1 - A PROMESSA

1.1.1 – *No ANTIGO TESTAMENTO*

Há várias promessas de Deus, no Antigo Testamento, do derramamento do seu Espírito sobre o seu povo, mas a principal é a que foi proferida pelo profeta Joel, uns oitocentos anos antes do advento de Cristo (Jl 2.28-32).

1.1.2 – No NOVO TESTAMENTO

João Batista, o arauto de Jesus, foi homem cheio do Espírito Santo. Em todos os quatro Evangelhos ele confirma a promessa divina do batismo (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.32,33; At 11.16).

Em Marcos 16.17, Jesus declarou: “falarão novas línguas”. Os críticos alegam que os versículos 9 a 20 do Evangelho Segundo Marcos não constam de certos manuscritos bíblicos antigos do Novo Testamento e que, portanto, esses versículos não são autênticos. Pouco importa o que os críticos digam. Deus não precisa de veredicto do homem na sua Palavra e nos seus assuntos. E o que dizer dos milhões que em todo o mundo falam em novas línguas sobrenaturais pelo Espírito hoje?

Em Lucas 24.49, Jesus denominou a promessa como “a promessa de meu Pai”. O batismo com o Espírito Santo foi o último assunto de Jesus aos seus, antes da sua ascensão (vv.50,51). Isso mostra que esse revestimento de poder do Alto é de inestimável relevância para o povo salvo.

A declaração de Jesus, em João 7.38,39, deve ser estudada juntamente com Atos 2.32,33. O apóstolo Pedro, após ser batizado com o Espírito Santo e pregar no dia de Pentecostes, encerrou o seu sermão citando a promessa do batismo, agora cumprida no cenáculo em Jerusalém (At 2.1-4).

1.1.3 - O CUMPRIMENTO DA PROMESSA

No Antigo Testamento, o privilégio especial do povo de Deus — Israel — foi receber, preservar e comunicar a revelação divina, as Santas Escrituras (Rm 3.1,2; 9.4; 2Co3.7). Já o privilégio especial do povo de Deus no Novo Testamento, a Igreja, é receber o Espírito Santo: na conversão (Jo 3.5; 14.16,17; 16.7; 2Co3.8,9; Rm 8.9); no batismo com o Espírito Santo; e, subsequentemente, através da vida cristã (At 4.8,31; 9.17; 13.9,52; Ef 5.18).

O Espírito Santo já foi derramado, segundo a palavra profética de Joel 2.28-32, mas não ainda na sua plenitude. Todos os sinais sobrenaturais mencionados na referida profecia, bem como no texto paralelo de Atos 2.16-21, ainda não se cumpriram em plenitude. Também em Joel 2.28, diz Deus: “derramarei o meu Espírito”, enquanto em Atos 2.17, o mesmo Deus diz: “derramarei do meu Espírito”. Pequenas palavras com grande significado e alcance nos desígnios divinos.

1.2 - CONCEPÇÕES ERRÔNEAS

Muitos crentes não tem recebido o batismo com o Espírito Santo por não entenderem claramente a doutrina do batismo com o Espírito Santo. Algumas das concepções erradas são:

1) Pensam que o batismo é o mesmo que salvação. Mas o batismo com o (ou “no”) Espírito Santo não é a salvação. A salvação é uma milagrosa transformação que se efetua na alma e na vida da pessoa que, pela fé, recebe Jesus Cristo como seu Salvador. Sua origem está na graça de Deus (Rm 3.24; Tt 2.11). Seu fundamento é o sangue de Jesus Cristo (Rm 3.25; 1 Jo 2.2). Seu meio de recepção ou apropriação é a nossa fé em Cristo (At 16.31; Ef 2.8).

Os discípulos de Jesus que foram batizados com o Espírito Santo no dia de Pentecostes já eram salvos, como já mostramos. Na conversão, recebemos vida de Deus; no batismo com o Espírito recebemos poder de Deus.

2) Acreditam que o batismo é a habitação do Espírito no crente. Porém, o batismo não é a habitação interior do Espírito em nós. Na habitação, Ele está dentro; no batismo, Ele enche em plenitude. É uma experiência indizível; indescritível; por isso, cada filho de Deus deve usufruir esta experiência!

3) Confundem o batismo com a santificação. No entanto, o batismo com o Espírito Santo não é a santificação do crente. A santificação posicional é, a um só tempo, instantânea e

completa, no momento do milagre da nossa regeneração. É a nossa santificação objetiva, “em Cristo” (Hb 10.10). Também não é a santificação subjetiva e progressiva na nossa vida cristã diária neste mundo (Hb 10.14). Aqui diz a Palavra literalmente: “os que estão sendo santificados”, como na Versão ARA.

1.3 - O QUE É O BATISMO COM O ESPÍRITO

É um revestimento e derramamento de poder do Alto, com a evidência física inicial de línguas estranhas, conforme o Espírito Santo concede, pela instrumentalidade do Senhor Jesus, para o ingresso do crente numa vida de mais profunda adoração e eficiente serviço para Deus (Lc 24.49; At 1.8; 10.46. 1Co14.15,26).

Já o batismo “do” Espírito, como vemos em 1 Coríntios 12.13, Gálatas 3.27 e Efésios 4.5, trata-se de um batismo figurado, apesar de ser real. Todos aqueles que experimentam o novo nascimento, que é também efetuado pelo Espírito Santo (Jo 3.5), são por Ele imersos, batizados, feitos participantes do corpo místico de Cristo, que é a sua Igreja, no sentido universal (Hb 12.23; 1Co12.12ss).

Nesse sentido, todos os salvos são batizados pelo Espírito Santo. Já quanto ao batismo com o Espírito, conquanto seja para todos os salvos, nem todos são batizados. A Escritura Sagrada, ao tratar de Israel como o povo escolhido de Deus da antiga dispensação, declara: “E todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar” (1Co10.2). “Batizados em Moisés” tem o sentido de “para unirem-se a Moisés”; “para pertencerem a Moisés”.

O grandioso milagre da travessia de Israel pelo meio do mar, com a presença da nuvem divina protetora no alto, separou aquele povo como um corpo. O mar era ali algo material, mas a nuvem divina era sobrenatural. Em 1 Coríntios 10.2, na expressão “batizados em Moisés”, a partícula original é eis, que significa: “para ingressarem, unirem-se, pertencerem a”.

Certas denominações, por desconhecerem ou rejeitarem o batismo com o Espírito Santo conforme Atos 1.5 e 2.4,

confundem-no com esse batismo de que estamos tratando. A evidência física inicial do precioso batismo com o Espírito são as línguas estranhas sobrenaturais conforme o Espírito conceder (At 2.4; Mc 16.17).

Embora o batismo seja um dom, uma dádiva de Deus para seus filhos (At 2.38,29), ele precede os dons espirituais mencionados nas epístolas, principalmente em 1 Coríntios 12.1-11.

Jesus empregou o termo “batismo” ao referir-se ao ato do batismo com o Espírito Santo (At 1.5; 11.16). João Batista, o precursor de Jesus, homem cheio do Espírito, também se referiu ao batismo com o Espírito mediante o termo “batismo” (Mt 3.11; Mc 1.8).

1.3.1 – COMO RECEBER O BATISMO NO ESPÍRITO

Em todo batismo tem de haver três condições para que esse ato se realize: 1) um candidato a ser batizado; 2) um batizador do candidato; e 3) um elemento ou meio em que o candidato vai ser imerso. No batismo de que estamos tratando — o batismo com o Espírito Santo —, o candidato é o crente; o batizador é o Senhor Jesus; e o elemento ou meio em que o candidato é imerso é o Espírito Santo.

O batismo com o Espírito Santo, a um só tempo, é:

- 1) Uma ditosa promessa da parte de Deus — “a promessa do Pai” (At 1.4).
- 2) Uma dádiva celestial inestimável — “o dom do Espírito Santo” (At 2.38).
- 3) Uma imersão do crente no espiritual e sobrenatural de Deus — “sereis batizados com o Espírito Santo” (At 1.5). A partícula original desta referência também permite a tradução “batizados no Espírito Santo”.
- 4) Um revestimento de poder do Alto (Lc 24.49). É como alguém, estando já vestido espiritualmente, ser revestido de poder do céu. O termo “revestido”, no original, conduz essa idéia.

1.3.2 - AS LÍNGUAS ESTRANHAS

Por meio das línguas estranhas, o crente edifica-se a si mesmo, espiritualmente (1Co14.4). Línguas da parte do Espírito é o único dos dons, do qual está escrito que edifica o seu portador. Os demais dons edificam a igreja. Daí o apóstolo Paulo tanto falar em línguas em suas devoções pessoais diante de Deus (1Co 14.18). Leia também o versículo 39.

As línguas são apresentadas na Bíblia como um meio de o crente falar a Deus. Isto é, falar “a” Deus na dimensão do Espírito Santo, “em linha direta” (1Co14.2). Também em línguas, pelo Espírito, “falar das maravilhas de Deus” (At 2.11). Elas também são um meio de o crente, em seu espírito, orar a Deus, e também interceder, na dimensão do Espírito Santo (1Co14.14,15; Rm 8.26; Ef 6.18; Jd v.20).

Por meio das línguas, o crente louva e adora a Deus, inclusive cantando, dando graças a Deus (1Co14.15-17; Ef 5.19), falando de suas grandezas e magnificando a Deus (At 2.11; 10.46).

De acordo com 1 Coríntios 14.21,22, as línguas são também um “sinal” para os descrentes: “sinal para os infiéis”. Leia também Isaías 28.11.

As línguas são, ainda, apresentadas nas Escrituras como dom do Espírito Santo: dom de “variedade de línguas” e dom de “interpretação das línguas” (1Co12.10,28,30; 14.5,13,26-28).

Como receber o batismo com o Espírito. À luz da Palavra de Deus, o batismo com o Espírito Santo é para pessoas de qualquer nação ou “toda carne” (At 2.17); de ambos os sexos ou “filhos e filhas” (At 2.17); de qualquer idade ou “vossos mancebos e vossos velhos” (At 2.17); de qualquer camada social ou “os meus servos e as minhas servas” (At 2.18).

Enfim, o batismo no Espírito é para os judeus, o povo escolhido por Deus (At 1.13,14); os samaritanos, o povo misto e menosprezado (At 8.17); os romanos, o povo tido como autossuficiente (At 10.44-46); os gregos, povos gentílicos (At 19.6);

e para os anônimos e desconhecidos — dos quase 120 irmãos batizados com o Espírito Santo no dia de Pentecostes, somente doze deles são mencionados por nome (At 1.13-15). Os demais não são nominados.

O batismo é para quem já tem o Espírito Santo: “habita convosco” (Jo 14.17); “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20.22). E também a “tantos quantos Deus nosso Senhor chamar” (At 2.39).

Sendo o candidato já salvo, o batismo com o Espírito Santo é para quem já é salvo. Os discípulos, ao serem batizados no dia de Pentecostes, já tinham os seus nomes escritos no céu (Lc 10.20); já eram limpos diante de Deus (Jo 15.3); já tinham em si vida espiritual, assim como o galho da videira está unido ao tronco (Jo 15.4,5,16); já tinham sido por Cristo enviados para o seu trabalho, dotados de poder divino (Mt 10.1; Lc 9.1,2; 10.19).

É preciso crer com convicção na promessa divina do batismo. O batismo é chamado “a promessa do Pai” (Lc 24.49; At 1.4; 2.16,32,33). É somente pela fé em Cristo que recebemos o batismo (Gl 3.14). Não é por mérito, haja vista ser um dom, uma dádiva de Deus para seus filhos.

Buscando o batismo com sede, em oração (At 1.4,14; Jo 7.37-39; Lc 11.13). Adorando a Deus com perseverança. Louvando sempre a Deus. Bendizendo ao Senhor. Alegando-se em Deus. Assim fizeram os candidatos antes do derramamento do Espírito, no dia de Pentecostes (Lc 24.52,53). Vivendo em obediência à vontade do Senhor (At 5.32). Para você que busca o batismo, há alguma área da sua vida não submissa totalmente a Cristo?

Cuidando o crente da sua espiritualidade. Em João 15.2, Jesus disse: “Limpa toda aquela que dá fruto”. É o crente separando-se do mundo quanto à sua iniquidade e pecados — “o mundo não pode receber”, disse Jesus, referindo-se ao Espírito Santo (Jo 14.17).

Perseverando em unidade fraternal. Isso também eles fizeram antes de receberem o poder do Espírito (At 1.14).

1.4 - OS RESULTADOS DO BATISMO COM O ESPÍRITO

Os resultados e efeitos desse glorioso batismo em nossa vida são muitos. Citaremos apenas alguns, haja vista as limitações de espaço desta obra.

- 1) Edificação espiritual pessoal, mediante o cultivo das línguas estranhas (1Co14.4,15). Edificar, como está na Bíblia, não é exatamente o mesmo que construir. Paulo foi tão grandemente edificado na sua vida cristã em geral e como obreiro, pelo muito que o Espírito operou nele mediante as línguas (1Co14.18). Línguas não faladas em público, mas consigo e com Deus.
- 2) Maior dinamismo espiritual, mais disposição e maior coragem na vida cristã para testemunhar de Cristo e proclamar o evangelho; para efetuar o trabalho do Senhor. Compare, nesse sentido, os discípulos de Jesus, antes e depois do batismo com o Espírito Santo, como foi o caso de Pedro — compare Marcos 14.66-72 com Atos 4.6-20.
- 3) Um maior desejo e resolução para orar e para interceder (At 2.42; 3.1; 4.24-31; 6.4; 10.9; Rm 8.26).
- 4) Uma maior glorificação do nome do Senhor “em espírito e em verdade” (Jo 4.24), nos atos e na vida do crente (Jo 16.13,14).
- 5) Uma maior consciência de que Deus é o nosso Pai celeste, e que nós somos seus filhos (Rm 8.15,16; Gl 4.6).
- 6) O batismo é também um meio para a outorga por Deus, dos dons espirituais — “falavam línguas e profetizavam” (At 19.6).

O derramamento do Espírito sobre o crente é chamado de batismo (At 1.5; Mt 3.11). Em todo batismo, como já vimos, tem de haver três condições: o candidato a ser batizado, o batizador e o elemento em que o candidato vai ser imerso. No batismo “com o” ou “no” Espírito Santo, o candidato é o crente; o batizador, o Senhor Jesus; e o elemento ou o meio em que o crente é imerso, o Espírito Santo.

Há diferença entre ser cheio do Espírito Santo e ser batizado com o Espírito Santo. Uma garrafa pode estar cheia de água, e não “batizada” em água. Ela estará cheia de água e

“batizada” quando estiver cheia de água e imersa em água (cf. Dt 34.9; Mq 3.8; Lc 1.67).

Quanto à passagem de João 20.22, é preciso esclarecer que ali Jesus não se referiu ao batismo pentecostal. Faz-se, pois, necessária uma abordagem aqui de três diferentes sopros divinos vistos nas Escrituras. O primeiro vivificou e animou o homem material, Adão (Gn 2.7). O segundo vivificou e animou o homem espiritual, o crente (Jo 20.22). O terceiro sopro da parte de Deus, o batismo pentecostal, capacita o crente para o serviço do Senhor (At 1.8).

O primeiro homem — o homem natural, adâmico — teve uma vocação terrena (1Co15.47); o novo homem, criado em Cristo ressurreto, tem uma vocação especial, celestial, santificante (Hb 3.1; Ef 4.24). Portanto, como homens espirituais, necessitamos desse sobreexcelente e indispensável poder derramado sobre a igreja, e a promessa desse derramamento do Espírito é extensiva a todos nós.

Se você ainda não é batizado com o Espírito Santo, busca incessantemente essa gloriosa dádiva celestial. Mas, se você já o é, atente para o que diz a Palavra de Deus, em 1 Coríntios 14.1: “Segui a caridade e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar”.

II - OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

O grande pregador e pastor inglês C.H.Spurgeon, em um dos seus escritos relata a história de uma velhinha que morava numa instituição para idosos pobres que ele certo dia visitou. Nos pertences dessa senhora foi encontrado um documento bancário antigo, que lhe fora entregue como lembrança por alguém muito rico. Com permissão da velhinha, o pastor Spurgeon levou o documento a um banco e ficou sabendo que se tratava de uma elevada quantia suficiente para aquela senhora viver muito bem pelo resto da vida.

Partindo desse fato, Spurgeon concluiu que muitos crentes vivem em estado de grande pobreza espiritual por ignorarem as infinitas riquezas espirituais que estão a seu dispor, em Cristo, se as buscarem, conforme lemos em Efésios 3.8. Neste contexto, está a riqueza dos dons espirituais. Daí São Paulo escrever aos coríntios: “Acerca dos dons espirituais, não quero irmãos que sejais ignorantes” (1Co12.1).

A igreja da atualidade precisa mais e mais conhecer, buscar, receber e exercitar a provisão divina imensurável que há nos dons espirituais, para o seu contínuo avanço, edificação, consolidação e vitória contra as hostes infernais, e, ao mesmo tempo, glorificar muito mais a Cristo.

2.1 - PRINCÍPIOS DOUTRINÁRIOS

Pelo menos dois princípios devem ficar bem patentes aqui, concernentes aos dons espirituais:

- 1) Uma pessoa que recebeu do Senhor dons do Espírito não significa que ela alcançou um estado de perfeição e que é merecedora das bênçãos de Deus. As manifestações e operações do Espírito Santo por meio de um crente jamais devem ser motivo de orgulho, seja ele quem for.
- 2) Assim como o crente não é salvo pelas obras, mas tão-somente pela graça divina (Ef 2.8; Tt 3.5), assim também os dons do Espírito Santo nos são concedidos pela graça de Deus para que ninguém se engrandeça — “segundo a graça” (Rm 12.6).

Na igreja de Corinto, certos crentes imaturos receberam dons espirituais e se descuidaram de crescer na fé e na doutrina. Problemas surgiram daí, afetando toda aquela igreja.

2.2 - DEFINIÇÃO DOS DONS

Em seu sentido geral, o termo “dom” tem mais de um emprego. Há os dons naturais, também vindos de Deus na criação, na natureza: a água, a luz, o ar, o fogo, a vida, a saúde, a flora, a

fauna, os alimentos, etc. Há também os dons por Deus concedidos na esfera humana: os talentos, os dotes, as aptidões, as prendas, as virtudes, as qualidades, as vocações inatas, etc.

O dom espiritual é uma dotação ou concessão especial e sobrenatural pelo Espírito Santo, de capacidade divina sobre o crente, para serviço especial na execução dos propósitos divinos para e através da Igreja. “São como que faculdades da Pessoa divina operando no ser humano” (Horton). Dons espirituais como aqui estudados não são simplesmente dons humanos aprimorados e abençoados por Deus.

Foi a poderosa e abundante operação dos dons do Espírito que promoveu a expansão da igreja primitiva como se vê no livro de Atos dos Apóstolos e nas Epístolas. Foi dotada de dons espirituais que a igreja de então continuou crescendo sem parar e triunfando, apesar das limitações da época, da oposição e das perseguições. A obra missionária também avançou celeremente como fogo em campo aberto.

As principais passagens sobre os dons espirituais são sete: 1 Coríntios 12.1-11,28-31; 13; 14; Romanos 12.6-8; Efésios 4.7-16; Hebreus 2.4; e Pedro 4.10,11. Além destas referências, há muitos outros textos isolados através da Bíblia sobre o assunto.

Termos designadores dos dons. Abordaremos a partir de agora os cinco principais termos bíblicos designadores dos dons. Estes termos descrevem a natureza dos dons.

1) Pneumatika (1Co12.1). Os críticos e opositores dos dons alegam que, no original, aqui, não consta a palavra “dom”. Não consta neste versículo, mas consta a seguir, em 1 Coríntios 12 e nos capítulos seguintes. O referido termo refere-se às manifestações sobrenaturais da parte do Espírito Santo através dos dons (cf. 1Co12.7; 14.1).

2) Charismata (1Co12.4; Rm 12.6). Falam da graça subsequente de Deus em todos os tempos e aspectos da salvação.

- 3) **Diakonai** (1Co12.5). Isso fala de serviço, trabalho e ministério prático. São ministrações sobrenaturais do Espírito através dos membros da igreja como um corpo (1Co12.12-27).
- 4) **Energemata** (1Co12.6). Isto é, os dons são operações diretas do poder de Deus para a realização de seus propósitos e para abençoar o povo (cf. vv.9,10).
- 5) **Phanerosis** (1Co12.7). Os dons são sobrenaturais da parte de Deus; mas, conforme o sentido do termo original, aqui, eles operam igualmente na esfera do natural, do tangível, do sensível, do visível.

III - DONS DE MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO

Vamos agora classificar ou agrupar os dons com o objetivo de entender melhor o assunto. A primeira classificação é a dos dons de manifestação do Espírito em número de nove, conforme 1 Coríntios 12.8-10. Esses dons são formas de capacitação sobrenatural de pessoas, para a “edificação do corpo de Cristo” como um todo, e também para a bem-aventurança de seus membros, individualmente (vv.3-5,12,17,26).

Os capítulos 12 a 14 de 1 Coríntios têm a ver com esses maravilhosos dons. Eles são de atuação eventual, inesperada e imprevista (quanto ao portador do dom), tudo dependendo da soberania de Deus na operação dos dons. Esses dons manifestam o saber de Deus, o poder de Deus e a mensagem de Deus.

Dons que manifestam o saber de Deus (1Co12.8-10). Esses dons manifestam a multiforme sabedoria de Deus:

- 1) **A palavra da sabedoria** (v.8). É um dom de manifestação da sabedoria sobrenatural, pelo Espírito Santo. É um dom altamente necessário no governo da igreja, pastoreio, administração, liderança, direção de qualquer encargo na igreja e nas suas instituições.
- 2) **A palavra da ciência** (v.8). “Ciência” equivale, aqui, a “conhecimento”. É um dom de manifestação de conhecimento

sobrenatural pelo Espírito Santo; de fatos, de causas, de ensinamentos, de ensinadores, etc.

3) O dom de discernir os espíritos (v.10). No original, os dois termos que designam este dom estão no plural. É um dom de conhecimento e de revelação sobrenaturais pelo Espírito Santo. É um dom de proteção divina para não sermos enganados e prejudicados por Satanás e seus demônios, e também pelos homens. Uma das principais atividades de Satanás é enganar (Ap 12.9; 20.8,10; 1Tm 4.1). Os homens também enganam (Ef 4.14; 1 Jo 2.26; 2 Jo v.7). Líderes em geral — inclusive de música —, pastores, evangelistas, mestres, precisam muito deste dom para não serem enganados.

Dons que manifestam o poder de Deus (1Co12.9,10).
Esses dons manifestam a poder dinâmico de Deus:

1) A fé (v.9). É um dom de manifestação de poder sobrenatural pelo Espírito Santo. Superação e eliminação de obstáculos, sejam quais forem, e de impedimentos; liberação do poder de Deus; intercessão. Não se trata aqui da fé no seu sentido salvífico (Ef 2.8); ou fé como fruto do Espírito (Gl 5.22); ou fé significando o corpo de doutrinas bíblicas (Gl 1.23); ou fé como o aspecto puramente espiritual da vida cristã (2Co13.5). Trata-se da fé chamada “fé especial”, “fé miraculosa”. Este dom opera também em conjunto com vários outros dons.

2) Os dons de curar. Ou “dons de curas”, literalmente (v.9). Isto é, este dom é multiforme na sua constituição e na sua operação. É uma sublime mensagem para os enfermos, não importando a sua doença. São dons de manifestação de poder sobrenatural pelo Espírito Santo para a cura das doenças e enfermidades do corpo, da alma e do espírito, para crentes e descrentes.

Esses “dons de curas” operam de várias maneiras: através da Palavra; através de outro dom; uma palavra de ordem; um olhar; mãos, etc. Os dons de curas abrangem o ser humano em sua totalidade; já o dom da fé, além do ser humano, abrange tudo mais, conforme os planos e propósitos de Deus.

3) A operação de maravilhas (v.10). No original, os dois termos que designam este dom estão no plural: “operações de maravilhas”. São operações de milagres extraordinários, surpreendentes, pasmosos; prodígios espantosos pelo poder de Deus, para despertar e converter incrédulos, céticos, oponentes, crentes duvidosos. Leia João 6; Atos 8.6,13; 19.11; e Josué 10.12-14.

Dons que manifestam a mensagem de Deus (1Co12.10). Esses dons manifestam a mensagem da parte de Deus, poderosa, vivificante, criativa, edificante e consoladora (É em torno desses três últimos dons que ocorre mais falta de disciplina e de ordem nas igrejas, como também ocorreu em Corinto.):

1) A profecia (v.10). É um dom de manifestação sobrenatural de mensagem verbal pelo Espírito, para “edificação, exortação e consolação” do povo de Deus (1Co14.3). É um dom necessário a todos os que ministram a Palavra; que trabalham com a Palavra (cf. Lc 1.2b; 1Tm 5.7). O grau da profecia na igreja hoje não é o mesmo da “profecia da Escritura” (2 Pe 1.20), que é infalível — a profecia da Bíblia.

A profecia na igreja deve ser julgada, pois o seu grau não é o mesmo do das profecias do texto bíblico. De fato, a Bíblia declara: “Em parte profetizamos” (1Co13.9). A profecia da igreja está sujeita a falhas por parte do profeta; daí a recomendação bíblica de 1 Coríntios 14.29: “E falem dois ou três profetas, e os outros julguem”.

Por que a profecia é denominada o principal dom, conforme 1 Coríntios 13.2 e 14.1,5,39? Porque a profecia edifica a igreja como um corpo, e não apenas como indivíduos. Também porque a profecia é um meio de expressão de muitos dons (1Tm 4.14a). A maior parte do tempo do culto deve ser para a ministração da Palavra de Deus, e não para a profecia, conquanto seja esta tão importante (1Co14.29).

2) A variedade de línguas (v.10). É um dom de expressão plural, como indica o seu título. É um milagre linguístico sobrenatural.

Nem todos os crentes batizados com o Espírito Santo recebem este dom (1Co12.30). Já as línguas como evidência física inicial do batismo, todos os batizados no Espírito Santo as falam.

As mensagens em línguas mediante este dom devem ser interpretadas para que a igreja receba edificação (1Co14.5,27). O crente portador deste dom, ao falar em línguas perante a congregação, não havendo intérprete por Deus suscitado, deve este crente falar somente “consigo e com Deus” (1Co14.4,28), isto é, falar em silêncio.

3) A interpretação das línguas (v.10). É um dom de manifestação de mensagem verbal, sobrenatural, pelo Espírito Santo. Não se trata de “tradução de línguas”, mas de “interpretação de línguas”. Tradução tem a ver com palavras em si; interpretação tem a ver com mensagem. As línguas estranhas como dom espiritual, quando interpretadas, assemelham-se ao dom de profecia, mas não são a mesma coisa. O dom de interpretação é um dom em si mesmo, e não uma duplicação do dom de profecia (cf. 1Co12.10,30; 14.5,13,26-28).

IV - DONS DE MINISTÉRIOS PRÁTICOS

São administrações de serviços práticos, individuais e em grupo (Rm 12.6-8; 1Co12.28-30). Nestas passagens, eles aparecem juntamente com os demais dons espirituais, e sob o mesmo título original charismata — “dons da graça”. São dons de ministração residentes no portador, pela natureza de sua finalidade junto às pessoas ou grupos: assistência, serviço, socorro, auxílio, amparo, provisão. São dons residentes nos seus portadores, pela natureza e objetivos de sua ação.

Estes dons têm sido pouco estudados na igreja. Daí os equívocos e dúvidas existentes. São da mesma natureza espiritual e sobrenatural dos demais dons da graça de Deus. A Bíblia os coloca em conjunto com os demais dons (1Co12.28). Ela usa para esses dons o mesmo termo original empregado para os dons de 1 Coríntios 12.4-10: charismata (Rm 12.6-8).

- ↪ **Ministério** (Rm 12.7). Minистраção, servir, prestar serviço material e espiritual, sem primeiramente esperar recompensa, reconhecimento, retribuição, remuneração, com motivação e capacitação mediante este dom. É servir capacitado sobrenaturalmente pelo Espírito.
- ↪ **Ensinar** (Rm 12.7). Ensinar no sentido didático, como deixa claro o original. É o dom espiritual de ensinar, tanto na teoria, como na prática; ensinar fazendo; ensinar a fazer; ensinar a entender; treinar outros. Educar no sentido técnico desta palavra. Não confundir com o ministério do ensino, que tem a ver com ministros do evangelho, segundo Efésios 4.11 e Atos 13.1 (“profetas e mestres”).
- ↪ **Exortar** (Rm 12.8). Exortar, aqui, é como dom: ajudar, assistir, encorajar, animar, consolar, unir pessoas separadas, admoestar.
- ↪ **Repartir** (Rm 12.8). O sentido no original é dar generosamente, doar, oferecer, distribuir aos necessitados em primeiramente esperar recompensa ou reconhecimento, movido pelo Espírito Santo. Este dom ocupa-se da benevolência, beneficência, humanitarismo, filantropia, altruísmo.
- ↪ **Presidir** (Rm 12.8). É conduzir, dirigir, organizar, liderar, governar, orientar com segurança, conhecimento, sabedoria e discernimento espiritual. Isso em se tratando de igreja, congregação, instituição, etc. Para alguém presidir desta maneira, só mesmo tendo de Deus este dom! A tendência natural de quem lidera e preside é ser duro, dominar pela força, ser insensível.
- ↪ **Exercitar misericórdia** (Rm 12.8). Este dom refere-se a assistência aos sofredores, necessitados, carentes; fracos, enfermos, presos, visitaçào, compaixão.
- ↪ **Socorros** (1Co12.28). Literalmente “achegar-se para socorrer”. É o caso de enfermos, exaustos, famintos, órfãos, viúvas, etc.
- ↪ **Governos** (1Co12.28). É um dom plural no seu exercício. É dirigir, guiar e conduzir com segurança e destreza. O termo original sugere pilotar uma embarcação com segurança, destreza e responsabilidade.

V - DONS MINISTERIAIS

Esses dons são enumerados em Efésios 4.11 e 1 Coríntios 12.28, 29, a saber: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores, doutores ou mestres.

Alvos e resultados dos dons espirituais. De acordo com 1 Coríntios 12.7, “a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil”. Vejamos quais são os alvos e resultados dos dons espirituais:

- 1) A glorificação do Senhor Jesus em escala muito além da natural e humana (Jo 16.14).
- 2) A confirmação da Palavra de Deus anunciada, pregada e ensinada (Mc 16.17-20; Hb 2.3,4).
- 3) O crescimento constante e real, em quantidade e qualidade, da obra de Deus na igreja, na evangelização e nas missões (At 6.7; 19.20; 9.31; Rm 15.19).
- 4) A “edificação” espiritual da igreja de Deus como um corpo e como membros individualmente (1Co12.12-27). Jesus afirmou: “Eu edificarei a minha igreja” (Mc 16.18), mas na ocasião Ele não disse como ia edificar. Mas em Atos e nas Epístolas vemos que é em parte através desses dons divinos de que estamos a tratar.
- 5) O aperfeiçoamento dos santos (Ef 4.11,12). Isso jamais é possível por parte do homem, ou das coisas desta vida, mas é possível para Deus (cf. Lc 18.27).

O exercício dos dons do Espírito. Toda energia e poder sem controle é desastroso. Estudando 1 Coríntios 14.26,32,33 e 40, vemos que Deus nos concede dons, mas não é responsável pelo mau uso deles, por desobediência do portador à doutrina bíblica, ou por ignorância desta. A eletricidade quando domada nas subestações, torna-se apropriada ao consumo doméstico, mas nas linhas de alta tensão é letal e destruidora. Também não adianta ter um bom freio no carro sem o seu potente motor, como muitos fazem nas igrejas mornas, frias e secas. Elas têm freio e direção no “carro”, porém falta-lhes o ativo e poderoso motor.

O uso dos dons na igreja deve ser regulado e equilibrado pela Palavra de Deus, corretamente entendida, interpretada e aplicada. A Palavra e o Espírito interpenetram-se e combinam-se em sua operação conjunta na igreja. A Palavra é a espada do Espírito, e o Espírito interpreta e emprega a Palavra.

Na igreja, a predominância da doutrina do Senhor corrige erros, evita confusão e repara estragos. Ela, quando ensinada e aplicada, neutraliza o fanatismo, que é zelo religioso sem entendimento — são exageros, práticas antibíblicas, emocionalismo, gritaria e outros desmandos. Por sua vez, quando o Espírito predomina, neutraliza o formalismo, que é excesso de regras, regulamentos, legalismo, rotina religiosa, formalidades secas e enjoativas, mornidão, fórmulas, ritos e coisas assim.

Quem recebe os dons de Deus, a primeira coisa a fazer é procurar conhecer o que a Palavra ensina sobre o exercício deles. Em Corinto havia abuso dos dons, enquanto em Tessalônica havia carência deles, por tanto refreio. É de pasmar em nossas igrejas a carência da doutrina bíblica sobre essas manifestações do Espírito — os dons espirituais. O resultado disso aí está em muitos lugares: fanatismo, práticas antibíblicas, meninices, confusão, escândalo e desonra para o evangelho que pregamos.

No exercício dos dons e de outras manifestações do Espírito Santo, ninguém que aja desordenadamente e cause confusão, venha a dizer que está agindo assim por direção do Espírito Santo. Ele não é o autor de tais coisas!

Responsabilidade quanto aos dons. É preciso haver responsabilidade quanto aos dons, a fim de que não haja mau uso deles.

- 1) Conhecer os dons. “Acerca dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes” (1Co12.1).
- 2) Buscar os dons. “Procurai com zelo os melhores dons” (1Co12.31).
- 3) Zelar pelos dons. “Procurai com zelo os dos espirituais” (1Co14.1).

- 4) Ser abundante nos dons. “Procurai sobejar neles, para a edificação da igreja” (1Co14.12).
- 5) Ter autodisciplina nos dons. “E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas” (1Co14.32).
- 6) Ter decência e ordem no exercício dos dons. “Mas faça-se tudo decentemente e com ordem” (1Co14.40).

Portanto, poder, sinais, curas, libertação e maravilhas devem caracterizar um genuíno avivamento pleno de renovação espiritual e pentecostal. No entanto, deve ser livre de escândalos, engano, falsificação, mas dentro da decência e da ordem que a Palavra de Deus preceitua (1Co14.26-40).

VI - A PLENITUDE DO ESPÍRITO SANTO

A recomendação da Bíblia aos crentes pentecostais é: “Não vos embriagueis com vinho em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito” (Ef 5.18).

“Enchei-vos do Espírito”. O verbo traduzido por “enchei-vos” traz no original quatro lições importantes:

- 1) É um imperativo — pois se trata de uma ordem.
- 2) Está no plural — por isso, aplica-se a todos os crentes.
- 3) Está na voz passiva — o que significa que a ação de estarmos cheios do Espírito é atribuição dEle.
- 4) Está no tempo presente contínuo — isto é, designa uma ação constante, contínua, perene. Portanto, pode ser traduzido como “Deixai-vos encher continuamente do Espírito”.

Enchendo-nos continuamente do Espírito para cultuar a Deus. Os crentes de Éfeso só poderiam continuar enchendo-se do Espírito, se já estivessem cheios dEle anteriormente. Na verdade, eles já haviam sido batizados com o Espírito, conforme Atos 19.1-7. Quando o crente é cheio e se mantém renovado pelo Espírito Santo, o culto cristão é caracterizado por: “salmos, e hinos, e cânticos espirituais” (Ef 5.19).

O fruto do Espírito. Em 1 Coríntios 2.14—3.3, vemos que Deus divide toda a humanidade em três grupos de pessoas. Apenas três, e isso no sentido espiritual: (1) o homem natural, literalmente controlado pela sua alma (2.14); (2) o homem espiritual, literalmente controlado pelo Espírito Santo (2.15); e (3) o homem carnal, controlado, literalmente, pela sua natureza carnal (3.3). Ninguém escapa dessa classificação divina. Todos nós somos um desses “homens”. Identifique-se!

O homem natural não é salvo. É irregenerado. É chamado de “natural” porque vive segundo a natureza adâmica, decaída. O homem espiritual é aquele que o Espírito Santo governa e rege seu espírito, sua alma e seu corpo. Nele, o seu “eu”, pela fé em Cristo, está morto, crucificado (Rm 6.11; Gl 2.19,20).

Já o homem carnal, na conceituação bíblica, é o crente espiritualmente imaturo e que assim continua através da vida — “meninos em Cristo” (1Co3.1). A vida do crente carnal é mista, dividida, fracassada. Esse crente vive em conflito interior entre a sua natureza humana e a divina, sendo a sua alma o campo de batalha (cf. Gl 5.13-26).

O homem espiritual é o crente cheio do Espírito Santo, isto é, aquele em cuja vida o fruto do Espírito tem amadurecido (Gl 5.22,23; Ef 5.9; Jo 15.1-8, 16). A evidência de que alguém continua cheio do Espírito é a manifestação do fruto do Espírito de Deus em sua vida (Mt 3.8; 7.20).

Se um cristão afirma ser nascido de novo, mas seu modo de viver dentro e fora da igreja desmente o que afirma, isso é uma contradição, um escândalo e uma pedra de tropeço para os descrentes e os cristãos mais fracos. É pela sua habitação e presença permanente no crente, regendo-o em tudo, que o Espírito produz o seu fruto, como descrito em Gálatas 5.22.

VII - PECADOS CONTRA O ESPÍRITO SANTO

Os pecados contra o Espírito Santo são contra a santidade. Ele é o Espírito Santo; o espírito que nos santifica. Ele é

muito sensível; é tanto que é simbolizado pela pomba. O único pecado imperdoável só pode ser cometido contra Ele; não contra o Deus Pai, nem contra o Deus Filho. Isso deve nos servir de alerta quanto ao pecado!

Há seis principais pecados contra o Espírito Santo; que consistem em palavras, atitudes e atos. Entre os pecados por palavras, acham-se as afrontas verbais e as blasfêmias. As atitudes e os atos constam da resistência ao Espírito, e da recusa contínua de se cumprir a vontade de Deus.

7.1 - RESISTIR AO ESPÍRITO SANTO

A resistência ao Espírito é o pecado inicial que se comete contra o Consolador (At 7.51). É dizer “não” continuamente ao convite da salvação; recusar ouvir e ler a Palavra de Deus; recusar os impulsos interiores do Espírito Santo dentro de nós (orar, testemunhar, apartar-se do mal).

Resistir ao Espírito é também rebelar-se contra a autoridade divina (Is 63.10). Não só a direta, que é rara na Bíblia: mas a autoridade divina indireta, isto é, delegada por Deus. Esta é a forma predileta de Deus governar entre os homens, através da família (autoridade social); do governo (autoridade civil); e da igreja (autoridade religiosa).

Esse pecado, cometido por incrédulos e crentes, consiste ainda em adiar a decisão de obedecer ao Senhor. É, em resumo, resistir à voz de Deus, de todas as formas. E, uma vez cometida essa ofensa, as demais parecerão de somenos importância, visto que o coração do ofensor, afetado terrivelmente pela iniquidade, considerará o pecado algo comum e corriqueiro.

O pecado de resistir ao Espírito pode ser compreendido pelo modo como Estêvão concluiu seu sermão diante dos anciãos de Israel: “Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e ouvido, vós sempre resistis ao Espírito Santo” (At 7.51). O pecado daqueles homens não era um ato isolado, mas contínuo: resistir “sempre” ao Espírito Santo.

Quem resiste ao Espírito Santo recusa, de forma consciente, a vontade divina transmitida pela terceira Pessoa da Trindade, mediante a Palavra de Deus e por meio de seu trabalho em nossos corações. A palavra “resistir”, empregada por Estêvão, no original, vai além de uma mera resistência. Significa lutar contra; lutar com agonia.

O povo de Israel até hoje sofre as consequências de sua resistência ao Espírito de Deus (1 Ts 2.15,16). Os ouvintes de Estêvão “lutavam” contra o Espírito, empregando naquela peleja todas as suas forças (cf. Zc 7.12; Gn 6.3; Is 30.1; Ne 9.30; Ez 8.3,6). O povo de Deus fez isso por rebeldia contumaz, e o Espírito do Senhor voltou-se contra eles. Que relato terrível e condenatório (Is 63.10)! Você tem resistido ao Espírito Santo?

7.2 - INSULTAR AO ESPÍRITO SANTO

Insultar ou agravar o Espírito Santo é um pecado que consiste em insultar, agravar, ultrajar a terceira Pessoa da Trindade. É rejeitar continuamente a Jesus — isso pode ser uma pessoa, uma família, uma comunidade, uma nação. É um pecado cometido por incrédulos e crentes.

Acostumados com o culto Levítico, e sob perseguição por causa do evangelho de Cristo, os cristãos de origem judaica começaram a deixar a igreja e a retornar ao judaísmo centrado no Templo em Jerusalém. Em Hebreus 10.29, eles são incisivamente exortados a não fazê-lo: “De quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue do testamento, com que foi santificado, e fizer agravo ao Espírito da graça?”

Aqueles irmãos cometeram três horrendos pecados: o de pisar o Filho de Deus; o de ter por comum o sangue da aliança; e o de agravar o Espírito Santo. Agravar, como aqui é empregado, é afrontar, ultrajar, debochar, zombar, injuriar, insultar com desdém.

Quem ultraja ao Espírito rejeita a Palavra de Deus com menosprezo e zombaria, continuamente. Além disso, tem o sangue

redentor de Jesus como coisa sem valor, sem importância; rejeita com desdém e escárnio as ofertas da graça de Deus. Essa recusa ultrajante se deve ao fato de o crente (ou descrente) não valorizar (negligenciar) os dons gratuitos de Deus: o dom da salvação; o dom do Espírito; os dons espirituais.

7.3 - TENTAR O ESPÍRITO SANTO

É pecar conscientemente até quando o Espírito Santo suportar. É um pecado cometido também por incrédulos e crentes. Implica mentir ao Espírito (ora, Ele é a verdade: 1 Jo 5.6); enganar os servos de Deus como congregação, como corpo; e ser hipócrita. O hipócrita devia saber que o Espírito Santo sonda e conhece os corações.

Ananias e Safira cometeram esse pecado; mentiram ao Espírito; enganaram os servos de Deus; e quiseram mostrar-se melhores do que os outros, sem o serem, conforme lemos em Atos 5.1-10.

... Ananias, com Safira, sua mulher, vendeu uma propriedade e reteve parte do preço, sabendo-o também sua mulher; e, levando uma parte, a depositou aos pés dos apóstolos. Disse, então, Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a, não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus (...) Então, Pedro lhe disse [a Safira]: Por que é que entre vós vos concertastes para tentar o Espírito do Senhor? (...) E logo caiu aos seus pés e expirou. E, entrando os jovens, acharam-na morta e a sepultaram junto de seu marido.

A mentira ao Espírito Santo está categoricamente exemplificada na passagem em que Pedro, pelo Espírito Santo, denuncia a mentira de Ananias e Safira: "Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço da herdade?" (At 5.3). Qual é o sentido da

palavra “mentira” aqui? O termo original corresponde a contar uma falsidade como se fosse verdade. Ananias e Safira certamente ensaiaram essa mentira, como pode ser visto no versículo 9.

Quais são as implicações de se mentir ao Espírito Santo? Quem mente ao Espírito Santo, menospreza a sua deidade; Ele é Deus (vv.3,4). Como a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, Ele é onisciente, onipresente e onipotente. Isso significa que o Espírito Santo tudo sabe e tudo conhece. Logo, mentir e tentar o Espírito do Senhor (v.9), é testar a tolerância de Deus, isto é, pecar até enquanto Deus suportar. (cf. Nm 14.22,23; Dt 6.16; Mt 4.7).

7.4 - ENTRISTECER O ESPÍRITO SANTO

Na Epístola aos Efésios, exorta-nos Paulo: “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o Dia da redenção. Toda amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias, e toda malícia seja tirada de entre vós” (Ef 4.30,31).

O que é a tristeza do Espírito Santo? O vocábulo original tem a ver com agravo, dor, aflição, angústia. Diante desta recomendação da Palavra de Deus, um teólogo asseverou: “O Espírito, que faz os homens experimentarem a verdade, é envergonhado quando os santos mentem uns para os outros e têm conversas vãs”.

Entristecer ao Espírito, um pecado cometido por incrédulos e crentes, consiste em fazer tudo aquilo que não agrada ao Espírito de Deus, como ser ingrato para com Deus; ser negligente na vida espiritual; ser esquecido das bênçãos divinas recebidas e das coisas de Deus em geral; ser rebelde, desobediente de modo contínuo para com Deus (cf. Is 63.10); ser mundano, o que implica infidelidade espiritual (Tg 4.5); e ser carnal (Gl 5.16).

O que pode entristecer o Espírito Santo? Mathew Henry responde: “Toda conversação maligna e corrupta, que estimule os desejos pecaminosos e a luxúria, contrista o Espírito Santo”. O Espírito Santo também é entristecido quando,

desprezando a vontade divina, preferimos seguir nossos desejos e ambições; quando o cristão não reverencia a sua presença manifesta e ignora a sua voz; e quando o crente não busca a sua vontade e direção.

É importante considerar aqui os “nãos” divinos constantes de Efésios 4.26-30:

Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira. Não deis lugar ao diabo. Aquele que furtava não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade. Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem. E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o Dia da redenção.

Muitos falsos ensinadores têm afirmado que não existem proibições para os crentes; é proibido proibir. Mas a Palavra de Deus apresenta muitos “nãos”, como:

- 1) “Não pequeis”.
- 2) “Não se ponha o sol sobre a vossa ira”.
- 3) “Não deis lugar ao diabo”.
- 4) “Não furte mais”.
- 5) “Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe”.
- 6) “Não entristeçais o Espírito Santo”.

O Decálogo também consiste de tremendos “nãos” divinos! Será que sabemos ensinar mais do que Deus, que usa “nãos”?

7.5 - APAGAR O ESPÍRITO SANTO

Escrevendo aos crentes de Tessalônica, Paulo exortou-os: “Não extingais o Espírito” (1 Ts 5.19). Como o Espírito Santo é comparado ao fogo, apagar ou extinguir o Espírito é abafar, reprimir, sufocar o calor e a luz provenientes dEle. É, pois, reprimir a voz do Espírito dentro de nós; opor-se à operação dEle em nosso

meio; não se renovar espiritualmente; impedir a sua operação pelo mundanismo, materialismo e humanismo (Mc 4.19; Lc 8.14).

Extinguir o Espírito Santo — um pecado cometido apenas por crentes — é ser fanático religioso; desviar-se para “a direita” (observe que, em Isaías 30.21, o primeiro tipo de desvio para o qual Deus chama atenção é para “a direita”); enfim, é não dar ouvido a Ele, até que a sua voz não seja mais ouvida:

Porém entendeste a tua benignidade sobre eles por muitos anos e protestaste contra eles pelo teu Espírito, pelo ministério dos teus profetas; porém eles não deram ouvidos; pelo que os entregaste na mão dos povos das terras (Ne 9.30).

Por que não entendeis a minha linguagem? Por não poderdes ouvir a minha palavra (Jo 8.43).

O termo traduzido por “extinguir”, referente ao Espírito Santo, tem o sentido colateral de apagar aos poucos uma chama, um fogo que está a arder. Portanto, extinguir o Espírito é agir de modo a impedir, suprimir ou limitar a manifestação do Espírito do Senhor. Quando perdemos o primeiro amor, extinguímos ou apagamos de nossas vidas o Espírito de Cristo (Ap 2.4).

Qual é o perigo de se extinguir o Espírito Santo? A extinção das operações do Espírito Santo na vida da igreja quando não é letal, a adocece e debilita, sem que ninguém o perceba. Mais tarde, resta somente a lembrança do passado quando o fogo do céu ardia. Sempre que for detectada a falta de operações do Espírito Santo em nosso meio, devemos clamar a Deus sem cessar por um avivamento espiritual. A extinção do Espírito Santo leva a igreja à mornidão espiritual (Ap 3.14-22).

O fogo é o grande agente purificador natural, assim como o Espírito Santo é o grande agente purificador divino. Sendo assim, arrume bem a lenha (ponha ordem na vida; coloque a “lenha” em ordem); limpe o local do fogo (tire de sua vida “cinza”,

“areia”, “água”, “coisas estranhas”, como as doutrinas falsas); areje o fogo (sem ar fresco, bom, o fogo se apaga); alimente o fogo (com lenha boa [Pv 26.20], combustível bom, o que é caro; o fogo é sempre bom; a lenha pode ser ruim); e mantenha o equilíbrio do fogo — isso requer “acendedores” e “apagadores” de “ouro puro” (Êx 25.38; 37.23).

7.6 - BLASFÊMIA CONTRA O ESPÍRITO SANTO

Este pecado é cometido por incrédulos (Mt 12.31,32; Mc 8.28-30; Lv 24.11-14). Implica atribuir continuamente os atos divinos a Satanás (cf. Mt 12.24). É a blasfêmia contínua, deliberada, consciente e abusiva contra o Espírito Santo. Trata-se de um “eterno pecado” (Mc 3.29 — cf. rodapé ARC).

O pecado em apreço não pode ser cometido por ignorância (1Tm 1.13); não é cometido mediante uma fraqueza isolada, impensada; torna-se imperdoável, não porque Deus não queira ou não possa perdoar, mas porque o pecador, através desse pecado, afasta para longe de si a única Pessoa, o Espírito Santo, que podia convencê-la do tal pecado.

Encontrava-se o Senhor Jesus numa sinagoga em Cafarnaum, a sua cidade, quando lhe trouxeram um endemoninhado cego e mudo. Jesus por sua compaixão libertou totalmente o homem possesso. Os fariseus alegaram que Ele operara tal milagre pelo poder do chefe dos demônios. Era o cúmulo do pecado deles contra o Espírito Santo (Mt 12.24).

Jesus lhes disse: “Todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens. E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado, mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro” (Mt 12.31,32; Mc 3.28-30; Lc 12.10).

Os adversários de Jesus blasfemavam contra Ele e o Espírito Santo, declarando consciente, proposital e seguidamente que Jesus operava milagres pelo poder de Satanás, o chefe dos

demônios (Mt 9.32-34; 12.22-24; Mc 3.22; Lc 11.14,15). Com essa blasfêmia, eles estavam rejeitando de modo deliberado o Espírito Santo que operava em Jesus, o Messias (Mt 12.28; Lc 4.14-19; Jo 3.34; At 10.38).

A blasfêmia contra o Espírito Santo é imperdoável? O ser humano pode chegar a tal cegueira espiritual a ponto de blasfemar contra o Espírito. Ver Mt 23.16, 17, 19, 24, 26. A blasfêmia contra o Espírito de Deus é a consequência de pecado similares que a precedem, como:

- 1) Rebelar-se e resistir ao Espírito (Is 63.10; At 7.51).
- 2) Abafar e apagar o fogo interior do Espírito (1 Ts 5.19; Gn 6.3; Dt 29.18-21; 1 Ts 4.4).
- 3) O endurecimento total do coração — cauterização da consciência e cegueira total. Chegando o ser humano a este ponto, torna-se réprobo quanto à fé (2Tm 3.8) e passa a chamar o mal de bem e o bem de mal (Is 5.20).

Portanto, a blasfêmia contra o Espírito do Senhor é imperdoável porque sendo Ele o que nos convence do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.7-11), e, que intercede por nós (Rm 8.26,27), é recusado, rejeitado e blasfemado (cf. 1Sm 2.25). Isso porque a obra do Pai e a do Filho estão completas, mas a do Espírito Santo continua até que todos os salvos cheguem ao céu (Ap 22.11)!

CONCLUSÃO

As igrejas somente poderão lograr bom êxito em qualidade e quantidade quando se mantiverem nos padrões da sã doutrina e revestidas do poder do Alto. De poder de baixo (humano, terreno) não temos falta, mas necessitamos sempre do poder do Alto, que põe a igreja em marcha (Lc 24.49).

É impensável um crente ou uma igreja sem o Espírito Santo. Não podemos cometer nenhum pecado contra Ele, a fim de que o mantenhamos conosco e em nós. Se fracassarmos, poderemos comprometer, fatalmente, o nosso destino eterno. Que o Senhor nos ajude a sermos sadios na fé, maduros no

entendimento e zelosos na manutenção da chama do autêntico avivamento espiritual.

ATIVIDADES – LIÇÃO V

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) Há várias promessas de Deus, no Antigo Testamento, do derramamento do seu Espírito sobre o seu povo, mas a principal é a que foi proferida pelo profeta Obadias.
- 2) O privilégio especial do povo de Deus no Novo Testamento, a Igreja, é receber o Espírito Santo: na conversão; no batismo com o Espírito Santo; e, subsequentemente, através da vida cristã.
- 3) Muitos crentes não tem recebido o batismo com o Espírito Santo por pensarem erroneamente que o batismo com o Espírito Santo é o mesmo que salvação.
- 4) O Batismo com o Espírito Santo é um revestimento e derramamento de poder do Alto, com a evidência física inicial falar em línguas estranhas, conforme o Espírito Santo concede, pela instrumentalidade do Senhor Jesus, para o ingresso do crente numa vida de mais profunda adoração e eficiente serviço para Deus.
- 5) Por meio das profecias, o crente louva e adora a Deus, inclusive cantando, dando graças a Deus, falando de suas grandezas e magnificando a Deus.
- 6) O dom espiritual é uma dotação ou concessão especial e sobrenatural pelo Espírito Santo, de capacidade divina sobre o crente, para serviço especial na execução dos propósitos divinos para e através da Igreja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. Confissões, 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ANDRADE, Claudionor Corrêa de. Dicionário Teológico, Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- ANKERBERG, John & WELDON, John. Criação e Evolução. Porto Alegre: Chamada da Meia Noite, 1995.
- AQUINATIS, S. Thomae. Suma Theologiae. Marietti Editori Ltd., 1952, Romae-Italy.
- AQUINO, Tomás de. Suma Teológica, Volume II, São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ARCHER, Gleason. Enciclopédia de Dificuldades Bíblicas. Editora Vida, 1998, São Paulo-SP.
- ARISTÓTELES. Metafísica de Aristóteles, Edición Trilingue (Valentín García Yebra, Editor). Madrid: Editorial Gredos, 1999.
- ARRINGTON, French L. & STRONSTAD, Roger. Comentário Bíblico Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- BALZ, Horst & SCHNEIDER, Gerhard. Diccionario Exegético Del Nuevo Testamento, 2ª. ed., 2 vols. Salamanca, España: Ediciones Sigueme, 2001.
- BANCROFT, E. H. Teologia Elementar, Imprensa Batista Regular, Rio de Janeiro, 1989.
- BAUMGARTNER, Koehler. The Hebrew & Aramaic Lexicon of the Old Testament, 2 vols. Leiden/Boston/Köln: Brill, 2001.
- BERGSTÉN, Eurico. Teologia Sistemática. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1999.
- BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.
- BOTTERWECK, Johannes G. & RINGGREN, Helmer. Theological Dictionary of the Old Testament. Grand Rapids, MI, USA: Eerdmans Publishing Company, 1990.
- BOYD, M. Frank & RIGGS, Ralph M. Manual de Paracletologia. Escola Bíblica Bereana, Instituto Bíblico Pentecostal, Rio de Janeiro-RJ.
-

- CAMPOS, Heber Carlos de. O Ser de Deus e os Seus Atributos, 2ª ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.
- CARLSON, Raumont G. Salvation — What the Bibles Teaches, GPH, MO-USA.
- CHAFER, Lewis Sperry. Teologia Sistemática, 4 vols. São Paulo: Hagnos, 2003.
- CLEAVE, Van & DUFFIELD P. Fundamentos da Teologia Pentecostal, Ed. Pub. Quadrangular.
- CULBERTSON, WILEY. Introdução à Teologia Cristã, São Paulo, SP, Casa Nazarena de Publicações.
- DUFFIELD, Guy P. Fundamentos da Teologia, Vol. I. São Paulo: Quadrangular, 2002.
- ERICKSON, Millard J. Introdução à Teologia Sistemática. Edições Vida Nova, 1ª ed., 1997, reimpressões 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2005, São Paulo-SP.
- EVANS, William. The Great Doctrines of the Bible. Moody Press, Chicago-USA.
- GILBERTO, Antonio. A Bíblia Através dos Séculos. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.
- _____. Manual da Escola Dominical 25ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- _____. O Fruto do Espírito. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- _____. Verdades Pentecostais. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- GRUDEM, W. Manual de Teologia Sistemática. Editora Vida, 1ª. Edição, 2001.
- HANEGRAAF, Hank. Cristianismo em Crise, 1990, Rio de Janeiro, CPAD.
- HODGE, Charles. Teologia Sistemática. HAGNOS, 1ª ed., março de 2001, reimpressão julho de 2001, agosto de 2003, S
- HORDERN, William E. Teologia Contemporânea, Hagnos, São Paulo, SP, 2004.
- HORTON, Stanley M. & MENZIES, William W. Doutrinas bíblicas — uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- HORTON, Stanley M., Teologia Sistemática, Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- _____. A Doutrina do Espírito Santo, Rio de Janeiro, 1993, CPAD.

- KEENER, S. Craig. Comentário Bíblico Atos, Novo Testamento, 2004, Editora Atos Ltda, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- KELLY, J.N.D. Doutrinas Centrais da Fé Cristã, São Paulo, 1994, Edições Vida Nova.
- LACUEVA, Francisco. Curso de Formación Teológica Evangélica II - Un Dios en Tres Personas. Barcelona, España: Editorial Clie, 1993.
- LACY, G.H. Introducción a la Teologia Sistemática, 1886, El Paso, Estados Unidos, Casa Bautista de Publicaciones.
- LANGSTON, A.B. Esboço de Teologia Sistemática. Rio de Janeiro: JUERP, 1977.
- LIÃO, Irineu de. Contra as Heresias. São Paulo: Paulus, 1995.
- MULDER, Chester O. e outros. Comentário Bíblico Beacon. CPAD, 1ª ed., 2005, Rio de Janeiro-RJ.
- MULLER, Richard A. Dictionary of Latin and Greek Theological Terms. Grand Rapids, MI, USA: Baker Book House, 1993.
- NELSON, Wilton M. Nuevo Diccionario Ilustrado de la Biblia. Nashville, TN/ Miami, FL, USA: Editorial Caribe, 1998.
- OLIVEIRA, Raimundo Ferreira de. As Grandes Doutrinas da Bíblia, Rio de Janeiro, 1987, CPAD.
- PACKER, J.I. Teologia Concisa, Editora Cultura Cristã, Campinas, SP, 1999.
- PEARLMAN, Myer. Conhecendo as Doutrinas da Bíblia, Emprevan, 1968.
- _____. Conhecendo as Doutrinas da Bíblia. Editora Vida, 1990, Deerfield, Florida-EUA.
- REA, John. El Espíritu Santo em La Bíblia, Miami, Flórida, EUA, 2004, Patmos.
- RICHARDS, Lawrence O. Guia do Leitor da Bíblia. CPAD, 2005, Rio de Janeiro-RJ.
- RIENECKER, Fritz & ROGERS, Cleon. Chave Linguística do Novo Testamento Grego. Trad. Gordon Chown. Edições Vida Nova, São Paulo: 1995.
- ROBERTS, Alexander, DD & DONALSON, LL.D. Tertuliano — Contra Práxeas. Ante-Nicene Fathers, 10, vols. Massachusetts, USA: Hendrickson Publishers, 1994.
- ROBERTSON, A.T. Imágenes Verbales en el Nuevo Testamento, 6 tomos.

Barcelona, España: Editorial Clie, 1990.

SCHAFF, Philip. The Creeds of Christendom, 3 vols. Grand Rapids, Michigan, USA: Baker Books, 1993.

SILVA, Severino Pedro da. A Vida de Cristo. CPAD, 2ª. Edição, 2000.

SMITH, James. Handfuls on Purpose. Hendrickson Publishers, volume 3, january 2004, Peabody, Massachusetts, USA.

SPANGLER, Ann. Encontros com Anjos. Editora Vida, 1996, São Paulo-SP.

STAGG, F., Teol.del Nuevo Test., CPB, 1976

STRONG, Augustus H. Teologia Sistemática. S. Paulo: Editora Teológica, 2002.

TAYLOR, Richard S. Dicionario Teológico Beacon. Kansas City, MO, USA: Casa Nazarena de Publicaciones, 1995.

THAYER, Joseph Henry. A Greek-English Lexicon of the New Testament. Grand Rapids, MI, USA: Zondervan Publishing House, 1991.

THIESSEN, Henry Clarence. Palestras em Teologia Sistemática. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2001.

TILLICH, Paul. História do Pensamento Cristão. São Paulo: Aste, 2004.

_____. Teologia Sistemática. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal/Est, 2005.

VÁRIOS. Catecismo na Igreja Católica. Editora Vozes, Paulinas, Edições Loyola, Editora Ave-Maria, 1993, São Paulo-SP.

_____. Teologia Sistemática Pentecostal, CPAD.

VINE, W. E.& UNGER, Merril F. & WHITE JR., William. Dicionário Vine. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

ZIBORDI, Ciro Sanches. Erros que os Pregadores Devem Evitar. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

_____. Evangelhos que Paulo Jamais Pregaria. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

_____. Perguntas Intrigantes que os Jovens Costumam Fazer. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.



O ensino teológico além das fronteiras.

**Rua Antônio José de Oliveira, 1180 – São Carlos
Caixa Postal 241 - 86800-490 - Apucarana - PR
Fone/Fax: (43) 3426-0003 / Celular: (44) 9131-6417
E-mail: contato@cetadeb.com.br
Site: www.cetadeb.com.br**